

XVI ENCONTRO DA REGIONAL SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL
ABRAPSO

Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil:
implicações para a práxis psicossocial



21 a 23 de abril de 2023
Taubaté (SP)

Realização



Patrocinadora



Apoio



**MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

**DEPARTAMENTO
DE PSICOLOGIA**



EXPEDIENTE

Realização

ABRAPSO – Regional São Paulo (Gestão 2022-2023)

regionalsp@abrapso.org.br

<http://abrapso.org>

Organizadora Local

ABRAPSO Núcleo Vale do Paraíba

abrapsovaldoparaibasp@gmail.com

Patrocinadora

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

Apoio

Universidade de Taubaté - UNITAU

Mestrado em Desenvolvimento Humano (MDH - UNITAU)

Departamento de Psicologia (UNITAU)

Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Associação Brasileira de Psicologia Social

<http://www.abrapso.org.br>

abrapso@abrapso.org.br

Edição e Diagramação

Maria Cristina Dancham Simões

REGIONAL SÃO PAULO ABRAPSO
COORDENAÇÃO 2022-2023

Vice-presidenta: Silvana Cardoso Brandão
Secretária: Mariana Serafim Xavier Antunes
Tesoureira: Victoria Soares Vidal
Suplentes: Gil Gonçalves Junior
Fernando A. F. do Nascimento

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carlos Roberto de Castro e Silva (Unifesp)
Núcleo Baixada Santista

Cecília Pescatore Alves (PUC-SP)
Núcleo Vale do Paraíba

Cinara Brito de Oliveira (Unisa)
Núcleo São Paulo

Débora Cristina Fonseca (Unesp-Rio Claro)
Núcleo Nordeste Paulista

Deivis Perez (Unesp-Assis)
Núcleo Popular

Fernando A. Figueira do Nascimento (USP)
Regional São Paulo

Juliana S. Corbett (IBAP e Associação Paulista ACP)
Núcleo Campinas

Luis Guilherme Galeão-Silva (USP)
Núcleo São Paulo

Maria Cristina Dancham Simões (Unip e PUC-SP)
Núcleo Vale do Paraíba

Maria Dionísia do Amaral Dias (Unesp-Botucatu)
Núcleo Cuesta

Maria Izabel Calil Stamato (in memorian)
Núcleo Baixada Santista

Sandra Assis (Unip)
Núcleo Grande ABC

Silvana Cardoso Brandão (PUC-Campinas)
Regional São Paulo

Sueli Terezinha Ferrero Martin (Unesp-Botucatu)
Núcleo Cuesta

COMISSÃO ORGANIZADORA

Daniel Manfrin
Núcleo Bauru

Fernando A. F. do Nascimento
Regional São Paulo

Gabriela Milaré Camargo
Núcleo São Paulo

Jéssica A. Carvalho
Núcleo Popular

Maria Cristina Dancham Simões

Núcleo Vale do Paraíba

Mariana Serafim Xavier
Regional São Paulo

Nilson de Jesus Oliveira Leite Jr
Núcleo Popular

Ruchelli Ercolano
Núcleo Popular

Sandra Assis
Núcleo Grande ABC

Silvana Cardoso Brandão
Regional São Paulo

Victoria Soares Vidal
Regional São Paulo

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

André Luiz da Silva (UNITAU)
Cecília Pescatore Alves (PUC-SP)
Leandro Roberto Neves (UFF)
M^ã Cristina Dancham Simões (Unip e PUC-SP)
Rachel Duarte Abdala (UNITAU)
Régis de Toledo Souza (UNITAU)
William J. de Oliveira (Prefeitura de Paraibuna)

MONITORIA

Coordenação:
Gil Gonçalves Jr
Mariana Serafim Xavier Antunes
Nilson de Jesus Oliveira Leite Jr

Ayla de Freitas Camillo
Claudia Camilo de Oliveira
Cristiana Faria Goulart
Francisco Renner Santos Carvalho
Gabriel Menezes
Gabriele dos Santos Almeida
Isabella Sousa Santos
Jeniffer Sousa Evangelista Menezes
Manoela Sene de Oliveira
Maria Carolina Gomes de Souza
Mário Lázaro Cardinale Gomes dos Santos
Monica Milena Murakami
Nádia Uana Bôa Ventura Fabian
Nélia Ribeiro Oliveira
Rosilda Aparecida de Melo Campos
Samuel Francisco Tomé Neto
Syamala Martins Botero

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| EXPEDIENTE | 1 |
| SOBRE A ABRAPSO | 1 |
| SOBRE O XVI ENCONTRO REGIONAL SÃO PAULO DA ABRAPSO | 2 |
| EIXOS TEMÁTICOS | 3 |
| PROGRAMAÇÃO GERAL..... | 6 |
| ATIVIDADES..... | 7 |
| QUINTA-FEIRA 20/4/23 | 7 |
| SEXTA-FEIRA 21/4/23..... | 9 |
| SÁBADO 22/4/23..... | 14 |
| DOMINGO 23/4/23..... | 18 |
| RESUMOS | 19 |
| MESAS REDONDAS..... | 19 |
| MINICURSOS | 27 |
| RODAS DE CONVERSA | 31 |
| TRABALHOS APRESENTADOS | 46 |

SOBRE A ABRAPSO

Fundada em 1980, a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) constitui-se em importante espaço de intercâmbio que visa promover o desenvolvimento de estudos, pesquisas e outros trabalhos que têm por objetivo a visualização dos problemas sociais que a realidade brasileira tem apresentado à Psicologia Social, a partir de um posicionamento crítico. É composta por profissionais e estudantes, em processo de graduação ou pós-graduação, que, por meio do ensino, investigação, aplicação ou difusão, contribuem para o desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil.

São objetivos da ABRAPSO:

- a) Congregar pessoas que se interessam pelo desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil;
- b) Garantir e desenvolver as relações entre pessoas dedicadas ao estudo, ensino, investigação e práxis da Psicologia Social no Brasil;
- c) Propiciar a difusão e o intercâmbio de informações sobre o desenvolvimento do conhecimento e prática da Psicologia Social;
- d) Promover a integração da Psicologia Social com outras áreas do conhecimento que atuem em uma perspectiva social crítica;
- e) Incentivar e apoiar institucionalmente o desenvolvimento de ações no campo social e comunitário.

Para atingir suas finalidades, a ABRAPSO desenvolve as seguintes atividades:

- a) Realiza encontros locais, regionais e nacionais, bem como promove, ministra, realiza, organiza, assiste, incentiva e participa de atividades técnico-científicas, inclusive congressos, cursos, palestras, seminários, debates, conferências e reuniões;
- b) Promove a edição e publicação de trabalhos em geral, de interesse para o desenvolvimento da Psicologia Social;
- c) Mantém relações institucionais de âmbito nacional e internacional visando o desenvolvimento da cooperação com entidades afins.

A gestão da ABRAPSO é realizada por um Conselho Diretor, formado pela diretoria nacional, vice-presidências regionais e coordenações de núcleos. Atualmente, são oito as Regionais da ABRAPSO e 41 os núcleos locais. A Regional São Paulo é formada pelos núcleos: Assis, Baixada Santista, Bauru, Campinas, Cuesta, Grande ABC, Mogi das Cruzes e Alto Tietê, Nordeste Paulista, Noroeste Paulista, Popular, São Paulo, Sorocaba e Vale do Paraíba.

SOBRE O XVI ENCONTRO REGIONAL SÃO PAULO DA ABRAPSO

Chegamos ao XVI Encontro Abrapso da Regional São Paulo!! Ele acontecerá na cidade de Taubaté/SP, entre os dias 20 e 23 de abril de 2023.

A Psicologia Social se constrói no cotidiano de suas práticas. Nos trabalhos com os grupos, nas instituições e na escuta do sofrimento dos indivíduos. Ela se presentifica na construção contínua das políticas públicas e nas estratégias de enfrentamento às desigualdades sociais e na afirmação dos Direitos Humanos. A Psicologia Social também se faz nos espaços acadêmicos, nas pesquisas, nas atividades com os movimentos sociais e nas lutas cotidianas pela vida e pelo futuro. Ela se coloca também na construção de uma sociedade justa e no enfrentamento da exploração e opressão: não se trata de descrever o mundo, como a tese que nos inspira, trata-se de transformá-lo. Assim, o papel, os limites e as potências da Psicologia Social são frequentemente colocados em debate, já que a busca por construir rupturas com uma psicologia social adaptacionista e a-histórica, que em última análise reafirma as formas de violência de nossa sociedade, exige também que nos debruçemos sobre nossos fundamentos teóricos e metodológicos, sobre nossa práxis e o seu papel político.

A temática de nosso Encontro, *Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil: implicações para a práxis psicossocial*, busca contribuir não somente nos debates a respeito das determinações histórico-políticas que encontramos em nossa atualidade. Em um momento que as noções de liberdade e democracia são posicionadas no centro do debate político por grupos e partidos de extrema-direita, em que os ataques aos direitos da classe trabalhadora se intensificaram e ainda aguardam por uma resposta efetiva e intransigente, a violência contra os povos tradicionais alcança dimensões ainda mais bárbaras, torna-se fundamental para a Psicologia Social novamente refletir sobre sua práxis.

Assim, as formas de exploração e dominação capitalista como um dos determinantes para a produção do sofrimento psíquico, as expressões cotidianas das lutas de classes e as noções de democracia e práxis se apresentam como organizadores de nossos debates.

EIXOS TEMÁTICOS

1 - HISTORICIDADE E PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

Este eixo tem por objetivo receber trabalhos que se dediquem à pesquisa histórica sobre a constituição da Psicologia Social no Brasil - assim como das vertentes da Psicologia que se dedicaram ao estudo de fenômenos sociais - e que possibilitem a reflexão do sentido e das direções que a Psicologia Social Crítica alcançou nos séculos XX e XXI. Se a Psicologia nas primeiras décadas do século XX esteve ligada às discussões sobre a modernização do país, entendida também como aprimoramento do povo e da raça, através do uso da categoria "adaptação-ajustamento" dos sujeitos às demandas do desenvolvimento econômico, a Psicologia Social Crítica, por seu turno, marcou uma descontinuidade. Não somente pela elaboração de novas categorias para a análise dos grupos e da sociedade, mas principalmente, por manter em seu horizonte ético-político a emancipação dos povos latino-americanos e a possibilidade de colaboração para a superação das formas de exploração e dominação capitalista. Em um tempo de acirramento das lutas de classes, faz-se necessário retomar o sentido da crítica e sua importância para a constituição da práxis psicossocial emancipadora. Reafirmar o compromisso ético-político no interior da Psicologia Social Crítica implica em analisar e compreender quais respostas teóricas, metodológicas e práticas ela tem oferecido aos povos latino-americanos no sentido de sua emancipação e quais os obstáculos que encontra em seu presente.

2 - FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICAS ATUAIS EM PSICOLOGIA SOCIAL

Neste eixo serão reunidos relatos de práticas voltadas para a formação, pesquisa e intervenções extensionistas, que tragam reflexões teóricas e metodológicas sobre a constituição da práxis social crítica, orientadas para a construção de uma sociedade democrática, mais justa e igualitária. Espera-se acolher experiências formativas que apontem para a superação de concepções baseadas em preconceitos, estigmas e perpetuação da exclusão social e do sofrimento ético-político. Saberes que rompam com visões naturalizantes dos fenômenos psicológicos, que colaboraram para a manutenção das relações de dominação e opressão, negando a responsabilidade do Estado e da sociedade em fenômenos de ordem psicossocial. Assim, este eixo privilegiará a difusão de saberes que colaborem para o exame diligente e crítico das práticas na área da psicologia social situadas no bojo das ações comunitárias, das políticas públicas e das atividades das organizações da sociedade civil e dos movimentos sociais

3 - MOVIMENTOS SOCIAIS E AÇÕES COLETIVAS: ENFRENTAMENTOS E TRANSFORMAÇÕES

No presente eixo serão registrados reflexões e saberes sobre a práxis psicossocial junto aos movimentos sociais e coletivos em luta pela garantia de direitos. Dessa forma, compreendemos os movimentos sociais como campo de atividade política e de ação coletiva protagonizados por sujeitos mobilizados pela construção de um projeto societário diametralmente oposto ao modelo capitalista. As disputas políticas e lutas sociais construídas na exterioridade das configurações institucionais exigem a assunção de uma perspectiva antifascista, antirracista, anticapitalista e anti-imperialista. As práticas autoritárias, coloniais e privatistas, históricas em nosso país, solicitam que elas sejam submetidas a um amplo debate e ensejam mobilizações, considerando seus impasses, possibilidades e potencialidades. As ações organizadas para o enfrentamento do poder do Estado e dos interesses econômicos e mercantis demandam discussões teóricas diversas e plurais, pautadas por análises de distintas configurações de vivências sociais alternativas. Deste modo, o eixo espera receber trabalhos que abordem: a) experiências de militância e de novos modos de produção de subjetividades e de existências; b) atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco em estratégias de enfrentamento e superação do capitalismo; c) registros das ações e vivências produzidas no bojo de movimentos populares, coletivos, grupos de economia solidária, ecológicos e outros dedicados a fomentar (promotores) políticas públicas, as quais sejam orientadas para transformações e para a redução das desigualdades sociais, violências e arbitrariedades observadas na contemporaneidade.

4 - DESIGUALDADES SOCIAIS, POBREZA, VIOLÊNCIAS ESTRUTURAIS E SOFRIMENTOS NO NEOLIBERALISMO

As atuais crises sanitária, econômica e política, agravadas pelas políticas neoliberais estabelecidas em íntima relação com o conservadorismo e o neofascismo mundial, aprofundaram a desigualdade social e a pobreza extrema em nosso país. Da mesma forma, ao revelarem ainda mais as contradições entre as políticas efetivadas pelo Estado na defesa dos interesses das elites econômicas e as necessidades da classe trabalhadora, explicitaram a miséria e a fome que se espalhou pelo Brasil enquanto os mais ricos continuam a lucrar e aumentar suas fortunas. Serão aceitas reflexões e proposições acadêmico-científicas, profissionais e militantes que possam contribuir para a compreensão da complexidade das violências estruturais, dos sofrimentos ético-políticos e de seu enfrentamento apontando as suas intersecções e transversalidades. É por meio da articulação de diferentes eixos permeados pela luta de classes, pela luta anti-imperialista e pela luta anticolonial, que os combates ao racismo, à dominação de gênero e das sexualidades, à colonização da natureza, o controle do trabalho, o controle das práticas religiosas e do pensamento eurocêntrico e estadunidense que

se produzem novas formas de enfrentamento políticos. Com isso, objetivamos constituir subsídios para o desenvolvimento de práticas psicossociais que se coloquem em compasso com a transformação de nossa realidade.

5 - POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO NEOLIBERAL: ASSISTÊNCIA SOCIAL, EDUCAÇÃO, SAÚDE E TRABALHO

O avanço do capitalismo em sua faceta neoliberal no Brasil e no mundo tem a sua gênese na apropriação privada de bens materiais e culturais, produzidos socialmente, e na exploração extremada da classe trabalhadora, atravessadas pela opressão racial, de gênero, e pela rejeição dos indesejáveis e invisíveis - indígenas, comunidades tradicionais, população em situação de rua. Esta dinâmica agrava a desigualdade social e, associada ao desmonte das políticas públicas, intensifica a miserabilidade da população e impulsiona antigas e novas formas de sofrimento ético-político. Esse processo possui nexos com as políticas públicas de Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho, as quais registram a precarização da atuação dos profissionais destas áreas, que dificultam o acesso da população aos serviços públicos de qualidade socialmente referenciada. Este eixo tem como objetivo reunir relatos que levem a reflexões teóricas e metodológicas acerca da práxis social crítica na perspectiva de construção de uma sociedade democrática, mais justa e igualitária. Os trabalhos submetidos neste eixo poderão ser para qualquer das áreas e suas interfaces, em forma de: resultados de pesquisas; relatos de experiência; propostas de atuação; estratégias de enfrentamento ao desmonte de políticas públicas; propostas para políticas públicas, dentre outros.

PROGRAMAÇÃO GERAL

| | QUINTA 20/4 | SEXTA 21/4 | SÁBADO 22/4 | DOMINGO 23/4 |
|---------|---|--|---|--|
| 9h-11h | | Mesa 1 | Mesa 4 Mesa 7 | 9h-12h Assembleia |
| 11h-13h | Credenciamento | Roda 1 Rodas 4 e 7 Roda 8 Roda 11 Roda 15 | Roda 1 Rodas 4 e 7 Roda 8 Roda 11 Roda 15 | |
| 14h-16h | Minicursos | Roda 2 Roda 5 roda 9 Rodas 3 e 13 Roda 10 Roda 16 | Roda 5 Roda 6 Roda 9 Roda 12 Rodas 3 e 13 | Encerramento com Atividade Cultural |
| 17h-18h | | Atividade Cultural | Atividade Cultural | |
| 18h-21h | 18h Atividade Cultural 18h30 Abertura 19h-22h Mesa de Abertura | Mesa 2 Mesa 3 | Mesa 5 Mesa 6 | |

Endereço do local do evento:

Universidade de Taubaté – Campus Bom Conselho
Avenida Tiradentes, 500, Bom Conselho, Taubaté
[Link para Google Maps](#)

Secretaria: hall do anfiteatro

ATIVIDADES

QUINTA-FEIRA 20/4/23

| | |
|-----------------|---|
| 11h | CREENCIAMENTO |
| | Secretaria Sala |
| 14h-16h | MINICURSOS |
| 14h-16h Sala | <p>MINICURSO 1 Vivência: Jogo No Lugar Dela - Políticas públicas para mulheres em situação de violências <i>Eixo 3. Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações</i></p> <p>Proponentes: Núcleos Mogi das Cruzes e Alto Tietê e São Paulo Victória Soares Vidal Mariana Serafim Xavier Antunes</p> |
| 14h-16h Sala | <p>MINICURSO 2 Caminhos da Psicologia Social Crítica a partir das contribuições de Silvia Lane <i>Eixo 1. Historicidade e Psicologia Social Crítica</i></p> <p>Proponente: Comissão História e Memória da Regional São Paulo Fernando A. Figueira do Nascimento Alexandre Pito Giannoni Sueli Ferrero Martin Silvana Cardoso Brandão Francisco Greco</p> |
| 14h-16h Sala | <p>MINICURSO 3 Negrxs e Universidade: as encruzilhadas da formação identitária no contexto universitário brasileiro. Identidades Políticas e Políticas de Identidade <i>Eixo 2. Formação, Pesquisa e Práticas Atuais em Psicologia Social</i></p> <p>Proponente: Núcleo São Paulo Felipe Corrêa dos Santos Henrique Almeida Silva Galrão</p> |
| 14h-16h Sala | <p>MINICURSO 4 Por uma prática revolucionária: Desafios e Conquistas da Inclusão Social pelo Trabalho junto aos Usuários dos Serviços de Saúde Mental <i>Eixo 3. Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações</i></p> <p>Proponente: Núcleo Cuesta Deborah Mendes Araújo de Andrade</p> |
| 18h-21h | ABERTURA |
| Auditório | <p>18h Atividade Cultural Microfone aberto</p> <p>18h30 Cerimônia de Abertura Silvana Cardoso Brandão (Vice-presidenta da Abrapso Regional São Paulo) Chefe do Departamento de Psicologia Pró-reitora de Extensão Régis de Toledo Souza (Presidente da Comissão Organizadora Local)</p> |

19h Mesa de abertura**Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil****Palestrantes:**

Diego Martins Dória Paulo (UFF)

Mediação: Silvana Cardoso Brandão

SEXTA-FEIRA 21/4/23

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| 9h-11h | MESA REDONDA 1 | | |
| Sala | <p>Incumbências da Psicologia Social no ethos misógino, machista e racista do capitalismo <i>Eixo: 3 - Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações</i> <i>Proponente: Núcleo Popular</i></p> <p>Palestrantes: Paulo Vitor Navasconi Thainá Costa Mediação de: Ruchelli Stanzani Ercolano</p> | | |
| 11h-13h | RODAS DE CONVERSA | | |
| 11h-13h Sala | <p>Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia <i>Elisa Harumi Musha, Sandra Assis e Graça Lima</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 5 | O papel psíquico do privilégio na formação do núcleo rígido do Bolsonarismo | Beatriz Taldivo |
| | 36 | Ubuntu e Bem Viver: A atuação do Coletivo Antirracista Neusa Santos | Bruna Rodrigues dos Santos Renata Leal Moreira |
| | 38 | Relato de caso: um estudo sobre dimensões psicossociais no contexto da aposentadoria | Ruth Santos Wilson José Alves Pedro |
| | 63 | A obra de arte como estratégia potencializadora da Psicologia Social Crítica | Ana Silvia Ariza de Souza Diana Figueira Kamada Giovanna Agostinho de Araújo |
| | 86 | Vivências afetivas na formação em psicologia: andanças de uma pesquisadora no cotidiano ou caminhos para saúde ético-política | Elisa Harumi Musha Bader Burihan Sawaia |
| 11h-13h Sala | <p>Roda 4. "Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social</p> <p>Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana" <i>Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano, Thainá Costa, Jéssica Magalhães Andrade e Taline de Lima e Costa</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 35 | O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos sob uma perspectiva afrocentrada | Ana Rosa Bernardo Yvanna da Silva Brito Juliana Gomes da Silva |
| | 3 | Para que se exercitar? Quando o discurso de saúde promove adoecimento e sofrimento | Tatiane Siro Goulart Geovana de Castro Alves Felipe Oliveira |
| | 4 | Pessoas Trans e os profissionais de Saúde: Sofrimento ético político e acolhimento | Danilo Monteiro Felipe Oliveira Rachel de Aguiar C. Mazzarino |
| | 65 | Projetos de Vida de Jovens autores de ato infracionais, uma experiência com a poesia Slam. | Sueli Caetano Coppi Juliana Maria L. D. Eigenheer Débora Cristina Fonseca |

| | | | |
|-----------------|--|---|---|
| | 6 | A consciência da classe trabalhadora em tempos de uberização do trabalho: aproximações iniciais a partir da psicologia social | Carlos Eduardo Meireles Livia Gomes dos Santos |
| | 53 | A construção de saberes e práticas advindos do social em benefício da classe trabalhadora: um desafio e um compromisso da Psicologia Social | Deivis Perez Ruchelli Stanzani Ercolano |
| 11h-13h Sala | Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direitos <i>Lais Claro Oliveira e Vanessa Pereira Cândido</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 15 | Visita domiciliar na Assistência Social: uma prática psicológica crítica | Letícia José Cardoso Júlia Reginaldo de Oliveira |
| | 14 | Prática psicológica no SUAS: (im)possibilidades de trabalho | Júlia Reginaldo de Oliveira Letícia José Cardoso |
| | 24 | Políticas públicas: críticas ao sistema SUS e SUAS e possíveis melhorias | Leonardo Oliver |
| | 58 | Estigmatização, violências e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas | Mariana Cunico da Silva José Diogo de Oliveira Gomes Debora Cristina Fonseca Kauê Frolini Pedro dos Santos |
| 11h-13h Sala | Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social <i>Ana Carolina Lemos Pereira, Débora Cristina Fonseca, Pablo Ancassuere e Silvana Brandão</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 10 | Políticas públicas e luta por democracia na educação: a ocupação de escolas por estudantes secundaristas | Felipe Oliveira |
| | 61 | Como políticas públicas representam os problemas que elas prevêm endereçar? Reflexões metodológicas a partir de um estudo de políticas de atenção a crianças e adolescentes no contexto de Uganda | Gabriela Milaré Camargo |
| | 57 | Jovens em conflito com a lei no entrecruzar do fazer das políticas públicas de assistência social e educação: resistências e potencialidade para a emancipação. | Débora Cristina Fonseca Sueli de Fátima Caetano Coppi Juliana Maria L. D. Eigenheer |
| | 69 | Lutar, resistir e esperar: o enfrentamento do desmonte das políticas públicas de gestão de resíduos sólidos em uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis | Ana Carolina Lemos Pereira |
| 11h-13h Sala | Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial <i>Fernando A. Figueira do Nascimento, Gil Gonçalves e Raquel Morales</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 21 | Serguei Rubinstein e a História da Psicologia: Contribuições para o Avanço da práxis na Psicologia Social | Alexandre Pito Giannoni |
| 22 | Questões históricas sobre o jovem infrator desde a psicologia soviética: Contribuições para a psicologia social brasileira | Jesse Souza Lima Alexandre Pito Giannoni | |

| | | | |
|-----------------|---|--|---|
| | 29 | O gênero e o feminino nas entrelinhas das categorias fundamentais da Psicologia Social apresentadas em O homem em movimento | Roberta Rezende Almada Jaqueline de Barros Ribeiro Felipe Bertone Juliana Santana da Silva |
| | 34 | O Memorial Marcus Matraga | Yasmin Pereira Elisa Zaneratto Rosa |
| 14h-16h | RODAS DE CONVERSA | | |
| 14h-16h Sala | <p>Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras</p> <p>Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19</p> <p><i>Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 27 | Regulação Emocional no retorno às aulas do Ensino Médio: pandemia do COVID-19 | Joyce Rodrigues Ferreira Edna Lúcia Tinoco Ponciano |
| | 32 | Políticas de identidade: Desafios e possibilidades emancipatórias na Educação dos jovens universitários no contexto da Pandemia da COVID-19. | Bruno Yoshio Hara Leandro Marques Cabriliano Cecília Pescatore Alves |
| | 44 | Capacidade de ação e fatalismo na busca pela libertação: ações da psicologia na escola | Ana Julia Pereira Campos Lais de Castro Raquel Souza Lobo Guzzo |
| | 8 | Significações sobre a pandemia Covid-19: Um estudo com profissionais de saúde de São José dos Campos – SP | Thaís Caroline Alves de Oliveira |
| | 18 | Saúde mental dos professores de Ensino Fundamental II e Médio na pandemia da Covid-19 | Michele Moreira dos Santos Alexandro da Silva Danilo Augusto Monteiro |
| 14h-16h Sala | <p>Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos</p> <p><i>Gabriela Milaré, Gláucia Tais Purin, Mariana Serafim Xavier Antunes e Victoria Soares Vidal</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 28 | O enfrentamento a violência doméstica e saúde: o potencial da terapia comunitária em território vulnerável | Josilene Brandão de Souza Carlos Roberto de Castro e Silva |
| | 79 | Acesso às Políticas Públicas: Experiências de mulheres em situação de violências em Mogi das Cruzes | Victoria Soares Vidal Tatiana Ribeiro de Campos Mello |
| | 82 | Mulheres que figuram como vítimas de violência por parceiro íntimo e a repetição do não-lugar: o real intransponível do sofrimento sociopolítico na rua. | Tacianna Pedrosa |
| 55 | O consumo de pornografia e seus efeitos: contribuições de profissionais que tratam questões relativas à sexualidade | Lílian Mirele da Silva Benedito Felipe Oliveira | |
| 14h-16h Sala | <p>Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira</p> <p><i>Cecília Pescatore Alves, Claudio Ramos de Souza dos Santos e Maria Cristina Dancham Simões</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |

| | | | |
|-----------------|--|--|---|
| | 19 | Movimento negro contemporâneo e articulação política | Mírian Garrido |
| | 17 | O Negro e a Universidade: Identidade Metamorfose frente às relações contraditórias da educação superior regulatória (colonizadora) | Felipe Corrêa dos Santos Cecília Pescatore Alves |
| | 54 | ECA e educação em direitos humanos na escola de ensino fundamental | Nathara Cristina Capobianco Débora Cristina Fonseca Juliana Duarte Eigenheer |
| | 56 | Protagonismo juvenil na fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard: experiências vividas por adolescentes de um projeto educacional | Claudio Gonçalves Mendes Galiotto Débora Inácia Ribeiro |
| | Roda 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade <i>Charles José Roque, Daniel Fernando Manfrin, Deborah Mendes Araújo de Andrade, Jhony Lucas Ribeiro Paes e Maria Dionísia do Amaral Dias</i> | | |
| 14h-16h Sala | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 68 | O trabalho invisível na saúde: percepções de riscos, cargas e desgastes de trabalhadores da limpeza em hospital terciário. | Maria Dionísia do Amaral Dias Pedro M. da Rocha Ramos Larissa Ferracine Molero Douglas Vieira Rocha |
| | 20 | As emoções e o sentido do trabalho nas casas de acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social | Sofia Gaspar Maria Ana Clara Aguiar Padilha Heloísa Aparecida de Souza |
| | 39 | Grupo Reagir: uma proposta de apoio a trabalhadores | Pedro Monteiro da Rocha Ramos Douglas Vieira Rocha Ana Cristina Akemi Imai Maria Dionísia do Amaral Dias |
| | 43 | A práxis de uma psicóloga em um Centro De Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas II: intercedendo na construção da clínica ampliada | Tatiane Lemos Ramos Sílvio José Benelli |
| | Roda 16. O sofrimento e o cuidado ético-político: afetos vividos ou produzidos na interface com a política <i>Clarissa Borges, Elisa Harumi Musha, Fernando A. Figueira do Nascimento, Graça Lima e Mariana Serafim Xavier Antunes</i> | | |
| 14h-16h Sala | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 2 | Cárcere versus Direitos Humanos: estrutura e mudança | Marcos Alexandre Alves |
| | 9 | Compromisso ético e político da psicologia na inserção social de pessoas trans: possibilidades e contextos. | Maria Clara Paiva Ana Luiza Bueno Galvão Heloisa Aparecida de Souza Sofia Fernandes Vannuchi |
| | 47 | Orientação sexual e acesso à saúde: o estigma como barreira ao exercício de direito social | Ingrid Alves Conceição Luiz Augusto de Paula Souza |
| | 62 | A arte como peça fundamental da relação entre indivíduo e sociedade na luta pelos direitos da comunidade LGBTQ+ | Giovanna Agostinho de Araujo Kellyane Martins Lopes Ana Silvia Ariza de Souza |
| 17h-18h | ATIVIDADE CULTURAL | | |
| | | | |
| 18h-20h | MESAS REDONDAS | | |

| | |
|------|--|
| Sala | <p>MESA REDONDA 2 Capitalismo e neoliberalismo: desafios às práxis psicossociais <i>Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo</i> <i>Proponente: Núcleo Vale do Paraíba</i></p> <p>Palestrantes: André Luiz da Silva Leandro Roberto Neves Mediação de: Régis de Toledo Souza</p> |
| Sala | <p>MESA REDONDA 3 Os novos e velhos problemas: capitalismo e luta de classes após as eleições <i>Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo</i> <i>Proponente: Núcleo Baixada Santista</i></p> <p>Palestrantes: Emílio Gennari Cientista Social e Educador Popular Gil Gonçalves Júnior</p> <p>Mediação de: Sueli Terezinha Ferrero Martin</p> |

SÁBADO 22/4/23

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| 9h-11h | MESAS REDONDAS | | |
| 9h-11h Sala | <p>MESA REDONDA 4 Psicologia, racismo e exclusão social: a historiografia da psicologia como estratégia de análise <i>Eixo: 1 - Historicidade e Psicologia Social Crítica</i> <i>Proponente: Núcleo Grande ABC</i></p> <p>Palestrantes: César Rota Júnior Taffarel Ramires Fernandes Mediação de: Sandra Luzia Assis da Silva</p> | | |
| 9h-11h Sala | <p>MESA REDONDA 7 Sofrimento psíquico no trabalho: consciência racial e aquilombamento <i>Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo</i> <i>Proponente: Núcleo São Paulo</i></p> <p>Palestrantes: Juliana Bittencourt das Neves Denise Barrozo Mediação de: Cinara Brito de Oliveira</p> | | |
| 11h-13h | RODAS DE CONVERSA | | |
| 11h-13h Sala | <p>Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia <i>Elisa Harumi Musha, Sandra Assis e Graça Lima</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 33 | A ausência de professores pretos no ensino superior público e privado: representatividade e a construção da autoestima intelectual de alunos pretos | Beatriz Alves Ribeiro Carolina Santos Teixeira |
| | 75 | A invisibilidade do decolonial e antimanicomial dentro da construção universitária | Ana Lúcia Guedes Cattache Giovanna M. Q. de Paula |
| | 85 | Grupo de Escuta: inclusão e acolhimento de estudantes bolsistas em universidades particulares | Sarah Oliveira de Souza Elisa Harumi Musha Gianpedro Pinto Fogagnoli |
| | 84 | Grupo de Escuta: Afetos no processo de tornar-se psicólogo | Milena Mendes Chiodi Letícia Akemi Sugi Mogami Elisa Harumi Musha |
| 40 | Pessoas em situação de rua e a produção na Pós-graduação na Psicologia brasileira: uma revisão sistemática da literatura | Nilson de Jesus Oliveira Leite Jr Antonio Euzébios Filho | |
| 11h-13h Sala | <p>Roda 4. "Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana" <i>Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano, Thainá Costa, Jéssica Magalhães Andrade e Taline de Lima e Costa</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| | 49 | Ser mulher na sociedade capitalista patriarcal racista burguesa | Ruchelli Stanzani Ercolano Deivis Perez |
| | 83 | A prática psicológica no SUAS: contornando a Psicologia a partir de uma perspectiva histórico-ontológica | Jéssica Magalhães Andrade |
| | 46 | Sentidos do trabalho informal para mulheres negras referenciadas em um Centro de Referência de Assistência Social | Thainá da Silva Costa Deivis Perez Bispo dos Santos Ruchelli Stanzani Ercolano Jéssica Araújo de Carvalho |
| | 50 | A Dialética e o movimento transformador | Taline de Lima e Costa Deivis Perez Bispo dos Santos |
| | 11 | A relação entre saúde e trabalho da empregada doméstica | Cristiana Faria Luiz Felipe Silva Davidson Passos Mendes |
| 11h-13h Sala | Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direitos <i>Lais Claro Oliveira e Vanessa Pereira Cândido</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 66 | Relação família-escola: percepções das mulheres responsáveis de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (LA) sobre a escola e a educação | José Diogo Oliveira Gomes Mariana Cunico Da Silva Débora Cristina Fonseca Kauê Frolini P. dos Santos |
| | 73 | Uma análise paradigmática do campo da assistência social: problematizando o “trabalho social” em tempos de pandemia coronavírus (Covid-19) em contexto neoliberal no Brasil | Virgílio Alves Silvio José Benelli |
| | 64 | A atuação da escola e do serviço de medida socioeducativa na construção do projeto de vida de jovens autores de atos infracionais | Juliana Maria Luccas Duarte Eigenheer Sueli de Fátima C. Coppi Débora Cristina Fonseca |
| | 87 | Da orla às palafitas: uma análise do percurso formativo interdisciplinar em psicologia e políticas públicas | Beatriz Ferreira Pontes |
| 11h-13h Sala | Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social <i>Ana Carolina Lemos Pereira, Débora Cristina Fonseca, Pablo Ancassuere e Silvana Brandão</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 51 | Neoliberalismo e Precarização do Sujeito | Piettra Maschio da Silva André Luiz da Silva |
| | 76 | Atuação da Psicóloga Social na educação profissionalizante: tensões e possibilidades | Iara Santos Soares |
| 59 | Adolescência na visão de profissionais de saúde da Atenção Primária à Saúde: uma revisão narrativa | André Souza dos Anjos Carlos Roberto de Castro e Silva | |
| 11h-13h Sala | Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial <i>Fernando A. Figueira do Nascimento, Gil Gonçalves e Raquel Morales</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 77 | Da perspectiva adaptacionista à noção de emancipação: os caminhos da Psicologia Social no Brasil | Fernando A. Figueira do Nascimento |

| | | | |
|----------------|---|---|---|
| | 78 | Loucura, gênero e raça: o discurso psiquiátrico na Revista Médica de S. Paulo (1898-1914) | Raquel Saad de Avila Morales Belinda P. Haber Mandelbaum M ^a Cristina da Costa Marques |
| | 71 | Praça Roosevelt: contribuições Psicanalíticas e da Psicologia Social Crítica aos conflitos de vizinhança | Maria Cristina Itagiba Fonseca Belinda P. Haber Mandelbaum |
| | 41 | A psicóloga social por trás da psicóloga esportiva | Priscila Vieira de Almeida |
| 14h-16h | RODAS DE CONVERSA | | |
| | <p>Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras</p> <p>Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19</p> <p><i>Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| 14h-16h Sala | 42 | Afetos sobre a avaliação da aprendizagem na Pandemia da COVID-19: contradição entre o instituído e as orientações | Ana Paula Barbosa Maria Eliza M. Bernardes |
| | 31 | Afetos vivenciados através da música por adolescentes durante a pandemia | Laura Rodrigues Magalhães Matheus H. da Silva Rocha Vera Lucia Trevisan Souza |
| | 67 | (Re)conhecendo os sentidos atribuídos ao trabalho docente na educação infantil no contexto da pandemia da Covid-19 | Jéssica Araújo Carvalho Deivis Perez Bispo dos Santos Thainá da Silva Costa Ruchelli Stanzani Ercolano |
| | 74 | Queixas escolares na perspectiva de professores no contexto da pandemia Covid-19 | Rosa Frasao |
| | <p>Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos</p> <p><i>Gabriela Milaré, Gláucia Tais Purin, Mariana Serafim Xavier Antunes e Victoria Soares Vidal</i></p> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| 14h-16h Sala | 12 | Imaginários coletivos sobre mulheres brancas e negras no filme Histórias Cruzadas | Raquel Melo Pinke Wanderlei Abadio de Oliveira |
| | 60 | Narrativas de mulheres que atuam com mulheres sobre sororidade | Juliana dos Santos Corbett Ana Paula Porto Noronha |
| | 25 | A recepção de homens e mulheres frente à condição do gênero feminino no cancionário brasileiro | Nélia Ribeiro Oliveira M ^a de Lourdes dos Santos Silva Vanessa Oliveira Silva Renata C. de Andrade Bicudo |
| | 23 | A inserção das mulheres nas cooperativas de materiais recicláveis: resistências e desafios | Déborah Arrelaro Heloisa Aparecida de Souza |
| | 89 | Cuidado em exclusão social: Metassíntese com abordagens da Psicologia Social Crítica, da ética feminista e da decolonialidade no confronto comunitário à pandemia de COVID-19 e à necropolítica entre 2016 e 2022 | Claudia Camilo de Oliveira e Carlos Roberto de Castro e Silva |

| | | | |
|-----------------|---|--|--|
| 14h-16h Sala | Roda 6. “Eu nunca imaginei que existisse um lugar assim!”: territórios de (des)afetos e experiências de enfrentamento à segregação socioespacial <i>Clarissa Borges, Periferia em Movimento e Virgínia R. Lemos</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 70 | Território sociocultural e o cuidado na Atenção Básica à Saúde: perspectivas para uma articulação necessária | Christiane Alves Abdala Carlos R. de Castro e Silva |
| | 72 | Relato e experiência perspectivas de mundo noções espaciais e sociais na educação de jovens e adultos da UNESP Rio Claro | Kaue Frolini José Diogo Oliveira Gomes Mariana Cunico Tatiely Thomaz de Godoy |
| 80 | Moradia e gentrificação do espaço urbano: a pesquisa e a práxis em Psicologia para construção de uma pauta coletiva sobre o direito de morar. | Leticia Branquinho Dorigan | |
| 14h-16h Sala | Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira <i>Cecília Pescatore Alves, Claudio Ramos de Souza dos Santos e Maria Cristina Dancham Simões</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 16 | Políticas de identidade e políticas públicas de educação: estudo da identidade de professores na pandemia | Beatriz Conishi Cardozo Cecília Pescatore Alves |
| | 52 | Supervisão de estágio na pandemia: relato de experiência | Maria Cristina Dancham Simões |
| | 48 | Experiência de Estágio em Psicologia em Escolas Estaduais: Reverberações da ausência de psicólogos na área | Nádia Uana Bôa Ventura Fabian Rita Kawana Duarte Queiroz Pietra Vignotto da Cunha Maria Cristina Dancham Simões |
| | 13 | Educação sexual em escolas públicas e privadas no Brasil: semelhanças e diferenças sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural. | Jennifer Menezes |
| 88 | Relato de Experiência acerca do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos da Unesp de Rio Claro | Marina Gonçalves Muritiba Tatiely Thomaz de Godoy José Diogo de Oliveira Gomes Kauê Frolini Pedro dos Santos | |
| 14h-16h Sala | Roda 12. Psicologia, Políticas Públicas e a práxis psicossocial junto às pessoas com deficiência <i>Fernando A. Figueira do Nascimento e Inti Raymi</i> | | |
| | ID | Título do Trabalho | Autoria |
| | 7 | Música e autismo: a arte enquanto instrumento para o desenvolvimento humano | Luana de Lima Menezes |
| | 26 | Resistência de pessoas com deficiência e a arte como técnica social das emoções | Diana Figueira Kamada Rafaella de Cassia O. Soares Ana Silvia Ariza de Souza |
| 45 | Operando com o Dispositivo Intercessor no âmbito do Tribunal de Justiça: a práxis de uma trabalhadora psicóloga no trato com a pessoa com deficiência | Natalia Kerche Alvaides Sílvio José Benelli | |
| 17h-18h | ATIVIDADE CULTURAL | | |

| | |
|----------------|--|
| | |
| 18h-21h | MESAS REDONDAS |
| | <p>MESA REDONDA 5 Socialização direta e interiorização da violência social Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo Proponente: Núcleo Grande ABC</p> <p>Palestrantes: Ednilton José Santa-Rosa Pedro Fernando da Silva Mediação de: José Francisco Greco Martins</p> |
| | <p>MESA REDONDA 6 Práxis psicossocial: implicações para a formação, pesquisa e extensão Eixo: 2 - Formação, Pesquisa e Práticas Atuais em Psicologia Social Proponentes: Comissões Científica e Organizadora e Coordenação Regional</p> <p>Palestrantes: Danilo Silva Guimarães Alessandro Campos Mediação de: Cecília Pescatore Alves</p> |

DOMINGO 23/4/23

| | |
|-----------|-------------------|
| 9h | ASSEMBLEIA |
|-----------|-------------------|

RESUMOS

MESAS REDONDAS

Incumbências da Psicologia Social no ethos misógino, machista e racista do capitalismo

Mesa 1

Paulo Vitor Palma Navasconi e Thainá Costa

Mediação de Ruchelli Stanzani Ercolano

O capitalismo se caracteriza por ser um sistema plenamente capaz de assegurar a acumulação de riquezas por poucos indivíduos e, por conseguinte, destinado a lançar na miséria a maioria trabalhadora. Além disso, manifesta-se como ethos altamente discriminatório, marcadamente machista, racista, afeito a práticas chauvinistas e intolerante contra quaisquer manifestações de religiosidade ou de descrença que não coincidam com o cristianismo. Em face disso, a presente mesa promoverá o diálogo acerca dos suplícios e violências concretas e simbólicas impostas à população empobrecida na contemporaneidade, com ênfase para o exame dos impactos psicossociais produzidos pelo capitalismo para a vivência de mulheres pauperizadas e pessoas negras, os quais, frequentemente, produzem efeitos mortificantes, como o adoecimento mental e o suicídio. Ainda, vamos refletir sobre a necessidade de construção de uma Psicologia orientada para a superação do capitalismo e das suas mazelas, em especial o racismo, o machismo e a misoginia. A análise da temática proposta será realizada na interface entre os constructos acadêmicos e os saberes constituídos no contexto das movimentações sociais anticapitalistas, antirracistas e antimachistas.

Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil

Mesa 2

André Luiz da Silva e Leandro Roberto Neves

Mediação de Régis de Toledo Souza

A proposta dessa mesa toma como referências os desafios impostos à sociedade pelo neoliberalismo, interpretado à luz das reflexões sócio-históricas que o definem como o resultado da desordem do capitalismo global pós Segunda Guerra Mundial. A discussão de dados atuais, que se materializa nas contradições sociais, nas novas formas de exploração humana, na destruição do meio ambiente, na consolidação do capitalismo financeiro, no adoecimento dos indivíduos, no surgimento de novas doenças, no avanço da extrema direita, na intolerância às minorias, por exemplo, demonstra, também, no caso brasileiro pós constituição de 1988, ataques sistemáticos às conquistas constitucionais expressas em nosso Estado. é o pano de fundo que fundamenta a importância da formação crítica em defesa dos direitos humanos em uma perspectiva emancipatória. Nosso foco, portanto, está no debate acerca das práxis psicossociais contemporâneas como expressão da defesa dos direitos humanos em uma perspectiva emancipatória.

Os novos e velhos problemas: capitalismo e luta de classes após as eleições

Mesa 3

Emílio Gennari e Gil Gonçalves Junior

Mediação de Sueli Terezinha Martin

As pesquisas da última eleição presidencial indicavam que teríamos uma acirrada disputa eleitoral. A reeleição de Bolsonaro aparecia nesse cenário como ainda mais desastrosa que a sua primeira vitória. Ao mesmo tempo, o principal nome de oposição, Lula, acenava para diversos setores da sociedade civil, inclusive para aqueles que apoiaram o impedimento de Dilma e a escalada, impulsionada pelo neofascismo disfarçado de antipolítico, do bolsonarismo. Setores da esquerda brasileira indicavam a necessidade de revogação da Reforma Trabalhista e Previdenciária e posicionavam essas pautas como centrais para a classe trabalhadora, assim como a retomada de políticas em defesa do meio ambiente, da ciência, das ações afirmativas, de combate à violência de gênero e à lgbtfobia. No entanto, considerando esse cenário, quais são as possibilidades que agora se anunciam? Quais as novas conformações colocadas pelo capital? Quais as novas expressões que a luta de classes alcança? O objetivo dessa mesa é traçar um panorama da conjuntura do país após as eleições de outubro e ainda durante os primeiros meses de um novo-velho governo.

Psicologia, racismo e exclusão social: a historiografia da psicologia como estratégia de análise

Mesa 4

César Rota Júnior e Taffarel Ramires Fernandes

Mediação de Sandra Luzia Assis da Silva

Esta mesa propõe refletirmos sobre as implicações de concebermos a Psicologia como elemento histórico constituído no Brasil do século XX como uma das estratégias de superação – pela negação – do modo de organização social baseado na exploração humana escravista. Assim sendo, propomos primeiramente problematizarmos fontes históricas do século XIX que versam sobre a presença da mulher negra escravizada no cuidado dos loucos. Estas fontes são Cartas de Alforria que concedem a liberdade a mulheres escravizadas condicionadas aos cuidados dos filhos dos seus senhores, inclusive daqueles considerados loucos. A estes dedicaremos atenção, visto que o encerramento do discurso sobre o isolamento dos loucos nos fundos das casas, difundidos no senso comum e na bibliografia referente a esse período pré-manicomial, elide, sem escrúpulos, a existência de mulheres escravizadas no cotidiano da família colonial. Quando estas mulheres e demais escravizados eram reduzidos estritamente à sua força de trabalho, tinha-se como úteis aos seus exploradores e considerados bons escravos, mas, posteriormente à abolição, viriam a ser deslocadas para a condição de maus cidadãos livres; já que em virtude das leis não poderiam ser excluídos da condição de cidadãos, pela raça seriam postos como a menor de todas. A lógica médica eugenista, nessa toada, reconhecendo-os como sujeitos menos desenvolvidos e por isso incapazes de realizar trabalhos notadamente de cuidado, cuidado esse capturado pelo saber europeu, eram postos como os degredados, que então, pelo dito avanço modernista, deveriam ser sujeitados às práticas de controle. Em seguida a esse debate, passando ao século XX, propomos discutirmos sobre as perspectivas modernistas de base eugenista e higienistas que se inseriram no contexto educacional daquele período, entendendo que o espaço escolar se estabeleceu como locus privilegiado de circulação dos ideais burgueses de organização social. A partir de uma pesquisa historiográfica, que tomou como fonte primária a Revista do Ensino (1925-1930), revista oficial do governo do estado de Minas Gerais, direcionada aos professores dos grupos escolares, identificou-se a presença de conteúdos de caráter higienista e eugênico, estabelecendo uma clara dicotomia: de um lado a saúde, atrelada à branquitude, às relações hierarquizadas na família e na escola e à urbanidade, e de outro a doença e o atraso, associados à negritude, à pretensa desorganização familiar e ao campo. Também importante apontar o uso da ciência psicologia como aparato técnico e discursivo naquele período, marca de nascença de uma psicologia liberal e burguesa, que desenvolve-se a partir dali como estratégia de ajustamento social e justificação, ao longo do século XX, das desigualdades sociais pela trilha da individualização e culpabilização de sujeitos em condições de exclusão social. Tendo isso exposto, esperamos provocar reflexões a respeito do saber psicológico em sua dimensão histórica, situada, produzida e, fundamentalmente, passível de reformulação. Em decorrência desse pressuposto, almejamos estimular o levantamento de novas e diversas fontes primárias e a retomada permanentemente das narrativas dominantes com o objetivo de problematizá-las, considerando suas premissas, os não ditos, as ausências, a fim de produzirmos hoje, pouco a pouco, os elementos éticos, estéticos e políticos para uma refundação de um presente que assuma seu passado e que seja satisfatório de ser revisitados arqueologicamente pelos(as) futuros(as) Psicólogos(as) Sociais.

Socialização direta e interiorização da violência social

Mesa 5

Ednilton José Santa-Rosa e Pedro Fernando da Silva

Mediação de José Francisco Greco Martins

Um dos principais méritos dos pensadores da primeira geração da Escola de Frankfurt foi a compreensão do impacto produzido pela dominação sobre a subjetividade. Para além da denúncia dos processos sociais por meio dos quais a dominação ocorre, incluindo-se as relações materiais de produção e a conversão da cultura em mercadoria, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, dentre outros, contribuíram para a compreensão do modo como a totalidade social medeia o processo de constituição psíquica das pessoas, imprimindo nelas as marcas que, tal como cicatrizes inalienáveis, expressam as possibilidades ou impedimentos do desenvolvimento das potencialidades que configurariam a individuação. Essas marcas, que constituem configurações de personalidade, muitas vezes, altamente tipificadas, são também expressão de um sofrimento profundamente arraigado e de difícil superação. Sofrimento psíquico e empobrecimento espiritual compõem uma disposição destrutiva e nociva tanto à própria pessoa que os experimenta quanto à sociedade que os produz. Na medida em que a tipificação se fortalece em consonância com as exigências da sociedade a partir da qual é configurada, o processo de individuação fica comprometido e a regressão psíquica se instaura como condição “estrutural”, favorecendo o desenvolvimento de modos de expressão e de sofrimento que pouco condizem com a clássica noção de indivíduo autônomo. Em diálogo com a psicanálise freudiana e com os esforços de pensadores freudo-marxistas, esses autores articularam conhecimentos psicológicos e sociais que lhes permitiram compreender a interiorização da dominação que se consuma nas pessoas como impedimento à individuação e à autonomia. Dentre os dispositivos da sociedade administrada conforme uma racionalidade que sucumbiu ao princípio da dominação, a indústria cultural foi descrita por eles como um importante sistema de percepção e de significação da realidade, bem como de mediação da formação cultural, consonante com o seu empobrecimento e reversão em pseudoformação. A participação desse sistema no processo de constituição psíquica, já reconhecido por Adorno em sua análise da pseudoformação (Halbbildung), no final da década de 1950, foi também analisado por Marcuse como parte de um processo de socialização direta, por meio do qual a mediação outrora exercida pela contraditória família burguesa, sob a forma da autoridade patriarcal, foi substituída pela intromissão direta da cultura opressiva. Absorvida pela totalidade social, a cultura, que mal consegue se diferenciar dos dispositivos técnico-administrativos que representam a civilização repressiva, representada por modelos de ajustamento social caracterizados pela padronização extrema e por elementos ideológicos adaptados aos diferentes níveis de regressão que esse processo produz, se infiltra e cristaliza-se como uma segunda natureza na débil subjetividade que se esforça para existir nesta realidade que tende à homogeneização. Com isso, o processo que deveria resultar na formação psíquica e cultural de indivíduos capazes de se autodeterminar e, graças às qualidades que a autodeterminação lhes propiciaria, participar efetivamente da vida social, de modo a assegurar a realização da tão propalada democracia – pouco realizada –, tornar-se mais e mais permeável por elementos intrusivos que negam a individuação e promovem modos de sofrimento cada vez mais intensos e despersonalizados. A violência própria à sociedade que nega a dignidade àqueles que a produzem, sobretudo às camadas subalternizadas, é interiorizada por todos, tornando-se cada vez mais componente inextirpável do psiquismo humano que tende

magneticamente para a autodestruição. Isto posto, o intuito desta mesa é discutir o sofrimento individual à luz das considerações apresentadas neste resumo.

Práxis psicossocial: implicações para a formação, pesquisa e extensão

Mesa 6

Danilo Silva Guimarães e Alessandro Campos

Mediação de Cecília Pescatore Alves

A partir dos pressupostos da ABRAPSO, que fundamentam uma práxis psicossocial crítica e comprometida com a realidade social e com a emancipação humana, a presente mesa, pretende discutir os desafios para o processo de formação, pesquisa e extensão que possa romper as barreiras das concepções naturalizantes dos fenômenos psicológicos, baseadas em preconceitos, racismo e estigmas que perpetuam as desigualdades sociais. Pretende-se debater posicionamentos críticos diante de fatos ocorridos na realidade brasileira que levam em seu contexto a marca da injustiça e da discriminação social, próprios do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

Sofrimento psíquico no trabalho: consciência racial e aquilombamento

Mesa 7

Juliana Bittencourt das Neves e Denise Barrozo

Mediação de Cinara Brito de Oliveira

Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, as pessoas negras não foram inseridas dentro da comunidade brasileira, sendo assim permanecem enfrentando questões relacionadas ao trabalho precarizado e às tentativas de inserção em um mercado de trabalho formal. Esta dificuldade é compreendida como uma manifestação do racismo estrutural, isto é, a incapacidade coletiva de uma organização de prover um serviço apropriado ou profissional às pessoas devido a sua cor (CRE et al. 1999 como citado em Carneiro, 2011). Discutindo sobre o racismo e o mercado de trabalho, nota-se que a maioria das pessoas em sub-empregos são pessoas negras (Martins, 2012, p. 457) e que aquelas que conseguem acessar o trabalho CLT, ou formal, apresentam queixas relacionadas às vivências que passam dentro das organizações. De acordo com o Instituto Gueto e com o site Indeed, 47% das pessoas negras não sentem que pertencem ao ambiente de trabalho e 60% relataram já ter vivido algum caso de discriminação racial no trabalho. Além dessas questões, é importante salientar que negros recebem menos que brancos, por exemplo, mulheres negras recebem 40% a menos que homens brancos. Compreende-se, portanto, a importância de um grupo de acolhimento que consiga estar atento e ouvinte para tais queixas. Desta necessidade nasceu o projeto “Ogunhê – Grupo Psicoterapêutico para Pessoas Negras no Mercado de Trabalho”. O projeto teve como finalidade a ressignificação do sofrimento dentro dos espaços de labor, criando um local seguro não só para o compartilhamento de casos de racismo como para a manutenção da práxis. Os participantes puderam tomar consciência das opressões, mecanismos de defesas e da importância de se defenderem frente às situações vivenciadas dentro das empresas. Também puderam enxergar como as violências vivenciadas no trabalho se manifestavam em outras áreas de sua vida, tocando os âmbitos familiares, amorosos e de saúde corporal. Dessa forma, nossa roda de conversa, tem como intuito debater as temáticas raciais que cercam o trabalho e seu impacto psicológico nas pessoas negras, trazendo o Ogunhê como estudo de caso.

MINICURSOS

| |
|---|
| Minicurso 1. Vivência: Jogo No Lugar Dela - Políticas públicas para mulheres em situação de violências |
| Núcleos Mogi das Cruzes e São Paulo - Victória Soares Vidal e Mariana Serafim Xavier Antunes |
| Este minicurso tem como objetivo discutir sobre as políticas públicas de atendimento às mulheres em situação de violências e as rotas críticas vivenciadas por elas. Será promovida uma vivência prática a partir da aplicação do jogo “No Lugar Dela” (d’Oliveira et al.), que apresenta histórias de mulheres e faz com que os jogadores se coloquem no lugar delas ao precisar decidir seus próximos passos. Após a realização do jogo, será realizada discussão coletiva sobre os desafios e potencialidades das redes de enfrentamento às violências, além de práticas possíveis à luz da psicologia social crítica. |

Minicurso 2. Caminhos da Psicologia Social Crítica a partir das contribuições de Silvia Lane

Comissão História e Memória da Regional São Paulo - Fernando A. Figueira do Nascimento, Alexandre Pito Giannoni, Sueli Ferrero Martin, Silvana Cardoso Brandão e José Francisco Greco Martins

Este minicurso tem por objetivo discutir os caminhos da Psicologia Social Crítica no Brasil, a partir das contribuições de Silvia Lane tendo como referência algumas de suas obras, que se tornaram clássicas quando falamos de história e psicologia transformadora/emancipadora. Buscar-se-á apresentar um breve histórico das obras - O homem em movimento, Novas veredas em Psicologia Social, Arqueologia das Emoções-; as categorias analíticas - Consciência, Identidade, Atividade e Emoções -; e por fim, uma reflexão sobre os fazeres da psicologia social crítica enquanto práxis psicossocial.

Minicurso 3. Negrxs e Universidade: as encruzilhadas da formação identitária no contexto universitário brasileiro. Identidades Políticas e Políticas de Identidade

Núcleo São Paulo - Felipe Corrêa dos Santos e Henrique Almeida Silva Galrão

O seguinte minicurso tem como ponto de partida as articulações e conhecimentos construídos a partir de uma pesquisa de mestrado que visa a compreensão da estruturação/edificação da Identidade de um jovem negro universitário. Além de contar com a construção orgânica, racial/ontológica dos próprios proponentes em suas atividades críticas, acadêmicas e relacionais no tecido social. Possui como objetivo o encontro e a construção de conhecimentos a partir da fomentação de discussões e apresentação experiencial, realizando um movimento de troca, reconhecimento e construção conjunta a partir experiência intersubjetiva extra e intra-acadêmica das pessoas participantes. A intencionalidade e centralidade da atividade é “destrinchar” a “temática” da relação negro-universidade-identidade, visando e buscando pelos movimentos emancipatórios dos corpos negros inseridos neste contexto e vivência. Compreendemos que a Universidade é um campo de disputa de saberes, de corpos, de espaço/ocupação, poderes e dignidades; compreendemos criticamente que este mesmo espaço resguarda (propositalmente) um poder hegemônico, regido pela branquitude, pela cisnormatividade, heteronormatividade, patriarcalismo intelectual e eurocentrismo. Tendo isso em mente e em nossas peles, como se dá o movimento de construção identitária frente aos conflitos inerentes ao pertencimento, reconhecimento e relação de exclusão/inclusão perversa?! Ressaltamos aqui a Identidade como Metamorfose, “práxis” que afirma que a Identidade humana é forjada no campo das relações sociais, e que dentro desta categoria fundante e estruturante da psicologia social crítica, os movimentos sempre visam a emancipação, e para sustentarmos as discussões utilizamos de categorias que nos respaldam na compreensão crítica e atuante dos/nos fenômenos sociais e, principalmente, nas relações étnico-raciais, são elas (as categorias) Políticas de Identidade e Identidades Políticas. Estas estarão presentes e dignamente conduzidas para abarcar e cuidar das construções coletivas do minicurso e para além dele.

Minicurso 4. Por uma prática revolucionária: Desafios e Conquistas da Inclusão Social pelo Trabalho junto aos Usuários dos Serviços de Saúde Mental

Núcleo Cuesta - Deborah Mendes Araújo de Andrade

Este minicurso tem por objetivo apresentar o trabalho desenvolvido na Associação Arte e Convívio, uma ONG fundada na década de 90, localizada no município de Botucatu, interior de São Paulo. Imbuídos no objetivo de fomentar a questão do trabalho como um direito, intentamos promover junto à sociedade, uma discussão importante que é a de possibilitar que as pessoas com transtornos mentais e/ou deficiência intelectual associada possam se desenvolver enquanto trabalhadores, seja através da arte, em nossos núcleos de trabalho: encadernação, mosaico e costura criativa; seja em nosso café inclusivo ou mesmo no mercado formal de trabalho através da lei de cotas. Pretendemos através desse minicurso proporcionar o compartilhamento de uma prática psi emancipadora, possibilitando um olhar coletivo e de uma clínica ampliada junto aos participantes da ONG. Cabe ressaltar que nossas práticas cotidianas compõem tanto o eixo geração de trabalho e renda, reabilitação psicossocial, bem como formação de futuros trabalhadores da saúde mental e fortalecimento da luta coletiva na construção de políticas públicas antimanicomiais através do estímulo ao protagonismo do segmento usuário.

RODAS DE CONVERSA

| |
|--|
| 1. Práticas e desafios da formação em psicologia |
| Elisa Harumi Musha, Sandra Assis e Graça Lima |
| <i>Eixo: 2 - Formação, Pesquisa e Práticas Atuais em Psicologia Social</i> |
| <p>Essa roda de conversa tem como objetivo promover uma discussão sobre a formação em psicologia, abrindo espaços para uma formação que considere o movimento da subjetividade da vida cotidiana, assim como a constituição de uma práxis social crítica que busque a superação de concepções baseadas em preconceitos, estigmas e perpetuação da exclusão social e do sofrimento ético-político (SAWAIA, 2001). No contexto deste encontro, consideramos um debate necessário em função do nosso atual contexto sociopolítico é amargo, os investimentos em educação foram congelados pelos próximos 20 anos, defasando ainda mais o nível educacional proporcionado pelas Instituições de Ensino Superior. Os governos neoliberais não só transformam materialmente a realidade econômica, política, jurídica e social, também conseguem que esta transformação seja aceita como a única saída possível para a crise. Há um imperativo que parte da ideia de que preciso vencer por mim mesmo para chegar em uma vida melhor. Eu-vitória/-meritocracia forja a ideia de uma cultura comum, expressão da subjetividade neoliberal/colonial/capitalista. Para Laval (2019) o sistema educacional brasileiro é mais “neoliberalizado” do que outros sistemas educacionais europeus. É possível dizer que o Brasil chegou antes do que outros países ao estágio do “capitalismo escolar e universitário”, caracterizado pela intervenção direta e maciça do capital no ensino.</p> |

| |
|--|
| 2. Teorias, métodos e práticas em Psicologia Social orientadas para a transformação da sociedade capitalista |
| Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa |
| <i>Eixo: 3 - Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações</i> |
| <p>Esta roda de conversa é um convite à apresentação, exame e diálogo por pares da Psicologia Social e áreas conexas (Educação, Saúde, Assistência Social, Ciências do Trabalho e outras) de vivências em movimentos sociais, atividades profissionais, construções teóricas e de utilização de métodos acadêmicos e de mediação do real que se evidenciem como contra-hegemônicas ao capitalismo. Serão aceitas comunicações de ações extensionistas, pesquisas, relatos de estágios, de experimentações profissionais e experiências em movimentos sociais, as quais tenham sido orientadas para ensinar, fundamentar, mediar e apoiar a sociedade de maneira ampla, coletividades e/ou pessoas no questionamento e enfrentamento do capitalismo e das mazelas produzidas por seus agentes. Portanto, espera-se que esta roda de conversa seja espaço dedicado ao debate de vivências em lutas sociais, de trabalhos acadêmicos e profissionais, bem como de referenciais teóricos e metodológicos que sejam críticos ao capitalismo, delimitado como um sistema destinado a assegurar a acumulação de riquezas por poucos indivíduos e lançar na miséria a maioria trabalhadora e, também, notadamente como ethos altamente discriminatório, marcadamente machista e misógino, racista, afeito a todas as variedades de praxes chauvinistas daqueles que se percebem como centro do capital direcionadas para outros grupos ou povos.</p> |

3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras

Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa

Eixo: 3 - Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações

Esta roda de conversa principia do entendimento de que aquelas pessoas que estudam, trabalham e pesquisam no campo da Psicologia Social devem produzir e mobilizar um arcabouço integrado teórico, metodológico e experiencial que aponte para o seu engajamento nos esforços pela superação das mazelas societárias burguesas e o seu compromisso com a concretização de práticas científicas e profissionais situadas no quadro da busca por uma sociedade antirracista, avessa ao patriarcalismo e a todos os traços excludentes tipicamente capitalistas. Diante do exposto, pretende-se acolher, nesta roda de conversa, comunicações das áreas da Psicologia, Educação, Saúde, Trabalho e Assistência Social dedicadas a registrar especificamente reflexões analíticas e teóricas, vivências profissionais e estudantis, investigações acadêmicas e relatos experienciais em comunidades empobrecidas, movimentos sociais e coletivos organizados acerca dos nexos entre a pandemia da COVID-19 e vida da população negra nesta quadra da história. Consideramos que o processo pandêmico ampliou as desigualdades estruturais registradas em nossa sociedade, tornando ainda mais adversas a garantia de saúde, educação, alimentação, trabalho, moradia, etc., para a população negra. Em função disso, cumpre assegurar ambientes capazes de promover a dialogia acerca de experiências orientadas para o enfrentamento das mazelas que tendem a alcançar de maneira mais impactante e dramática a vida das pessoas negras no Brasil, bem como o registro de saberes voltados para apoiar o enfrentamento do racismo e seus dramáticos desdobramentos em ocasiões de substantiva crise societária.

4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social

Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa

Eixo: 3 - Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações

As discussões das relações étnico-raciais e de gênero têm sido caras aos movimentos sociais, principalmente ao movimento negro e à participação das mulheres negras nesta articulação política. Esta roda de conversa tem como objetivo discutir sobre a necessidade de psicólogos e pesquisadores, à luz do materialismo histórico dialético, alcançarem a complexidade sociopolítica, racial e de gênero que mulheres negras brasileiras têm enfrentado. Compreendemos que o avanço do neoliberalismo e do governo de direita estão sucateando as políticas públicas de assistência social, saúde, educação, segurança pública, afinando a desigualdade vivida por elas nas condições precárias do trabalho informal, carga tripla de trabalho, chefia e sustento do lar. Visando o comprometimento da Psicologia com as lutas sociais e de mulheres negras os trabalhos compostos nesta roda, deverão apresentar estratégias de enfrentamento dentro da política pública de Assistência Social. Situadas nesta realidade, as mulheres negras brasileiras padecem as mazelas da estrutura racista, misógina e capitalista brasileira, cumpre-se assegurar um ambiente capaz de produzir diálogos de enfrentamento às violências que impactam diariamente a existência das mulheres negras brasileiras assistidas na assistência social.

5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

Gabriela Milaré Camargo, Mariana Serafim Xavier Antunes e Victoria Soares Vidal

Eixo: 3 - Movimentos sociais e ações coletivas: enfrentamentos e transformações

A roda de conversa "Mulheres e suas lutas" é uma iniciativa do Núcleo São Paulo desde 2017 de fomentar o encontro entre mulheres diversas, incluindo estudantes, profissionais e militantes para debater assuntos relacionados a feminismos e femininos de toda ordem. Apresentamos para este encontro, em parceria com o núcleo Mogi das Cruzes e Alto Tietê, a proposta de discutir os atravessamentos de gênero no que diz respeito à perda de direitos e a conquista de territórios afetivos para a identificação e enfrentamento em um cenário de políticas de exceção, patriarcais, capitalistas, racistas e cisheteronormativas.

6. “Eu nunca imaginei que existisse um lugar assim!”: territórios de (des)afetos e experiências de enfrentamento à segregação socioespacial

Clarissa Borges, Thiago Borges e Virgínia R. Lemos

Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo.

Esta roda de conversa propõe acolher relatos de pesquisa e de experiências que articulam a práxis psicossocial como estratégia de enfrentamento aos impactos gerados pela segregação socioespacial em territórios periféricos. Temos por objetivo refletir sobre as subjetividades produzidas, e transmitidas, em diferentes vivências no campo social relacionadas a situações de segregação. A partir do conceito proposto por Milton Santos, entendemos território como “as relações sociais se realizam concretamente enquanto relações espaciais” (FANI, 2016, p. 10), nos propomos a debater a relação entre os territórios segregados e as subjetividades e afetos presentes nestes espaços. Daí propõe-se o uso do conceito de “território” para além do espaço geográfico. Parte-se de questões como: “De que forma o uso (ou não uso) dos equipamentos públicos vincula-se nas experiências do campo social?” e “De que forma os sentimentos de “valor” e “invisibilidade” seriam (re)produzidos e sustentados nas situações de exclusão? Estas são algumas perguntas que evocam a constante necessidade de nos aprofundarmos nesta temática, ao mesmo tempo em que promovendo o debate sobre possíveis estratégias territoriais que, diretamente, enfrentam as situações de inclusão perversa. Contaremos com a presença da “Periferia em Movimento”, uma produtora de jornalismo independente da cidade de São Paulo, que gera e distribui informação dos extremos ao centro, para fomentar o diálogo sobre ações territoriais que se articulam nos espaços sociais “desde às margens ao centro”.

7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

Deivis Perez, Jéssica Magalhães Andrade, Ruchelli Stanzani Ercolano e Taline de Lima e Costa

Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo

Esta proposta de roda de conversa tem por objetivo promover debates críticos e problematizadores acerca da realidade social em que estamos inseridos de modo a identificar os mecanismos de opressão do capitalismo, o qual inferioriza, marginaliza e exclui determinado perfil populacional, a fim de acirrar o antagonismo de classes, estimular a competitividade e incrementar o desenvolvimento do capital. Dessa maneira, pretendemos identificar os determinantes sociais e históricos que conduziram certos grupos sociais a condições limitadas, tolhendo-lhes o direito de desfrutar da totalidade de produtos humanos construídos histórica e coletivamente, com o intuito de desnaturalizar as relações sociais e a existência humana, além de contribuir para a intervenção, a partir de práticas psicológicas críticas, junto a e com essa população, com o intuito de viabilizar o desenvolvimento de processos de conscientização, empoderamento e enfrentamento que acarretem em mudanças reais na vida dos sujeitos. Para tanto, nos apoiamos no Materialismo Histórico Dialético de Marx e Engels, pois é uma vertente que se dedica a compreender a sociedade capitalista burguesa e a subsidiar movimentos revolucionários que buscam a superação e supressão deste formato social. Nesse sentido, esta roda de conversa receberá trabalhos que abordem os diferentes tipos de opressão promovidos pelo capitalismo e experienciados por diversos grupos sociais, que tragam reflexões teórico-práticas pertencentes a psicologia social, políticas públicas e áreas afins, que venham a contribuir para uma práxis revolucionária, experiências de militância social, de práticas comunitárias e profissionais realmente comprometidas com a transformação social.

8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direitos

Lais Claro Oliveira, Vanessa Pereira Cândido e Maria Cristina Dancham Simões

Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho

Essa Roda de Conversa busca constituir prioritariamente um espaço de compartilhamento, reflexão e debate crítico da práxis de profissionais e estudantes na concretização do SUAS nos espaços de proteção social básica e especial. Serão aceitos para compor a Roda de Conversa trabalhos que abordem de diferentes formas os desafios e estratégias de enfrentamento cotidiano na atuação psicossocial no contexto neoliberal contemporâneo. Visando, por meio da troca de experiências e relatos de pesquisa fomentar os trabalhadores sociais na defesa das políticas públicas que resistem - e de resistência - em favor das minorias, demarcando o fazer ético-político e a fim de coletivamente esboçar proposições transformadoras e emancipatórias no contexto do SUAS.

9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

Cecília Pescatore Alves, Claudio Ramos de Souza dos Santos e Maria Cristina Dancham Simões

Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho

Esta roda de conversa parte da compreensão de que o projeto de educação, tecido ao longo da história brasileira tem sustentado a instituição escolar como mediadora de uma política de identidade que prioriza a colonização em detrimento da emancipação. O capitalismo, o colonialismo e o patriarcado constituidores do mundo moderno, desde o século XVII estão presentes, apesar da recorrente invisibilidade, e sustentam as práticas e concepções de formação do cidadão brasileiro. De modo que, inauguramos o século XX com novas definições de políticas educacionais cujos projetos de ensino não possuem significado que mobilize ações transformadoras, na medida que, os fins são extrínsecos e retroalimentados por uma rede que envolve estratégias governamentais de desenvolvimento como os meios de comunicação de massa, as agências internacionais, e o mercado econômico. Por sua vez, no século XXI os projetos continuam os mesmos, contudo adensando práticas autoritárias e concepções meritocráticas que se revelam com o desmonte da escola pública, o aprofundamento das desigualdades sociais, de gênero e raça e a utilização da tecnologia como fim em si mesma. O congelamento dos gastos públicos com Educação, a escassez do financiamento à ciência e ao Ensino Superior, principalmente na área das Humanidades, os direcionamentos cada vez mais visíveis à educação remota, a militarização da escola pública, a questão da disciplina como fator fundante do processo de aprendizagem, e ao homeschooling são apenas as condições atuais do modelo neoliberal sob a égide do autoritarismo fascista. Soma-se a isso a continuação da imprevisibilidade do momento atual, que dá novas proporções para tais questões, desvelando-as e acentuando as contradições sociais. A proposta se alinha à temática do Encontro e ao Eixo 5, considerando que abriga a discussão das possibilidades de atuação da psicologia social na Educação. Serão aceitas pesquisas científicas, experiências de estágio ou profissional, os quais problematizem as políticas educacionais e a escola pública a partir das questões elencadas e seus efeitos na subjetividade humana.

| |
|--|
| 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade |
| Charles José Roque, Daniel Fernando Manfrin, Deborah Mendes Araújo de Andrade, Maria Dionísia do Amaral Dias e Jhony Lucas Ribeiro Paes |
| <i>Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho.</i> |
| <p>Diante de um contexto onde se apresenta continuamente o crescente desmonte das Políticas Públicas, a presente “Roda de Conversa” se propõe a reunir trabalhos de atuação na atenção psicossocial, levando-se em conta os desafios e possíveis avanços da contemporaneidade, especialmente, na área da Saúde Mental e do Trabalho. Nesse sentido, caberão no presente espaço expressões de resistências, como também, denúncias das diversas violências de Estado e retrocessos significativos de direitos fundamentais conquistados historicamente. O objetivo da atividade visa compartilhar experiências e estimular reflexões a respeito da práxis em atenção psicossocial junto aos usuários dos serviços e instituições referenciadas a população de modo geral. Avaliamos que seja fundamental que a Psicologia Social crítica e demais áreas afins se posicionem e demarquem suas atuações em ações pautadas no compromisso ético político considerando questões que perpassam os marcadores de raça, gênero e classe social na sociedade brasileira, bem como os modos de superação via políticas e movimentos sociais articulados por diferentes atores.</p> |

| |
|---|
| 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social |
| Ana Carolina Lemos Pereira, Débora Cristina Fonseca, Pablo Ancassuerd e Silvana Brandão |
| <i>Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho</i> |
| <p>As políticas públicas no Brasil são fruto das lutas dos movimentos sociais, organizações sindicais, de classe e segmentos da sociedade civil organizada. Seu desenvolvimento e implementação efetiva são fundamentais para a garantia de direitos humanos básicos e para garantir a participação democrática cidadã, instituídos a partir da constituição de 1988, com a criação do SUS, ECA, SUAS, LDB e tantas outras políticas públicas, num processo de reconstrução da democracia no país. No entanto, o avanço neoliberal sobre a gestão do Estado, tem operado no desmantelamento das políticas públicas bem como sucateamento das estruturas estatais que são fundamentais para a efetivação das mesmas. Esse desmonte e intensivo sucateamento ganhou notoriedade nos últimos anos, de modo especial a partir de 2016, ano em que o Brasil vivenciou um Golpe de Estado tendo sua estrutura democrática fortemente abalada, sendo promulgada em seguida a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) 55/2016 que limita o teto de gastos públicos por vinte anos, impactando diretamente as políticas públicas de saúde, educação, trabalho e assistência social por exemplo. Neste contexto, essa roda de conversa tem por objetivo analisar e discutir os efeitos do desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social e as possíveis resistências no sentido da garantia desses direitos e da retomada dos espaços coletivos de produção, luta e ampliação dessas políticas. A roda receberá trabalhos que abordem uma dessas políticas ou que faça intersecção entre elas, de forma crítica e fundamentada nos pressupostos da psicologia social. Podem ser apresentadas propostas de relatos de pesquisas, reflexões teóricas ou relatos de experiências.</p> |

| |
|---|
| 12. Psicologia, Políticas Públicas e a práxis psicossocial junto as pessoas com deficiência |
| Fernando A. Figueira do Nascimento e Inti Raymi |
| <i>Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho</i> |
| <p>Esta Roda de Conversa tem o objetivo de refletir sobre a práxis psicossocial junto às pessoas com deficiência (física, intelectual, auditiva e visual). Nesse sentido, e considerando a dimensão multiprofissional e crítica que o tema exige, receberemos trabalhos que apresentem relatos de experiências profissional e militante, assim como relatos de extensão e pesquisa (em andamento ou concluídas). Esse amplo objetivo e diversidade de experiências nos possibilita também diversas formas de aproximação sobre o tema: a relação entre o sofrimento ético-político e a autonomia das pessoas com deficiência; a precarização do trabalho no interior das políticas públicas que se relacionam com os cuidados à pessoa com deficiência; as políticas de urbanização e circulação; a inserção e a permanência da pessoas com deficiência no trabalho; as políticas educacionais para a inclusão de crianças, adolescente e adultos. De forma ampla, a pessoa com deficiência é compreendida como aquela que possui algum impedimento de longo prazo e de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que, em relação às condições encontradas e provocadas por nossa sociedade, vivência a obstrução de sua participação nos processos políticos e sociais de nosso tempo.</p> <p>Vale lembrar que, o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciou que aproximadamente 24% da população brasileira possui alguma deficiência. Ainda que a deficiência possa ser classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma incapacidade funcional ou uma anomalia que acomete os órgãos, sistemas e estruturas do corpo e que provocam a impossibilidade da adaptação e do desenvolvimento de atividades cotidianas ou profissionais, essas condições tornam-se ainda maiores, e colocam-se, de maneira geral, como determinantes para a marginalização dessa população dos espaços comuns, pelas barreiras impostas paradoxalmente por essa mesma sociedade. Assim, se a psicologia social crítica afirma em seu horizonte os processos de conscientização e a superação das formas de dominação e opressão nas sociedades capitalistas, cabe salientar que os problemas relativos às pessoas com deficiência, seja qual for a sua natureza, caracterizam-se como uma dimensão sofrimento ético-político, compreendido como a dor provocada pelas injustiças sociais e caracterizada pelo sentimento de desvalor e de humilhação.</p> |

13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

Deivis Perez, Jéssica Carvalho, Ruchelli Stanzani Ercolano e Thainá Costa

Eixo: 5 - Políticas Públicas no contexto neoliberal: Assistência Social, Educação, Saúde e Trabalho

Esta roda de conversa é um convite à apresentação, exame e diálogo por pares da Psicologia Educacional e áreas conexas (Educação, Assistência Social, Saúde do Trabalho, Ciências Sociais, entre outras) de vivências correlacionadas ao exercício da profissão docente, de construções teóricas e/ou de utilização de métodos acadêmicos que evidenciem experiências educacionais advindas do contexto de Pandemia provocada pela doença do Coronavírus 2019 (COVID-19). A adoção do isolamento social como medida de prevenção e contenção do avanço do coronavírus, destacou a importância do trabalho do professor, visto que foi sentida amplamente a falta deste profissional na educação e no desenvolvimento de crianças. Além disso, a pandemia trouxe grande sobrecarga ao docente que precisou em tempo recorde se apropriar de novos instrumentos e tecnologias para reinventar sua prática de modo a atender às demandas sanitárias e escolares ainda que em certa medida, entre outros aspectos, que trouxeram grandes dificuldades e prejuízos a essa classe trabalhadora. Partindo da apreensão materialista, histórica e dialética dos pressupostos teóricos da Psicologia Sócio-histórica-cultural, serão aceitas comunicações de ações extensionistas, pesquisas, relatos de estágios, de intervenções profissionais e experiências em contextos educacionais, as quais tenham sido orientadas para ensinar, fundamentar, mediar e apoiar a sociedade de maneira ampla no enfrentamento da realidade educacional produzida estruturalmente pelas políticas neoliberais e permeada pelo capitalismo pandêmico. Portanto, espera-se que esta roda de conversa seja espaço dedicado ao debate qualitativo e ao (re)conhecimento das dificuldades, dos limites e das potencialidades proporcionadas na experiência singular-particular dos profissionais docentes brasileiros, bem como, no aprimoramento de referenciais teóricos e metodológicos que sejam críticos ao capitalismo.

15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

Fernando A. Figueira do Nascimento, Gil Gonçalves Junior, Raquel Saad de Avila Morales

Eixo 1: Historicidade e Psicologia Social Crítica

Esta roda de conversa tem um duplo objetivo: refletir sobre a constituição histórica da Psicologia no Brasil e, ao mesmo tempo, compreender como esta mesma história pode modular a produção das presentes práticas psicossociais no país. Considerando essa duplicidade, receberemos trabalhos de pesquisa concluídos ou em andamento, assim como relatos de experiência, que apresentem uma perspectiva histórica sobre a produção do saber psicológico e que destaquem essa dimensão no quefazer cotidiano deste campo científico. A Psicologia, enquanto um ramo autônomo da ciência e também uma prática profissional, situa-se dentre os campos do conhecimento nascidos no século XIX, na era do chamado triunfo burguês. Neste contexto, se dedicou ao estudo do indivíduo, entendido como uma instância à parte da sociedade que se autodeterminava. Com essa concepção liberal de um indivíduo concebido como self made man, a ciência psicológica contribuiu diretamente para justificação da injustiça social produzida por uma sociedade dividida em classes, bem como da dominação dos povos não brancos, das mulheres e de identidades LGBTQIAP+, tendo em vista que seu nascimento data do período do neocolonialismo. Deste modo, tornou-se um poderoso instrumento ideológico na manutenção das desigualdades ontológicas e epistemológicas ao delimitá-las a problemas meramente individuais e, conseqüentemente, naturais. No final dos anos de 1960, em diversos países da América Latina, entre eles está o Brasil, que vivia os tempos tenebrosos de uma ditadura militar, emergem um movimento originado com a crise dos saberes psicológicos e que pôs em questão as raízes dos pressupostos teórico-metodológicos da ciência psicológica. Esse movimento resultou na chamada Psicologia Social Crítica que, entre outros desdobramentos, originou ainda a Associação Brasileira de Psicologia Social. A partir de então a palavra “crítica” passou a fazer parte de uma Psicologia que visa o compromisso social e a reelaboração de seus fundamentos teórico-práticos, tendo como elementos fundamentais a historicidade, a crítica epistemológica e o compromisso ético e político com a libertação dos povos e das populações oprimidas. Tendo em vista o atual avanço do conservadorismo no Brasil, esta roda de conversa tem ainda a finalidade de contribuir para as elaborações referente ao que significa atualmente uma teoria e uma prática crítica em Psicologia, a partir do compartilhamento de reflexões e experiências concretas de profissionais, estudantes, docentes e representantes de movimentos sociais que apresentem uma perspectiva histórica sobre a produção do poder, do saber e do ser.

16. O sofrimento e o cuidado ético-político: afetos vividos ou produzidos na interface com a política

Clarissa Borges, Elisa Harumi Musha, Fernando A. Figueira do Nascimento e Mariana Serafim Xavier Antunes

Eixo 4: Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo

Com o aumento da presença da extrema direita no cenário político nacional e a ampliação das bancadas de setores conservadores organizados, em torno do fundamentalismo religioso, da segurança pública e do agronegócio, observamos o contínuo crescimento do número de relatos de violência política no país. Estes setores articulados estimulam a continuidade das violências estruturais, condicionam a vida social e política do país e deram sustentação para um projeto político voltado para demandas individualistas.

Os relatos de violências se multiplicam e os números revelam a cada ano o aumento das agressões nas ruas, residências espaços de coletivos, internet, que incluem violência de gênero, homofobia, transfobia, xenofobia, violência contra militantes, crianças, adolescentes e profissionais da saúde, povos originários e ainda violência partidária, entre outros corpos que sofrem as mazelas do genocídio e violências.

Se por muito tempo, o sofrimento ético-político (SAWAIA, 2001) e os afetos, assim como a subjetividade, foram considerados elementos marginais, negados ou desprezados, tanto na prática científica quanto política, hoje consideramos que eles se colocam como dimensões fundamentais para a organização de grupos ou coletivos, inclusive no que se refere em construir novas formas de solidariedade e camaradagem que rompam com as práticas individualistas que marcam os modos de produção capitalista do nosso tempo.

Os afetos fazem parte de quem somos e estão presentes juntamente em nossas ações, decisões e pensamentos. Estiveram no centro dos debates políticos na última década, utilizados para deslegitimar ou validar narrativas, para defesa de uma neutralidade na política, ciência ou tecnologia. Ou, ainda, para justificar um projeto político voltado para manutenção de um sistema hegemônico de exploração e dominação, inclusive para afirmar, sustentado por um sentimento de solidariedade liberal que nunca existiu, que já não havia luta de classes.

Nesse sentido, consideramos que se torna uma tarefa fundamental avançarmos nas reflexões e nas ações relacionadas ao sofrimento e ao cuidado ético-político, ambos afetos vividos ou produzidos na interface com a política.

Acolhemos profissionais, estudantes, pesquisadoras(es) e movimentos sociais que se interessam em discutir sobre: afetos na prática militante em organizações, ou atravessados pela política - sejam sobre eleições, mídias, partidos políticos, empresas privadas, instituições públicas, violência de Estado etc.

Os trabalhos submetidos podem ser em formato de relatos de experiência, pesquisas, propostas de intervenção, entre outros, que tratam do sofrimento e/ou do cuidado relacionado à um ou mais afetos, como por exemplo: medo, humilhação, amor, esperança, solidariedade, ódio, indiferença, melancolia; os quais são utilizados como ferramentas de manipulação ou de emancipação humana.

TRABALHOS APRESENTADOS

| |
|--|
| 2. Cárcere versus Direitos Humanos: estrutura e mudança |
| Marcos Alexandre Alves |
| <i>Roda 16. O sofrimento e o cuidado ético-político: afetos vividos ou produzidos na interface com a política</i> |
| <p>Este pequeno texto, confeccionado a partir de uma disciplina de mestrado, busca promover questionamentos acerca do sistema prisional brasileiro e sua relação com os Direitos Humanos e a Proteção Social, instituída como objetivo de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 pela Organização das Nações Unidas. Para tanto, de maneira breve, irei explicar sobre o fracasso nos tratamentos e ressocialização estiveram, por muito tempo, no sistema prisional. Em seguida, farei uma pequena apresentação do conceito de Reintegração Social que busca superar os déficits históricos deste lugar. Serão contextualizados os Direitos Humanos, as leis e Constituição brasileira encarando entraves e violações em âmbito jurídico-penal. E, ao final, a questão da Proteção Social intramuros. Todo esse percurso se faz necessário considerando a complexidade do sistema carcerário de nosso país, levando em conta o grande aumento da população presa, as insalubridades e negligências vivenciadas e as grandes problemáticas sociais, psicológicas e políticas provenientes dela. Nesse sentido, falar do sistema prisional, dos Direitos e leis que as permeiam e de suas relações intra e extramuros é falar de Psicologia Social Crítica.</p> |
| Palavras-chave: Prisões, Reintegração Social, Direitos Humanos, Proteção Social |

| 3. Para que se exercitar? Quando o discurso de saúde promove adoecimento e sofrimento |
|--|
| Tatiane Siro Goulart, Geovana de Castro Alves e Felipe Oliveira |
| <i>Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana</i> |
| <p>“Esporte” é uma prática na qual envolve uma atividade física com a utilização de regras, podendo ser para diversão ou competição. “Padronização estética” conjunto de características físicas ou habilidosas que são consideradas ideais perante uma determinada população. O objetivo dessa iniciação científica é analisar a relação entre a padronização estética e as práticas dos profissionais de psicologia esportiva e educadores físicos, suas considerações referentes aos sofrimentos dos praticantes de atividade física. Para o levantamento bibliográfico do tema, pretende-se utilizar entrevistas quanti-quali e escutas informais dos funcionários e alunos das academias esportivas, acrescentando as experiências cotidianas de prática esportiva das pesquisadoras. A experiência pessoal das pesquisadoras indica uma relação ambígua com a prática esportiva, geralmente apresentada pelos praticantes não profissionais, sendo o esporte encarado como sofrimento e não como prazer, como uma lógica punitiva por não ter o corpo “ideal”, ou como “o preço a ser pago” pela conquista do corpo ideal.</p> |
| Palavras-chave: psicologia do esporte, sofrimento psíquico, padrões estéticos |

4. Pessoas Trans e os profissionais de Saúde: Sofrimento ético político e acolhimento

Danilo Monteiro, Felipe Oliveira e Rachel de Aguiar C. Mazzarino

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

A presente pesquisa tem por objetivo de compreender os processos de violência ético-política que a população transexual brasileira vivência ao acessar o sistema de saúde e o seu respectivo acolhimento feito com essa população por parte dos profissionais da saúde. A importância que se faz com essa pesquisa é a de construir novos saberes da realidade dessa violência, entender não somente as peculiaridades desse sofrimento da população trans, mas construir em conjunto a comunidade possíveis intervenções e soluções para a emergência dos problemas encontrados no município de São José dos Campos – SP. Sob o olhar teórico do Materialismo histórico dialético, inserido na psicologia sócio-histórica, essa pesquisa buscará investigar e analisar esse preconceito. A coleta de dados será feita por meio das entrevistas em grupo focal, em que a expectativa baseada em estudos anteriores é de que serão encontrados inúmeros relatos de violência e também bons exemplos de atendimento na saúde, visitar essas certezas e contradições poderá contribuir para o enfrentamento desse sofrimento ético-político. O Brasil vem sofrendo inúmeros ataques a democracia: o desmonte das políticas públicas também faz parte de um amplo projeto político que não é recente, que produz inúmeras exclusões, destrói direitos fundamentais e constrói retrocessos de avanços já conquistados. Fazer presença nesse evento é continuar trazendo a tona as pautas LGBTQIA+, principalmente as pessoas trans, amplamente invisibilizadas na sociedade, em que essas discussões relembrem o compromisso das psicologias de que essas demandas faz parte do compromisso ético de cada profissional, não somente na psicologia, mas também na saúde. A pesquisa busca dentro da psicologia social crítica não somente coletar dados e fazer discussões acadêmicas, uma pesquisa comprometida com uma teorização crítica busca produzir soluções e discussões na comunidade, propor e construir soluções junto as pessoas trans e os profissionais da saúde.

Palavras-chave: transexualidade, sofrimento ético político, Psicologia social, preconceito, saúde pública

5. O papel psíquico do privilégio na formação do núcleo rígido do Bolsonarismo

Beatriz Taldivo

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

O Brasil possui algumas raízes do autoritarismo em sua história, que de tempos em tempos voltam a se intensificar, lembrando-nos que há problemas e contradições históricas e estruturais que não foram reconhecidas e elaboradas ao longo do tempo, entre eles o patriarcalismo, o mandonismo, desigualdade, a violência e intolerância social. Os acontecimentos também deixam marcas psíquicas e afetivas, fazem parte da vida social e das experiências políticas. Na confluência de todos esses elementos podemos verificar fenômeno do “Bolsonarismo”, este que não pode ser visto como sendo um fenômeno isolado ou inesperado, mas que faz parte de um trama complexa de acontecimentos, também de afetos. Jair Bolsonaro, com características e discursos autoritários e antidemocráticos, parece ser o líder descrito por Freud em Psicologia das massas e análise do Eu, que mobiliza processos de identificação de uma massa de apoiadores. Para além de um líder que mobiliza afetos e processos de identificação, Bolsonaro materializa e denuncia discursos e práticas que revelam as estruturas de violências e do passado colonial da sociedade brasileira que constituem também a subjetividade de um povo. Há grupos historicamente mais privilegiados, e isso só foi possível em decorrência da violência, subordinação e escravização de outros, essas diferenças também podem ser reconhecidas entre os apoiadores de Bolsonaro. Tendo em vista que os privilégios, além de compor uma parte concreta das relações sociais, também está presente nas relações do ponto de vista simbólico e na constituição dos sujeitos, o presente trabalho retrata a pesquisa de mestrado em desenvolvimento que tem por objetivo geral compreender o papel psíquico privilégios e os afetos envolvidos na formação do grupo de homens brancos, cis, héteros apoiadores de bolsonaro, integrantes do núcleo mais rígido do fenômeno do bolsonarismo. O método a ser utilizado é a análise teórica das principais autoras e autores que debatem a construção do povo brasileiro, sua relação com gênero, raça e classe, entre eles: Silvio Almeida, Lélia Gonzalez, Lilian Schwarcz, entre outras. Além de autores que discutem a dimensão desses pactos na construção da subjetividade: Frantz Fanon, Neusa Souza, Andreia Guerra, Cida Bento, entre outras. Esse tema se faz relevante para a psicologia social crítica na medida em que o fenômeno do “bolsonarismo” está para além da figura de Bolsonaro, ele mobilizou afetos e ideias que já estavam presentes numa parcela significativa da população e que diz respeito de uma complexa interação com as estruturas formativas da sociedade. Devido aos acontecimentos dos últimos anos, a guinada da extrema direita no mundo, que colocam cada vez mais em risco a democracia já fragilizada, a psicologia social tem muito a contribuir para a construção de análises e reflexões sobre o complexo cenário atual.

Palavras-chave: Privilégio Bolsonarismo Psicologia social

7. Música e autismo: a arte enquanto instrumento para o desenvolvimento humano

Luana de Lima Menezes

Roda 12. Psicologia, Políticas Públicas e a práxis psicossocial junto às pessoas com deficiência

A presente exposição faz referência aos resultados da pesquisa de conclusão de curso da autora, que teve por objetivo estudar a atividade de musicalização e sua relação com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de uma criança com autismo. A fim de que este objetivo fosse cumprido, realizamos uma pesquisa do tipo qualitativa, com um estudo de caso único. Para tanto, como instrumento de coleta de dados, empregamos entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas, com a população desta pesquisa, sendo o pai, a mãe e a cuidadora, de uma criança de oito anos, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, inserida em contexto musical mediante a musicoterapia. Ademais, para a análise dos dados, empregamos a técnica de Análise de Conteúdo. No que concerne à fundamentação teórica, utilizamos a psicologia histórico-cultural, que tem como seu maior expoente, Lev Semionovich Vigotski (1896-1934). Este teórico indica que as funções psicológicas superiores se desenvolvem culturalmente, a partir apropriação e internalização de instrumentos e signos, criados por outros sujeitos ao longo da história. Por meio da relação que as funções psicológicas superiores estabelecem entre si, formam os sistemas psicológicos, sendo esta discussão, portanto, indissociável ao processo de humanização. Dessarte, os trabalhos deste autor sobre a defectologia, tanto quanto, sobre a arte, nos garantiram subsídios teóricos para compreender como o desenvolvimento de uma criança com autismo ocorre, e como a música, enquanto produção cultural humana, implica neste processo. Os resultados, da pesquisa, indicam que, a partir da introdução da criança em contexto musical, esta apresentou saltos qualitativos em seu desenvolvimento, com ênfase a processos psicológicos superiores, como pensamento e linguagem, atenção e memória voluntária, implicando em sua comunicação e motricidade. Por conseguinte, podemos apontar que a arte musical pode oferecer condições para que ocorra a reorganização dos sistemas psicológicos de pessoas que tenham alguma deficiência - neste contexto, em específico, o autismo -, contribuindo, desta forma, com o seu desenvolvimento. Neste sentido, o tema deste trabalho garante a discussão que visa a criação de condições objetivas para o desenvolvimento de pessoas com deficiência, tendo em vista suas potencialidades, e não limitações. Logo, a participação no encontro, assim como, a apresentação do resultado desta pesquisa, oportuna-se em formentar o diálogo acerca de uma psicologia social crítica, comprometida com a inclusão, a emancipação humana e a diversidade em nosso país.

Palavras-chave: Autismo, Música, Psicologia Histórico-Cultural

8. Significações sobre a pandemia Covid-19: Um estudo com profissionais de saúde de São José dos Campos – SP

Thaís Caroline Alves de Oliveira

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

Esta pesquisa segue na etapa de análise dos dados com o objetivo de analisar as significações sobre a pandemia (COVID-19) constituídas por profissionais de saúde que atuaram diretamente no enfrentamento à doença, no Vale do Paraíba Paulista, interior de São Paulo. Os participantes da pesquisa foram profissionais de saúde de diferentes especialidades (Médicos, Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem, Fisioterapeutas e Psicólogos) que possuíam (anteriormente a pandemia da COVID-19) de três anos de prática no contexto hospitalar, atuando diretamente no enfrentamento a pandemia da COVID-19 no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2020, no Vale do Paraíba Paulista, no interior de São Paulo. O objetivo foi conhecer a formação profissional desses participantes, bem como as experiências no atendimento a pacientes diagnosticados com síndromes respiratórias agudas e/ou crônicas. Também se objetivou identificar os desafios percebidos pelos profissionais de saúde em sua atuação junto a pessoas infectadas pela COVID-19 e compreender os efeitos da pandemia sobre a saúde física e mental desses profissionais. Foram entrevistados 15 profissionais de saúde, dentre eles 3 médicos, 2 enfermeiros, 3 fisioterapeutas, 2 psicólogos, 3 técnicos de enfermagem e 2 auxiliares de enfermagem, que atenderam aos critérios de inclusão supracitados. Os participantes foram selecionados por meio da amostragem snowball ou bola de neve, usando a técnica de recrutamento em cadeia (indicação pelo participante em outros possíveis participantes com mesmo perfil de inclusão da pesquisa). Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada para a coleta de informações. A análise dos dados foi realizada a partir da identificação dos núcleos de significação, tendo como referência os pressupostos da psicologia sócio-histórica. Os núcleos de significação são 1) A formação do profissional de saúde: um caminho para o cuidado; 2) Profissionais de saúde e a covid-19: sentimentos da "linha de frente"; 3) A guerra invisível: Desafios do enfrentamento a pandemia covid-19; 4) Ameaça a saúde pública: a atuação dos profissionais no combate a covid-19 e 5) O que aprendemos com a pandemia?. A temática do estudo, isto é, as significações sobre a pandemia COVID-19 constituídas por profissionais de saúde, foi escolhida por se constituir como uma das maiores crises de saúde do século. Além de ser uma crise epidemiológica, sabe-se também que é uma grave crise do ponto de vista psicológico e social, perdas em massa em curto período de tempo, protocolos de isolamento social rigoroso para evitar aglomerações e por consequência contaminações, exaustão devido ao alto fluxo de trabalho para profissionais de saúde, entre outros fatores. A partir dessa pesquisa poderemos ter mais elementos para o cuidado com a saúde dos profissionais, ou seja, os significados atribuídos à pandemia contidos no discurso desses profissionais possui uma grande influência na subjetividade individual.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano, COVID-19, Pandemia, Profissionais de saúde, sentidos e significados

10. Políticas públicas e luta por democracia na educação: a ocupação de escolas por estudantes secundaristas

Felipe Oliveira

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

Apresento para debate alguns dos principais elementos desenvolvidos na tese de doutorado intitulada “Estudantes secundaristas brasileiros e chilenos: ocupações de escola como luta pelo direito à educação”, defendida no Programa de Pós Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. Mais especificamente, meu objetivo é apresentar os elementos constitutivos do movimento de estudante secundaristas que ocuparam escolas no estado de São Paulo nos meses finais de 2015, apresentando também as compreensões dos estudantes sobre o processo que viveram, isto é, suas motivações, a experiência de ocupar escolas, as inclinações e tendências políticas existentes no movimento, suas avaliações sobre a mobilização realizada. Sobre esses aspectos, é possível afirmar que por um lado os estudantes demandavam maior participação nos processos decisórios das políticas públicas educacionais, por outro foram tratados com truculência e repressão policial. Destaco ainda que em meio as disputas colocadas os estudantes construíram no interior das escolas ocupadas um processo decisório e participativo mais horizontal, através de assembleias e da constituição de grupos responsáveis por diversas atividades como o cuidado com a limpeza e manutenção do espaço, a segurança das pessoas na ocupação, a alimentação e a formação dos estudantes durante o período. Como fundamento teórico-metodológico a Psicologia Escolar Crítica de base marxista, a supracitada tese parte da compreensão de que os fenômenos escolares são constituídos por elementos culturais e históricos, sendo necessário, portanto, considerar a dinâmica social e econômica na constituição das políticas educacionais e das disputas postas. Desse modo, defendo como conclusão de todo esse processo que o movimento dos estudantes secundaristas brasileiros que ocuparam escolas expressa: 1) A crítica ao funcionamento escolar ordinário ao mesmo tempo em que apresentam uma alternativa, construindo outra dinâmica relacional, apoiada na coletividade, na solidariedade e na horizontalidade; 2) A reação do poder dominante à insatisfação popular organizada, com o uso da violência e perseguição através de seu aparato policial e jurídico. Por fim, importante explicitar que compreender a dinâmica do movimento dos secundaristas nos auxilia compreender os limites postos para a participação democrática na sociedade brasileira, bem como ter acesso a uma experiência alternativa concreta de funcionamento escolar. Esses aspectos, por sua vez, lançam luz a constituição das intersubjetividades, com suas contradições e limites, bem como os elementos que apontam para a superação de processos de dominação.

Palavras-chave: Políticas Públicas de Educação, Democratização da educação, Ocupações secundaristas

11. A relação entre saúde e trabalho da empregada doméstica

Cristiana Faria, Luiz Felipe Silva e Davidson Passos Mendes

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

O trabalho como categoria ocupa um papel de relevância indiscutível no cenário do desenvolvimento de uma sociedade, inclusive nos significados de reconhecimento social e coletivo em que um dos objetos de interesse nesses aspectos se dá pela relação entre saúde, trabalho e a investigação de como ela se desenrola neste contexto. Sendo assim, o presente trabalho pretende dar visibilidade para o trabalho doméstico assalariado, que apresenta marcante característica do gênero feminino e, principalmente, de mulheres negras, englobando questões como a precarização, vulnerabilidades e desigualdades decorrentes dos vínculos sociais e históricos da sociedade brasileira com sua densa herança escravocrata que, a despeito de uma tímida evolução no quadro de proteção social, ainda não desfruta de reconhecimento, sendo objeto de desvalorização, delimitado pelas dimensões de gênero, raça e etnia. Em vista disso, dado que as relações que regem as trabalhadoras domésticas estão pautadas pela vulnerabilidade, hierarquia mesclada com afeto e inseridas em um modelo de trabalho que vai contra as ideias de um desenvolvimento pautado no bem-estar social, é importante dissecar as relações de trabalho que regem, em especial, as empregadas domésticas a partir de uma perspectiva marxista, a fim de dar visibilidade ao trabalho doméstico assalariado. Dessa forma, os objetivos deste trabalho se encontram em investigar a relação entre saúde e trabalho, na perspectiva da empregada doméstica na cidade de Itajubá, Minas Gerais, identificar, na visão dessas mulheres, se na relação de trabalho ainda existe um vínculo da herança escravocrata brasileira e examinar se as trabalhadoras domésticas percebem como utilizam os riscos da saúde no trabalho. A pesquisa ora em curso busca oferecer continuidade ao procedimento de revisão bibliográfica sobre as relações de trabalho no contexto social e histórica da trabalhadora doméstica, sob uma perspectiva marxista e ainda tendo como referência aspectos associados às concepções de desenvolvimento, tendo como referência a categoria de “trabalho decente”, segundo Arrighi (1996), bem como a relação saúde e trabalho. As análises iniciais empreendidas apontam para o delineamento de quadro social em que prevalecem resquícios do pensamento e ideologia escravocratas, potencializados por uma sociedade de classes e seus estamentos, uma fonte geradora de desigualdade, discriminações e ocultamentos, que influencia de forma marcante a relação entre saúde, sofrimento e trabalho, comprometendo, assim, a definição desejada de desenvolvimento em sua fundamentação de justiça social.

Palavras-chave: Trabalho, Saúde, Marxismo, Trabalho Doméstico

| |
|---|
| 12. Imaginários coletivos sobre mulheres brancas e negras no filme Histórias Cruzadas |
| Raquel Melo Pinke e Wanderlei Abadio de Oliveira |
| <i>Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos</i> |
| <p>Objetivos: Investigar imaginários coletivos sobre mulheres brancas e negras no filme Histórias Cruzadas; Refletir a relação da empregada doméstica e da patroa considerando as condições de gênero, raça e classe. Justificativa: A divisão sexual do trabalho coloca mulheres como responsáveis pelo trabalho chamado reprodutivo, sendo que aquelas em condições de maior vulnerabilidade desempenham o trabalho reprodutivo remunerado como empregadas domésticas. É de suma importância pensar nas relações interpessoais das empregadas e patroas como forma de refletir a organização social estabelecida. Método: Estudo qualitativo com uso do método psicanalítico e na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, que entende o sofrimento psíquico como indissociável ao contexto social. Como procedimento, o filme foi assistido seis vezes pela pesquisadora e foram elaboradas "narrativas transferenciais" relatando sentimentos contratransferenciais e percepções captadas, posteriormente socializadas com o grupo de pesquisa. Por essa via, foram criados/encontrados os campos de sentido afetivo-emocional, que correspondem ao inconsciente intersubjetivo, já que se trata de um complexo afetivo-emocional não consciente que é capaz de trazer à tona elementos que constituem a subjetividade e captam fenômenos que são, ao mesmo tempo, individuais e sociais. Conclusão: O primeiro campo é denominado "Não seja insolente" e organiza-se ao redor da fantasia/crença de que o trabalho reprodutivo remunerado, majoritariamente exercido por mulheres, exige do indivíduo uma supressão de sua subjetividade. Esta função é associada às mulheres como um dom natural e espera-se destas que a exerçam os sem nenhuma oposição. Sendo assim, vivenciar violências com a premissa de predestinação sem a possibilidade de se desvencilhar por questões afetivas e/ou financeiras corresponde à tal supressão do self descrita por Winnicott e é, portanto, submissão às normas opressoras estruturantes do trabalho doméstico e possui incontestável efeito adoecedor. O segundo campo, por sua vez, é denominado "Local de fala" e se organiza ao redor das fantasias/crenças em relação ao lugar da mulher branca na luta de mulheres negras. As discussões sobre racismo e seus impactos para os corpos negros devem estar cada vez mais presentes. Para isso, é imprescindível tomar o pensamento de autores negros como base das discussões propostas, a fim de descolonizar o pensamento e retirar as produções do eixo europeu/branco já disseminado como proposto por Lelia Gonzalez. Estas ações, aliadas às políticas de inserção de homens e mulheres negras na universidade podem minimizar gradativamente os problemas da representatividade no ambiente acadêmico. Por fim, um pensamento decolonial é peça fundamental para continuar a pensar o sofrimento atrelado ao trabalho reprodutivo.</p> |
| Palavras-chave: Relações Raciais, Decolonialidade, Psicologia Psicanalítica Concreta |

13. Educação sexual em escolas públicas e privadas no Brasil: semelhanças e diferenças sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural.

Jennifer Menezes

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a educação sexual em escolas públicas e privadas, no Brasil, a partir de uma perspectiva histórico-cultural. Esta investigação se faz relevante, tendo em vista as disparidades entre escolas públicas e particulares, no cenário nacional que, entre outros temas em voga, afeta a discussão acerca da sexualidade nestas distintas instituições de ensino no país. A partir deste seguimento, a fim de que nosso objetivo seja contemplado, sustentamos o presente estudo nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, tendo em vista suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano e, nesta perspectiva, no que concerne a aspectos da sexualidade dos sujeitos que se desenvolvem nesta sociedade. Logo, partindo do referencial teórico-metodológico citado, compreendemos que o meio social é imprescindível no processo de humanização, uma vez que, as qualidades psíquicas são uma herança social. A escola, por conseguinte, sendo uma instituição que medeia o desenvolvimento de processos psicológicos, pode garantir aos sujeitos, em um âmbito social, discussões acerca da sexualidade, a fim de conhecerem – e compreenderem - aspectos que sejam a ela inerentes, tal como, recursos para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gestações não planejadas, violência, abuso e exploração sexual infantojuvenil, entre outros. Porém, esse movimento de garantia de acesso não é igualitário para todos, já que a educação pública nacional sofre um processo de desconstrução com o intuito de criar um destino irrecorrível para a população mais pobre. Concluimos, então, que a educação sexual em escolas públicas, quando não existente, é apenas citada de maneira indireta em disciplinas curriculares, como ciências ou biologia, sendo insuficiente em situações que não se tratam unicamente de um organismo, mas de traumas psicológicos, como em decorrência de abuso sexual. Em contrapartida, algumas instituições privadas de ensino, mesmo que exceções, têm educação sexual ocupando espaço dentro de uma disciplina, ou apresentada como uma alternativa interdisciplinar, possibilitando o entendimento e o acesso a um desenvolvimento que pode evitar inúmeras complicações. À vista disso, ressaltamos a relevância de pesquisas que abordem esta temática, evidenciando a importância da educação sexual no ambiente escolar, sobretudo nas escolas públicas, que carece de acesso a uma educação de qualidade, tendo em vista o cenário nacional em que a educação é um privilégio de classe. Por fim, consideramos que este trabalho poderá colaborar com a discussão no encontro da ABRAPSO Regional São Paulo, pois visa desenvolver condições de reflexão e estudos sobre a democratização da educação brasileira, que se articula diretamente com a psicologia social crítica, e com a relação entre escola e sociedade.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-cultural, Psicologia Social Crítica, Educação Sexual em Escolas

| |
|--|
| 14. Prática psicológica no SUAS: (im)possibilidades de trabalho |
| Júlia Reginaldo de Oliveira e Letícia José Cardoso |
| <i>Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito</i> |
| <p>O presente trabalho foi realizado a partir da prática realizada no estágio específico obrigatório, “Políticas Públicas, Instituições e Atenção Psicossocial” da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis (UNESP/FCL), do curso de Psicologia. Esse estágio tem como proposta a atuação dos discentes de quarto e quinto ano em entidades assistenciais que têm como público crianças e adolescentes. A prática do estágio foi realizada no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), no qual se almejava o desenvolvimento de grupos com crianças e adolescentes, que não pode ser concretizado. Dessa forma, a prática do estágio consistiu no acompanhamento da psicóloga da equipe do CREAS no desenvolvimento de suas atividades. Esse trabalho pretende trazer discussões acerca de como as entidades assistenciais, mais especificamente o CREAS, têm seu trabalho impossibilitado a partir da instabilidade do modo de funcionamento da gestão municipal que promove rápidas alterações de equipe que costumam ser feitas sem aviso prévio. Notamos desafios de pensar em ações que visem promover a dignidade humana e a defesa intransigente dos direitos, e que eram impossibilitadas devido à estrutura interna da Secretaria Municipal de Assistência Social, que operava com uma dinâmica desarticuladora da práxis do trabalhador do SUAS. No início do estágio o CREAS já não tinha uma grande equipe. Entretanto, com o decorrer do ano houve alguns remanejamentos de profissionais, de modo que, após a última alteração, permaneceram no CREAS apenas a psicóloga e o coordenador.</p> <p>Esse remanejamento de pessoal tornou possível observar a desmobilização dos trabalhadores que foram removidos de seus territórios de atuação, criou-se um sentimento de luto entre a equipe, que perdeu colegas de trabalho ao mesmo tempo em que se instalou um sentimento de insegurança pautado no medo de ser removido de seu cargo. A partir da modalidade de ação do Dispositivo Intercessor que utiliza os referenciais metodológicos do materialismo histórico, da análise institucional, da filosofia da diferença e da psicanálise do campo de Freud e Lacan, nota-se que o diferencial do trabalhador-intercessor seria a busca de transformação da realidade pelos próprios sujeitos envolvidos na ação, em um movimento que permite a construção de modos de ação e de intercessão na realidade. Nesse viés, a desarticulação dos trabalhadores e o clima de instabilidade do trabalho representa um entrave para esse trabalho-intercessor, aspectos que atrapalham a produção de conhecimentos e saberes, bem como impede um planejamento de médio e de longo prazo de ações a serem desenvolvidas nos estabelecimentos de Assistência Social. Concluímos que o trabalho nas entidades assistenciais é estruturado a partir de uma lógica que dificulta a modalidade de trabalho intercessor e representa um entrave para a práxis no SUAS e a efetiva garantia de direitos à população.</p> |
| Palavras-chave: Assistência Social, Psicologia, Dispositivo Intercessor |

15. Visita domiciliar na Assistência Social: uma prática psicológica crítica

Letícia José Cardoso e Júlia Reginaldo de Oliveira

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

Este trabalho almeja relatar as experiências obtidas a partir da realização de um estágio específico obrigatório da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis (UNESP/FCL) denominado “Políticas Públicas, Instituições e Atenção Psicossocial”. Este estágio estrutura-se a partir da inserção de graduandos do quarto e quinto ano do curso de psicologia em entidades da rede do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), atuando especificamente voltada para o atendimento do público de crianças e adolescentes. O relato em questão é oriundo da prática realizada pelas autoras no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), situado na Proteção Social Especial (PSE), durante o ano letivo de 2022. Inicialmente, a proposta da atuação das estagiárias era a organização de grupos de crianças e adolescentes, porém, devido a intercorrência do período pós-pandêmico, que foi marcado pelo] encerramento de todas as atividades coletivas da entidade, bem como dificuldades oriundas da desarticulação dos profissionais no município, este objetivo não foi alcançado. Assim, após uma reestruturação do planejamento, o estágio foi realizado a partir do acompanhamento do trabalho da psicóloga, que é a referência técnica desta entidade, em suas atividades. A inserção dos estagiários tomou viés do método de observação participante, inspirada na perspectiva de pesquisa em Análise Institucional. A psicóloga, por sua vez, posicionada como trabalhadora-intercessora, tinha sua práxis atravancada e, por vezes, impossibilitada pelo funcionamento da Secretaria Municipal de Assistência Social. Uma ferramenta que se mostrou presente na atuação da psicóloga foi a Visita domiciliar, enfoque desta explanação. A partir da nossa observação, a visita domiciliar representou uma estratégia psicológica prática e crítica, alinhada com o posicionamento da psicóloga que adotou em sua práxis um referencial ético-político e teórico-técnico de intercessão com base no materialismo histórico dialético e na análise institucional. Este referencial também é proposto pelo supervisor do nosso estágio. A visita domiciliar foi historicamente construída a partir de uma política de vigilância das famílias, se localizando no desenvolvimento da lógica de vigiar e punir conceituada por Foucault, culpabilizando as famílias pelos problemas enfrentados. Mas a prática observada e utilizada em nosso estágio divergiu do posicionamento comumente adotado por profissionais que reforçam o viés moralista e assistencialista que domina o campo da Assistência Social. Podemos concluir que a prática da visita domiciliar tem a potencialidade de ser uma ferramenta que forneça ao trabalhador-intercessor meios pelos quais ele possa construir ações que gerem saberes e conhecimentos, e que possa, por consequência, transformar ativamente a realidade de sua prática no SUAS, visando estar sempre pautada por uma psicologia social crítica, na qual a garantia de direitos e da dignidade humana é mantida.

Palavras-chave: Assistência Social, Psicologia, Visita Domiciliar

16. Políticas de identidade e políticas públicas de educação: estudo da identidade de professores na pandemia

Beatriz Conishi Cardozo e Cecília Pescatore Alves

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

A partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação formulado por Antonio da Costa Ciampa, a presente pesquisa objetivou identificar e analisar as políticas de identidade que derivam das políticas de educação no contexto da realidade pandêmica. Para tanto, examinou-se as metamorfoses das identidades de professores de escolas da rede pública através da metodologia de narrativas autobiográficas (história de vida e projeto futuro). Ao permitir que o narrador revele suas atividades no mundo em relação com o outro, o método possibilita a observação do processo de identidade e das condições sociais e históricas que envolvem o indivíduo. Assim, viabiliza notar a existência ou ausência de fragmentos emancipatórios na vida de quem narra. Partindo da compreensão de que o singular concretiza o universal, entende-se que o estudo da identidade, enquanto categoria de análise e quando voltado para a dinâmica da sociedade capitalista, evidencia patologias sociais e individuais da contemporaneidade, além de preocupar-se com a elaboração de projetos ético-políticos que não reproduzam medidas segregadoras e estigmatizantes. Assim, evidenciando imposições biopolíticas sob a forma de reconhecimento perverso ou negado, considerou-se a identidade como um problema político. Isto posto, ao escancarar a relação entre a construção das identidades e as lutas por reconhecimento, compreende-se que a análise dos processos de formação das identidades pessoais e coletivas é relevante para a Psicologia Social Crítica. Com isso, a contribuição deste estudo se apresenta na análise dos processos identitários de professores da rede pública. É que, a partir da teoria de identidade de Ciampa, conclui-se que a pandemia e o decorrente distanciamento social agravaram uma problemática que já estava presente: a ausência de diálogo entre aluno e professor, escancarando a falta de uma reestruturação escolar. Visto a relevância da discussão e a atualidade do tema, submete-se o presente trabalho com a finalidade de ampliar o debate sobre políticas educacionais atuais, as quais mostram-se como políticas de identidade regulatórias que invisibilizam os alunos e que não promovem identidades políticas em direção à emancipação.

Palavras-chave: identidade, pandemia, educação

17. O Negro e a Universidade: Identidade Metamorfose frente às relações contraditórias da educação superior regulatória (colonizadora)

Felipe Corrêa dos Santos e Cecília Pescatore Alves

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

A problematização desta pesquisa se baseia na contemplação do campo-tema que envolve Jovens Negros, Educação Superior e Identidade Metamorfose (CIAMPA, 2001); justifica-se que dentro das configurações sócio-históricas o Negro como grupo/sujeito possui uma história ativa de exclusão no que tange o social brasileiro, Universidade, Psicologia como ciência e profissão, estudo na área, práxis e (re)produção de conhecimento. A subjetividade negra tal como os corpos, encontram-se marginalizadas; representadas na falta de acesso à educação superior; “ausência” no campo teórico-epistemológico; não-representatividade e não-reconhecimento acadêmico, além da vivência do racismo sistêmico e cotidiano que atravessa os corpos; questões de cunho social amplamente (re)produzidas dentro da Universidade e no curso de Psicologia. De acordo com a teoria utilizada, representam elementos para a formação-produção da Identidade como Metamorfose. Dentro dessa relação sujeito-instituição contemplamos políticas de identidade regulatórias(colonizadoras) (ALVES, 2017a) diversas, estas contribuem para sofrimento ético-político (SAWAIA, 2019), psíquico e manutenção do racismo institucional, expresso pela subjetividade e pela performance da negritude, principalmente quando atreladas à Instituições de Ensino Superior Públicas, onde o número é ainda mais reduzido e evidencia-se discursos que regulam a ordem social racista, como o neoliberal-meritocrático. Desvela-se contradições sistêmicas, desigualdades sociais/raciais no processo de formação e relação, demonstra um paradoxo científico que não versa com o aprendizado e conhecimento da subjetividade da maioria racial da população brasileira. A investigação tem como objetivo a compreensão dos processos de construção da identidade-metamorfose de um Jovem Negro estudante de Psicologia frente às relações interpessoais e acadêmicas vivenciadas e performadas pelo mesmo, considerando às configurações de uma instituição e curso racializado, marcadas por racismo e não-reconhecimento do negro. As intercorrências e efeitos da pandemia da COVID-19 contribuem no processo identitário dos jovens em questão, somando nas determinações opressivas que impossibilitam a emancipação e autonomia. Demonstrando necessidade de pesquisas voltadas ao sujeito de cunho antirracista, via que orienta a intencionalidade desta, buscando a produção ativa, comprometida em direção à emancipação, focadas na narrativa do sujeito.

Palavras-chave: Negros, Identidade, Emancipação, Universidade, Psicologia

18. Saúde mental dos professores de Ensino Fundamental II e Médio na pandemia da Covid-19

Michele Moreira dos Santos, Alexandro da Silva e Danilo Augusto Monteiro

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

A realidade da pandemia por COVID-19 deslocou as dificuldades e intensificou as que já existiam na área da educação brasileira. De acordo com os dados obtidos na revisão teórica sistemática dessa presente pesquisa, o professor sempre trabalhou para além do seu horário; os alunos de forma geral sempre possuíam desmotivação para o ensino; violências contra os docentes sempre foram recentes, perpassando por entre a desvalorização do trabalho até os desrespeitos proferidos por alunos, pais, direção escolar e instituições governamentais. O desenvolvimento da pesquisa buscou compreender o processo da saúde mental dos professores do ensino fundamental II e médio diante das exigências intensificadas durante a pandemia, do suporte oferecido pelas instituições de ensino onde trabalham, de como as questões socioeconômicas e de aprendizagem dos estudantes impactaram nos processos de saúde mental desses docentes e como se deu as estratégias desenvolvidas para lidarem frente as adversidades do cenário pandêmico. O método foi baseado no Materialismo Histórico-dialético o qual entende a concepção do homem enquanto ser social que possui relações concretas com o mundo mediado pela cultura, história e realidade, buscando quais os elementos que levaram ao adoecimento mental dos professores diante à pandemia e as relações que foram estabelecidas entre esses sujeitos e o meio ao qual vivem e atuam, como pensam, agem, trabalham, sentem. A metodologia adotada foi a abordagem qualitativa por meio de entrevistas com onze professores de forma online mediada por tecnologia, sendo utilizado como instrumento um roteiro de perguntas semiestruturadas para a coleta de dados. Na análise de dados foi utilizado o dispositivo de Núcleo de Significação, com o objetivo de refletir a respeito das transformações e contradições presentes na construção dos sentidos e significados do discurso, o que permitiu uma análise para além da fala integrando a construção histórica e social a qual ela se apresentou. Os resultados obtidos foram reveladores quanto à possíveis transformações da realidade material e subjetiva de natureza laboral docente, aliadas às relações ordinárias do processo escolar, que já havia sido construídas antes da emergência pandêmica e que se fizeram presentes dentro do ambiente virtual de teletrabalho, onde se apresentaram desafios metodológicos, formativos, relacionais e emocionais entre professores, alunos, escola, comunidade, sociedade e Estado. Trazer essa pesquisa para o evento da Abrapso dará a oportunidade da comunidade científica debater um tema amplamente atual: A pandemia da covid-19. O impacto desse acontecimento global, afetou a sociedade e trouxe inúmeros questionamentos e demandas à ciência psicológica. Nesse evento que busca trazer essa vanguarda, ira-se discutir, por meio dessa pesquisa, como o desmonte da educação brasileira durante os anos anteriores, com o projeto antidemocrático neoliberal, explodiu as fragilidades do processo escolar.

Palavras-chave: Saúde Mental, Professores, COVID-19, Psicologia Escolar, pandemia

| |
|--|
| 19. Movimento negro contemporâneo e articulação política |
| Mirian Cristina de Moura Garrido |
| <i>Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira</i> |
| <p>O processo de redemocratização do país foi construído concomitantemente à organizações de diferentes segmentos da população. Afrodescendentes fizeram parte desse processo, que ganhou visibilidade com o Ato Público de 07 de julho de 1978 que oficializava a existência e a atuação do Movimento Negro Unificado. A presente comunicação oral busca apresentar quais foram as demandas que emergiram dessa articulação na esfera política, partidária ou não. Antecipa-se que a educação possuiu um papel central nesse processo, vista como meio de construir identidades positivas e reparar danos históricos. As fontes são relatos de militantes e as Atas da Comissão que discutiu políticas voltadas à população afrodescendente na elaboração da Constituição Federal de 1988. Espera-se que a exposição permita compreender caminhos trilhados e os ainda a serem percorridos a fim de garantir a tão desejada igualdade racial.</p> |
| Palavras-chave: Movimento Negro, Políticas Públicas, Identidade |

| |
|--|
| 20. As emoções e o sentido do trabalho nas casas de acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social |
| Sofia Gaspar Maria, Ana Clara Aguiar Padilha e Heloísa Aparecida de Souza |
| <i>Roda 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade</i> |
| <p>Com base nos pressupostos da Psicologia Social do Trabalho e na experiência de estágio acadêmico realizado em uma casa de acolhimento de populações em situação de rua na cidade de Campinas, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre o papel das emoções para os trabalhadores de instituições que atuam na rede de assistência social visando a garantia e a proteção de direitos de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social. Partimos da compreensão de que o trabalho é um elemento central na constituição do ser humano e essencial para o funcionamento da sociedade. Contudo, na atualidade, é marcado por ambiguidades, podendo ter implicações negativas na constituição da subjetividade e no processo de saúde/adoecimento do(a) trabalhador(a). Considerando o atual cenário de instabilidade social e econômica do país, os trabalhadores que atuam com a população em situação de rua vivenciam grandes desafios em seu cotidiano de trabalho. Para refletirmos sobre as emoções e o sentido do trabalho nas casas de acolhimento, adotamos a concepção sócio-histórica das emoções, conforme proposta por Baden, que defende que para compreender as emoções é necessário considerar as tensões e contradições que surgem nas relações sociais. Este tema se mostrou bastante pertinente ao estudo devido às crescentes tensões presentes no ambiente de trabalho pautado principalmente em questões tangenciadas pela saúde mental dos trabalhadores; os resultados obtidos no estágio desempenhado ao longo dos meses na instituição propuseram uma discussão que, para além de buscar compreender as raízes da problemática existente no ambiente trabalho, visou reestruturar as relações dialógicas presentes no ambiente e retomar o sentido das emoções, relações sociais e dos papéis de trabalho desempenhados num contexto em que o imperativo da vulnerabilidade social ainda é dominante. Neste sentido, após a conclusão do semestre letivo e após feedbacks positivos da equipe e diretoria da instituição, surgiu a ideia por parte da supervisora/orientadora do presente trabalho de o apresentarmos no Congresso da ABRAPSO, a fim de medirmos uma interlocução dialógica entre a psicologia social crítica, a saúde mental do trabalhador e o contexto da vulnerabilidade social.</p> |
| Palavras-chave: trabalho, emoções, vulnerabilidade social, relações sociais |

21. Serguei Rubinstein e a História da Psicologia: Contribuições para o Avanço da práxis na Psicologia Social

Alexandre Pito Giannoni

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

Serguei Leonidovich Rubinstein (1889-1960), foi um psicólogo soviético responsável pelo desenvolvimento de uma teoria marxista na psicologia. Em seus trabalhos buscou uma síntese entre atividade, consciência e personalidade, categorias fundamentais para a compreensão do psiquismo na psicologia soviética. O objetivo deste trabalho é apresentar possíveis contribuições de Rubinstein para a psicologia social brasileira. Justificamos a participação no evento e, no grupo de trabalho, considerando a importância da psicologia soviética na história da psicologia social brasileira. A pesquisa se constituiu como uma revisão bibliográfica, portanto, para cumprirmos nosso objetivo apresentamos os principais conceitos da obra de Rubinstein, destacando por fim, eventuais contribuições para o desenvolvimento das discussões acerca da psicologia social crítica. Rubinstein foi fruto da Revolução de Outubro de 1917, dirigiu seus estudos, inicialmente, para os problemas da psicologia e da educação. Suas pesquisas renderam um artigo em 1923 sobre o problema da atividade autocriativa. Nele, apresentou considerações sobre a educação e a necessidade de objetivar um novo modelo educacional, no qual o sujeito se desenvolvesse em sua atividade. Todavia, em 1934 essa ideia reapareceu de modo mais abrangente. Neste ano, o autor publicou um texto denominado: Problemas de psicologia nos trabalhos de Karl Marx. Nele, a categoria da atividade reapareceu em conjunto com a consciência, sintetizando-se na personalidade. Na década de 1940, Rubinstein, trabalhou em sua obra máxima: Princípios de Psicologia Geral, objetivando um material que apresentava as pesquisas da ciência psicológica soviética. É neste livro que se destaca a categoria perejivanie, traduzida para o português como experiência. Rubinstein, apresentou a perejivanie, como uma situação vivenciada pelo sujeito, sendo a intensidade de um acontecimento que determinaria suas futuras vivências. Por sua vez, no Brasil, a teoria soviética da psicologia foi introduzida pela escola da PUC de São Paulo na década de 1980. Encontramos significativas contribuições nos trabalhos de Silvia Lane, em específico, no livro Psicologia Social: O homem em movimento, publicado em 1984. Neste material, destacamos as categorias de atividade, consciência e personalidade presentes nas discussões sobre o trabalho, consciência/alienação e identidade, ou seja, ideias e conceitos desenvolvidos pelos representantes soviéticos da psicologia. Para concluirmos, salientamos que as categorias da psicologia soviética, estão presentes na psicologia social brasileira crítica, desde a década de 1980. Suas contribuições estão, para além, de meros debates teóricos. Objetivam-se na proposta da transformação social. As categorias desenvolvidas por Rubinstein, precisamente a perejivanie, devem entrar nestas análises, visto que o autor acreditava que a transformação da atividade social, é, ao mesmo tempo transformação da atividade do sujeito.

Palavras-chave: História da Psicologia, Rubinstein, Psicologia Social Crítica

23. A inserção das mulheres nas cooperativas de materiais recicláveis: resistências e desafios

Déborah Arrelaro e Heloisa Aparecida de Souza

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

O atual cenário de instabilidade social e econômica, a flexibilização de direitos trabalhistas e a crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19, intensificaram a precarização das situações de trabalho, aumentando o número de pessoas desempregadas e, conseqüentemente, as desigualdades sociais. Nesse sentido, é necessário adotar um olhar interseccional, visto que, historicamente, o grupo que mais vivencia discriminações e preconceitos em nossa sociedade é composto por mulheres pobres e negras. Com base na Psicologia Social do Trabalho, nas teorias Psicanalíticas e em uma experiência de estágio acadêmico em uma cooperativa de catadores(as) de materiais recicláveis de Campinas, o presente trabalho propõe uma discussão sobre a inserção de mulheres em contextos de trabalho que operam com o funcionamento de autogestão, tendo em vista as possibilidades e os desafios da Economia Solidária na atualidade. Os pressupostos da Psicologia Social do Trabalho contribuem para que se possa lançar um olhar crítico e contextualizado para a realidade, buscando compreender os diversos elementos sociais e subjetivos presentes nas relações de trabalho, afastando-se das abordagens tecnicistas e adaptacionistas e dando ênfase às experiências e ao protagonismo dos (as) trabalhadores (as). A Psicanálise Lacaniana, por sua vez, contribui para a compreensão sobre o sujeito constituído socialmente, que desenvolve seu psiquismo e suas relações por meio da comunicação, produzindo sua inserção ao meio. Entretanto, a linguagem pode ser também uma ferramenta de exclusão e exploração, tendo em vista que historicamente existe uma construção social de soberania de um gênero sobre o outro, observando-se o processo de silenciamento de mulheres em diversos contextos, inclusive no âmbito trabalhista, uma vez que este reflete o funcionamento da estrutura social. A cooperativa em questão é composta majoritariamente por mulheres. Assim, considerando a divisão sexual do trabalho, pretende-se discutir as potencialidades das cooperativas de catadores de materiais recicláveis no âmbito econômico e social, uma vez que as cooperativas constituem uma alternativa ao modelo econômico vigente, apresentando-se como um lugar de resistência para as trabalhadoras com baixa renda e escolaridade e favorecendo sua emancipação. Entretanto, não se pode deixar de considerar que, apesar da relevância social e ambiental, essa realidade de trabalho está inserida em um contexto patriarcal e machista, permanecendo marcada por precariedades e discriminações. Dessa forma, com base nas experiências vivenciadas no estágio, propomos a reflexão sobre o paradoxo encontrado pelas trabalhadoras, que por um lado experienciam a possibilidade de geração de renda, inclusão social e emancipação, enquanto por outro, enfrentam uma realidade de trabalho penosa, desvalorizada socialmente e permeada por preconceitos.

Palavras-chave: Psicologia Social do Trabalho, Economia Solidária, Gênero

25. A recepção de homens e mulheres frente à condição do gênero feminino no cancionário brasileiro

Nélia Ribeiro Oliveira, M^a de Lourdes dos Santos Silva, Vanessa Oliveira Silva e Renata C. de Andrade Bicudo

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

A pesquisa trata sobre a percepção de homens e mulheres frente ao gênero feminino nas canções brasileiras. A figura feminina está presente em grande parte da produção musical, a música brasileira é composta por vários estilos que envolvem e implicam na subjetividade da mulher em relação ao seu movimento na sociedade. A pesquisa mostrou tais fenômenos que nos levaram a refletir e buscar nas músicas que identificassem o empoderamento da mulher ou desabonassem sua trajetória. A realização do projeto de pesquisa teve como objetivo compreender os elementos presentes nos discursos de homens e mulheres a respeito do gênero feminino, contidos em músicas populares brasileiras, percebidos e validados pelos pesquisados. A pesquisa realizada teve caráter qualitativo. Utilizou-se a abordagem do Materialismo Histórico Dialético para a compreensão das entrevistas semiestruturadas com os roteiros de perguntas. Os participantes foram homens e mulheres na faixa etária acima de 45 anos e com média de 51 anos, grau de escolaridade de graduação e condição sócio econômica - classe média. O tratamento dos conteúdos das entrevistas foi feito a partir da Análise do Discurso. Verificou-se entre os entrevistados que apesar das conquistas das mulheres, que ainda se encontram em processo, estas ainda estão sujeitas as circunstâncias do modelo patriarcal, do machismo, da violência doméstica, assuntos abordados a partir da percepção dos entrevistados. Nos discursos foram falados ainda da influência da religião, do Funk, do Sertanejo e da música nos diferentes campos da vida da mulher. Por se tratar de um aspecto social, que trata o indivíduo como agente influenciador da sociedade e que também é atravessado por influências desta, o tema traz aspectos sociais constitutivos da pessoa e da coletividade, as subjetividades envolvidas.

Palavras-chave: Gênero Feminino, Subjetividade, Música

26. Resistência de pessoas com deficiência e a arte como técnica social das emoções

Diana Figueira Kamada, Rafaella de Cassia O. Soares e Ana Sílvia Ariza de Souza

Roda 12. Psicologia, Políticas Públicas e a práxis psicossocial junto às pessoas com deficiência

Esse trabalho realizado na UCP Psicologia e Sociedade do curso de Psicologia da UMC baseia-se na perspectiva sócio-histórica de Vigotski. Teve como objetivo apresentar, através de expressão artística, dimensão subjetiva dos processos psicossociais vividos por pessoas com deficiência com intenção de mobilizar reflexões e afetos para o enfrentamento da inclusão social perversa. Entende-se a arte como técnica social das emoções (Sawaia, 2001; Vigotski, 1999). A escolha do tema deu-se a partir de vivências pessoais e reflexões analíticas que mostraram necessidade de inclusão com equidade e estratégias de resistência frente ao descaso do governo passado que contribuiu para exclusão social e capacitismo com defesa de ideias e criação de Projetos de Lei que dificultam inclusão de pessoas com deficiência na sociedade como por exemplo criação de alternativas para empresas que não atingissem percentual de cotas para empregos (6.159/19). Realizou-se busca ativa de artigos científicos buscando compreender: sofrimento ético-político e resistência vividos por pessoas com deficiência. Dentre os sentidos encontrados: tristeza e humilhação pela inacessibilidade em empregos e transportes públicos e pela necessidade de adaptação a empregos novos e sentimento de inferioridade em relação a terceiros. Reitera-se ideia de que “As pessoas com deficiência lidam com a dor e o fardo da violência...que é epistêmica, psíquica, ontológica, e física” (Campbell, 2008); mas também observou-se resistência com organização de movimentos anticapacitistas e aumento no número de influenciadores PCDs na internet que trazem diminuição do sofrimento. A partir dos principais sentidos encontrados foram compostas duas obras de arte apresentadas na UCP: o poema “Por que se estranha o diferente?” que buscou dar visibilidade à luta das pessoas com deficiência e a prosa “Vivências de uma pessoa com deficiência” descreveu com relato pessoal as dificuldades cotidianas e de conviver com sociedade capacitista bem como a importância da organização política e exigência de direitos para melhoria das políticas públicas. Observou-se mobilização dos ouvintes com expressões afetivas na apresentação das obras de arte no final da UCP e reiterou-se necessidade de trabalhos inovadores para potencialização de pessoas com deficiência e da sociedade em geral contrapondo-se à defesa de ideias da extrema direita difundidas nos últimos anos. Sawaia, B.B. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001. Vigotski, L.S. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Campbell, F.K. Contours of ableism: The production of disability and abledness. Nova Iorque, 2008.

Palavras-chave: Capacitismo, Deficiência, Exclusão-Inclusão-Perversa

| |
|---|
| 27. Regulação Emocional no retorno às aulas do Ensino Médio: pandemia do COVID-19 |
| Joyce Rodrigues Ferreira e Edna Lúcia Tinoco Ponciano |
| <i>Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19</i> |
| <p>Em 2020, a humanidade foi surpreendida com a pandemia do Novo Coronavírus. Devido à pandemia, as aulas presenciais foram suspensas e, posteriormente, foram adaptadas ao ensino remoto, o que evidenciou um enorme problema da sociedade brasileira: a desigualdade social, sendo o acesso à internet um símbolo da desigualdade na Educação. A falta de recursos financeiros para arcar com as demandas e as necessidades do momento configurou um fator a mais a ser enfrentado, em meio à crise. Ao se pensar a Educação como direito garantido pela Constituição brasileira, o país mais uma vez falha com a sua juventude, negligenciando um ponto importante, na garantia desse direito constitucional. As experiências humanas são compartilhadas com outras pessoas e vivenciadas com emoções. Em meio a um contexto social adverso, destacamos a importância de identificar as experiências emocionais e a sua regulação. A regulação emocional tem sido definida como estratégias para administrar, controlar, avaliar e modificar as emoções, com o intuito de influenciar o tipo de emoções, quando e como são sentidas e expressas. A perspectiva que tem sido mais investigada é a intrapessoal, que enfatiza como principal estratégia uma resposta cognitiva diante das emoções. Para essa pesquisa, decidimos utilizar a perspectiva interpessoal. Desse modo, destacamos a necessidade de exploração dos processos sociais da regulação emocional, visto que humanos são criaturas sociais e experienciam, expressam e regulam emoções com outros e por meio de outros. A experiência de emoções negativas, leva a um esforço para buscar outra pessoa, almejando apoio social para ajudar a regulação das emoções. Evidenciando um contexto social e emocional adverso, este estudo tem por objetivo compreender as emoções vivenciadas por jovens, estudantes do Ensino Médio que voltaram a estudar após período de recesso da pandemia do COVID 19. Os participantes foram estudantes do Ensino Médio, de ambos os sexos, com idade de 15 a 21 anos. Na coleta de dados, foi realizado Grupo Focal, a fim de compreender a experiência narrada por eles. As transcrições foram analisadas pela Análise de Conteúdo. Entendendo a Psicologia Social como um campo interdisciplinar, que agrega contribuições de outras disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, Sociologia e Filosofia, pretendemos contribuir com o campo de atuação da Psicologia, de modo a articular perspectivas intra e interpessoais. Espera-se com os resultados desse estudo contribuir para a promoção do desenvolvimento socioemocional dos jovens nas escolas, embasando práticas que auxiliem na permanência do estudante de Ensino Médio.</p> |
| Palavras-chave: Regulação emocional, Ensino Médio, COVID-19 |

28. O enfrentamento a violência doméstica e saúde: o potencial da terapia comunitária em território vulnerável

Josilene Brandão de Souza e Carlos Roberto de Castro e Silva

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

A violência doméstica é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um problema de saúde pública que atinge principalmente mulheres. Mesmo sendo tratada como questão de saúde, os serviços se mostram pouco preparados para o atendimento de tais vítimas, especialmente quando não há lesões e marcas visíveis. Desta forma, evidencia-se a necessidade de que novos saberes e técnicas sejam utilizadas para um atendimento integral à saúde levando-se em consideração a subjetividade e o contexto sócio-histórico e cultural de cada situação. A Terapia Comunitária é uma prática grupal que visa a promoção da saúde através da criação de vínculos e da trocas de experiências, saberes e problemas. Assim, com vistas a incrementar atividades grupais de cunho terapêutico orientadas pela TC, este estudo buscou descrever e analisar situações de violência doméstica ocorridas na Vila dos Pescadores, bairro localizado no município de Cubatão, antes e durante a pandemia de Covid-19, além de analisar e discutir as principais estratégias institucionais e/ou comunitárias que servem de espaço de elaboração e encaminhamento dessas situações de violência. A pesquisa se dividiu em duas fases: análise documental e trabalho de campo. A análise documental teve como base estudos e pesquisas realizados na Vila dos Pescadores, o que contribuiu para aprimorar o conhecimento sobre o tema e os desafios e potencialidades do território estudado. Por sua vez, a etapa do trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas e posteriormente uma roda de conversa. Os resultados foram analisados baseados na Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson (2011) e apontam a omissão do Estado na garantia de direitos e o quanto o território sofre com a ausência e ineficiência das políticas públicas, o que contribui para a perpetuação da problemática. Como alternativa para suprir essa falta de atenção, às instituições de base comunitária presentes no bairro desempenham um importante papel de escuta e acolhimento, atuando com afeto e reconhecimento, buscando garantir acesso a proteção e saúde. A temática da violência doméstica me afeta de forma direta por ser mulher e por observar que grande parte das mulheres que fazem parte da minha vida sofreram ou sofrem tal violência. O sentimento de impotência e a necessidade de fazer alguma coisa concreta para mudar essa realidade me motivaram a desenvolver essa pesquisa, que busca sobretudo evidenciar que é necessário que o cuidado vá muito além do tratamento do corpo que adoecer. Assim, a participação no encontro se mostra relevante por abordar um tema que merece ser reconhecido e discutido cotidianamente, tendo um novo olhar sobre o cuidado e promoção de saúde.

Palavras-chave: covid-19, terapia comunitária, violência doméstica

29. O gênero e o feminino nas entrelinhas das categorias fundamentais da Psicologia Social apresentadas em *O homem em movimento*

Roberta Rezende Almada, Jaqueline de Barros Ribeiro, Felipe Bertone e Juliana Santana da Silva

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

Na História da Psicologia Social e da Psicologia no Brasil, encontramos personagens fundamentais para a sua consolidação enquanto ciência tipicamente burguesa: as mulheres, as crianças, os chamados doentes mentais e as multidões. Desde o fim da escravidão e o início da República, esses foram os personagens que, no processo de consolidação do capitalismo no país, ganharam alguma centralidade. Assim, a infância, o feminino e a formação da população e as questões étnico-raciais foram objetos fundamentais para a recepção dos saberes psicológicos para a formação e a institucionalização da psicologia brasileira. A necessidade de construção de novas formas de sentir, pensar e agir que se impunham à população, elegia esses personagens como aqueles que poderiam impulsionar a modernização do país: os dispositivos de disciplinarização e controle atingiam diferentes esferas da vida com o objetivo de ajustar homens, mulheres e crianças à nova sociedade, o que implicava eleger alguns destes como essencialmente incorrigíveis e perigosos. Os anos de 1970 marcaram uma ruptura significativa no campo da Psicologia Social: as categorias relacionadas às estratégias de adaptação-ajustamento, o mimetismo científico e suas consequências, foram confrontados pelas noções de emancipação, consciência e compromisso social. No Brasil, esse processo, inclusive como resposta das psicólogas brasileiras para a crise da Psicologia Social, foi marcado pela publicação de *O homem em movimento*, organizado por Silvia Lane e Wanderley Codo. Assim, este trabalho tem o objetivo de compreender e analisar como as relações de gênero se apresentaram no livro, sobretudo nas categorias apresentadas como fundamentais para aquela ciência - a linguagem, a consciência, ideologia e alienação, a identidade e a práxis. Caracterizamos nossa pesquisa como histórico-bibliográfica, o que nos possibilita compreender a constituição histórica e o presente da Psicologia Social Crítica no Brasil. A categoria gênero, apesar de impulsionar os movimentos feministas desde os anos de 1960 na busca pela igualdade de direitos civis, na afirmação das diferenças e nas tentativas de ruptura em relação a heteronormatividade, não estava entre aquelas apresentadas por Lane e os outros autores do texto, o que não significa uma total ausência dos determinantes sociais particulares que atuavam sobre o corpo feminino. Ao analisar as relações entre a linguagem, a consciência e a atividade, Lane (1984/2012) apresenta caminhos que se faziam necessários para a compreensão da totalidade social e dos fatores que atuavam nos processos da formação da subjetividade, ainda que o homem continuasse a se apresentar como sujeito universal. Optamos pelo uso da categoria gênero para nossa análise, pois ela nos permite considerar o feminino no interior de relações sociais complexas, como é o caso do processo de aburguesamento da família, conforme apresentado por Reis (1984/2012), no capítulo que trata da Família, emoção e ideologia.

Palavras-chave: Psicologia social crítica, gênero, heteronormatividade

| |
|--|
| 31. Afetos vivenciados através da música por adolescentes durante a pandemia |
| Laura Rodrigues Magalhães, Matheus H. da Silva Rocha e Vera Lucia Trevisan Souza |
| <i>Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19</i> |
| <p>O presente trabalho tem como vínculo o grupo de pesquisas Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (PROSPED) do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Profissão e Ciência, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica. O estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo os de Vigotski. Tem-se como objetivo refletir sobre o potencial da música para a expressão e elaboração de emoções e a produção de novas significações das condições vividas pelos adolescentes. Assim como, analisar, dentre as atividades, a presença da música e a relação dos adolescentes com o ouvir e apreciar as produções. Os resultados apresentados após a roda de conversa com 11 meninas foram divididos em duas grandes categorias. A primeira discute como foi o dia a dia dessas alunas durante o fechamento das escolas e como as tarefas domésticas se fizeram presentes nesse período. A segunda categoria aborda a importância da música para o desenvolvimento das adolescentes longe da escola pelo isolamento social. Pode-se compreender que a música tem uma potência, enquanto forma de arte para elaboração de emoções e ampliação da reflexão sobre si e sobre o mundo. Segundo a Psicologia Histórico-Cultural, entendemos que Vigotski compreende a arte como uma forma de acesso aos sentimentos e afetos dos indivíduos. É possível através dessa pesquisa aproximar-se da percepção de como o período do isolamento social e conseqüentemente fechamento das escolas significou para as alunas participantes. A música em várias situações colocou em palavras o que elas queriam dizer sobre relações amorosas que nunca experienciaram, sobre amizades, sobre saudade, sobre o futuro e sobretudo falando sobre a própria adolescência. É necessário que o período da adolescência seja mostrado como um momento histórico, contraditório e singular, mas ao mesmo tempo, com grandes conquistas na qualidade do funcionamento do psiquismo.</p> |
| Palavras-chave: psicologia escolar, música, COVID-19 |

32. Políticas de identidade: Desafios e possibilidades emancipatórias na Educação dos jovens universitários no contexto da Pandemia da COVID-19.

Bruno Yoshio Hara, Leandro Marques Cabriliano e Cecília Pescatore Alves

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

A formação em Psicologia abarca a primordialidade de uma visão crítica e resistente diante da necessidade do enfrentamento de diversos desafios oriundos desta. Este trabalho tem como escopo gerar o debate e reflexão, por meio de roda de conversa, de modo a dialogar a respeito do processo de formação da identidade dos jovens universitários, bem como os diversos fatores que se relacionam, com o propósito de colaborar para a produção coletiva de conhecimento destas questões sociais, de maneira a abordar também acerca das dificuldades, limites e potencialidades no contexto da Pandemia da COVID-19. Isto posto, busca-se suporte teórico na Psicologia Social Crítica e em sua abordagem perante as problemáticas sociais, por meio do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação, ressaltando que, conforme Ciampa (1987), “a questão da identidade, assim deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política.” Tem-se como justificativa deste tema, a sua importância social, posto que, participar deste encontro, é discutir acerca dos constantes enfrentamentos, determinação, luta por justiça social, bem como pela garantia dos direitos dos jovens universitários no contexto da Pandemia da COVID-19, o que pode influenciar na possibilidade do alcance de fragmentos emancipatórios, e segundo Almeida (2017), o tema da Emancipação envolve uma série de questões, tais como a individuação, o reconhecimento, o lugar do sujeito nas práticas sociais, as mediações entre a existência dos indivíduos e a vida social, as interconexões entre formas de vida e estrutura social, os nexos entre os movimentos e as classes sociais, as diferentes formas de conflito e os limites e potencialidades de ações emancipatórias. Para Alves (2017), a unidade e a multiplicidade se constroem em movimento dialético nos espaços institucionais. Entretanto, no encontro com a sociedade moderna, esta construção mútua pode ser abafada e os papéis a serem desempenhados conseqüentemente podem se tornar cristalizados, não permitindo assim um exercício profissional e relacional, mas sim, um “ser para si e para o outro” voltado para seu papel e sua instituição. Este estudo nos direciona a compreender que tratar da formação de profissionais psicólogos acarreta a necessidade de propor discussões ético-políticas, a partir da Psicologia Social Crítica, que contemplem a ideia de cidadania, observando as necessidades emergentes das realidades que se apresentam nas demandas sociais. Nesta perspectiva, o papel deste profissional precisa estar voltado à promoção de atuações institucionais não discriminatórias, bem como, na busca de adequações às condições de vida dos públicos atendidos, sobretudo, no contexto da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Políticas de identidade, Emancipação, Educação

| |
|--|
| 34. O Memorial Marcus Matraga |
| Yasmin Pereira e Elisa Zaneratto Rosa |
| <i>Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial</i> |
| <p>O presente trabalho tem como intuito apresentar o Memorial Matraga que tem sido construído desde o 2o semestre de 2016 pelo Instituto Silvia Lane - Psicologia e Compromisso Social, contando com contribuições de diversos colaboradores da América Latina, em nome da preservação da memória de Marcus Vinicius de Oliveira Silva, o Marcus Matraga. Psicólogo, poeta, militante incansável pelos direitos humanos, um dos grandes nomes para história da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, no qual compôs não só lugares de contribuição técnica, inclusive sendo consultor eventual da área Técnica de Saúde Mental do Ministério da Saúde, mas também os espaços das ruas enquanto movimento social antimanicomial. Teve destacada e ativa contribuição para a construção e consolidação da História da Psicologia Brasileira, tendo integrado o Conselho Federal de Psicologia (CFP) em diversas gestões; assim como os Conselhos Regionais de Minas Gerais (CRP-MG) e Bahia (CRP-BA). Docente, pioneiro na proposição de instâncias como o Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), coordenador do Laboratório de Estudos Vinculares e Saúde Mental (LEV-UFBA), entre tantos outros espaços de significância, Matraga foi vítima aos 58 anos de idade, de uma emboscada no município de Jaguaripe (BA), no povoado de Pirajuía, de modo que o crime segue, ainda nos dias atuais, sem respostas suficientes que representem a reparação da justiça. Dado tal panorama, o objetivo do acervo aqui apresentado é pautado na urgência da preservação não apenas da memória, mas sobretudo na importância da divulgação de sua obra que se caracteriza por tamanha abrangência na multiplicidade de campos do saber-fazer. Em consonância à González Rey em SILVIA LANE: CAMINHOS DE UMA PIONEIRA, quando nos atenta ao fato de que, na América Latina, as histórias com frequência perdem-se como se fossem mercadorias descartáveis que pertencem ao passado, aqui se busca reconhecer, evidenciar e disseminar essas histórias que nos ancoram e nutrem do pensamento crítico para a reflexão no tempo presente sobre uma práxis combativa às mazelas históricas. Ao que tange o referencial teórico-metodológico, ao longo desses sete anos, a construção desse acervo tem se ancorado sobretudo na pesquisa documental e historiográfica, nos valendo de materiais em áudio-visual, produções acadêmicas, poesias e fotografias que nos auxiliam a recobrar o curso histórico e reafirmar memória. Nesse sentido, mostrando-se uma trajetória de fôlego e questionamentos, no qual se debruçou a pensar em temas como a constituição da subjetividade, a democracia, as desigualdades, práxis e a formação da Psicologia enquanto categoria, ao passo que se trança com os interesses e caminhos da própria Psicologia Social brasileira, justifica-se a apresentação do presente trabalho. Ainda, vale ressaltar que à luz desse trabalho, pretendemos propor outros memoriais que sistematizem obras que resgatem a perspectiva crítica no curso histórico da produção de conhecimento.</p> |
| Palavras-chave: Memorial Matraga, Marcus Vinicius de Oliveira Silva, Psicologia Crítica |

35. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos sob uma perspectiva afrocentrada

Ana Rosa Bernardo, Yvanna da Silva Brito e Juliana Gomes da Silva

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

O racismo se apresenta como a principal tecnologia que permite a manutenção de uma estrutura social que estabelece limites referente a promoção e garantia de direitos e que reserva aos povos negros e indígenas o lugar das classes sociais mais pobres e de condições mais precárias (BRASIL, 2013). Nesse contexto, justifica-se a elaboração de ações que objetivem ampliar e aprofundar a discussão sobre racismo e negritude no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), especificamente na Proteção Social Básica (PSB). O atendimento dentro do SUAS é hierarquizado e a Proteção Social Básica é responsável por prevenir situações de risco e vulnerabilidade social, além de fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Tem como principal equipamento o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que visa prevenir situações de risco e fortalecer vínculos familiares e comunitários. Nele são oferecidos serviços, programas e benefícios, como o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), que realiza acompanhamento familiar para fortalecer vínculos familiares e comunitários e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), complementar ao PAIF, que atua no âmbito coletivo visando prevenir a ocorrência de situações de risco social. Nessa perspectiva, o projeto “SUAS na Luta Antirracista” tem sido implementado nos equipamentos da Secretaria de Assistência Social de Nova Iguaçu (SEMAS), sendo dividido em duas partes: a primeira consistiu-se em um curso de qualificação para os profissionais do SUAS cujas temáticas abordadas incluíam conceitos fundamentais, formação social do Brasil, racismo e desigualdade social, racismo e sexismo, escrituras no SUAS e papel do Estado na promoção da igualdade racial. A segunda parte pretende trabalhar com mulheres a partir de 18 anos, atendidas na unidade de serviço CRAS Corumbá por meio do SCFV. Os encontros serão pautados pelo “Nguzo Saba”, ou 7 princípios centrais da Kwanzaa, pensados por Maulana Karenga a partir de valores africanos. Esses princípios são oriundos de África e constituem um conjunto mínimo de valores que pessoas pretas em diáspora precisam para resgatar e reconstruir sua própria vida e sua própria imagem (MUNDO NEGRO, 2021). Desse modo, o projeto em questão baseia-se na perspectiva de transformação social e está firmado em um compromisso social e político para com a população negra ao ajudar a promover o que Martín-Baró (1996) afirma ser o horizonte primordial da psicologia, isto é, a conscientização. Ao fomentar discussões sobre a negritude, estimula-se a ampliação da consciência social e racial dos profissionais e do público atendido pelo projeto, bem como, possibilita sair de um lugar de desagência e alienação para um lugar de autonomia e protagonismo da própria história, construindo uma identidade pessoal e social e formas de existência para além do modelo dito universal de sujeito.

Palavras-chave: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Nguzo Saba, Afrocentricidade

| |
|---|
| 36. Ubuntu e Bem Viver: A atuação do Coletivo Antirracista Neusa Santos |
| Bruna Rodrigues dos Santos e Renata Leal Moreira |
| <i>Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia</i> |
| <p>O Coletivo Antirracista Neusa Santos através da ética da coletividade presente nas filosofias Ubuntu e do Bem Viver, luta pelo resgate da identidade negra dentro do ambiente acadêmico. A universidade é, para pessoas negras e indígenas, um espaço de não pertencimento, onde há um contato permanente com o não lugar e não pertencer. O objetivo do coletivo é que a academia deixe de ser um espaço do que é universal e passe a ser um local de pluralidades, onde questiona-se aquilo que é tomado como verdade absoluta, verdades estas colocadas como únicas durante toda a era colonial e que hoje, ocupando estes espaços de saber, temos a oportunidade de descolonizá-lo e difundir o conhecimento, abrindo espaço para novas epistemologias. Alberto Acosta em <i>O Bem Viver</i> (2016) compreende que a construção desse movimento se dá “a partir de baixo e a partir de dentro, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário”, com vistas à construção de uma nova sociedade, sustentada pela convivência cidadã em diversidade e harmonia com a Natureza, sob a perspectiva dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo. Sob tal contexto, Silvia Lane em <i>Psicologia Social: O homem em movimento</i> (2009) e Ignacio Martín-Baró em <i>Crítica e libertação na psicologia: Estudos psicossociais</i> (2017) embasam a análise crítica acerca dos fenômenos sociais, sobretudo, o capitalismo, a dominação e a ação coletiva. Para tanto, a metodologia utilizada será o método dialético. Segundo Antonio Carlos Gil em <i>Métodos e técnicas de pesquisa social</i> (2008), a dialética fornece as bases para a interpretação dinâmica e totalizante da realidade, dado que os fatores sociais não podem ser entendidos isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais e sociais. De acordo com o Censo da Psicologia Brasileira de 2022, realizado pelo Conselho Federal de Psicologia, a maioria dos autores de referência das psicólogas e psicólogos do Brasil é formada por autores europeus, brancos e homens cis-héteros. Para Nunes, Giraldi e Cassiani (2021) em seu artigo <i>Decolonialidade na Educação em Ciências: O conceito de Bem Viver como uma Pedagogia Decolonial</i>, isso é resultado de uma visão eurocentrada e desenvolvimentista, onde o colonizador europeu era civilizado e portador do conhecimento enquanto os povos nativos foram colocados em um lugar de inferiorização e de desvalorização dos seus saberes. Estabeleceu-se a colonialidade do saber, que hierarquiza o conhecimento e coloca a filosofia e a ciência ocidental como hegemônicas. A coletividade entre estudantes nas universidades é um agente de tensão para reivindicar e pressionar o eurocentrismo nesse ambiente.</p> |
| Palavras-chave: Psicologia Social, Eurocentrismo, Racismo |

| |
|--|
| 38. Relato de caso: um estudo sobre dimensões psicossociais no contexto da aposentadoria |
| Ruth Santos e Wilson José Alves Pedro |
| <i>Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia</i> |
| <p>Introdução:A Psicologia Social, do trabalho e das organizações estabeleceu grandes contribuições para pensar a inserção do profissional psicólogo em diversos contextos. Entretanto, quando o assunto é aposentadoria e envelhecimento, constatei no processo formativo, algumas lacunas, ao menos em minha experiência. Com o início de um novo ciclo de formação, optei por realizar os estudos de pós-graduação em Gerontologia, campo interdisciplinar no qual a psicologia é um dos pilares. Objetivos:Relatar os desafios teóricos e metodológicos de inserção no campo interdisciplinar em organizações. Justificativa:Investigar as interfaces do trabalho e aposentadoria é algo que vem sendo ampliado no âmbito da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Observa-se um novo fenômeno: o aumento de trabalhadores acima de 60 anos, aposentados ou em fase de pré-aposentadoria em atividade laboral, seja pelas recentes mudanças advindas da reforma previdenciária, seja pelas determinações macroeconômicas ou pelo desejo de permanência no mundo do trabalho por este segmento da população. Referencial teórico-metodológico:Trata-se de um Relato de experiência, com o foco na percepção dos participantes do estudo, a partir da inserção da pesquisadora no campo de investigação, em um Departamento Regional de Saúde, localizado no interior de São Paulo. A concepção inicial do Projeto de Pesquisa pautou-se em estratégias dialógicas online realizadas com representantes da Secretaria, considerando a produção científica que gere conhecimento para situações reais, aumentado o acesso aos achados para a sociedade. Após essa fase, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, e quando aprovado realizou-se a entrada no campo para fins da coleta, propiciando a compreensão de dados sociodemográficos e das percepções sobre trabalho e aposentadoria. Complementarmente utilizou-se a aplicação de duas pranchas do Teste de Apercepção Temática, que evocam temas sobre o trabalho. Todo o processo foi sistematizado em um diário de campo, para compreender as interações e vínculos estabelecidos, o que propicia compartilhar as reflexões desta comunicação. Resultados preliminares:Do ponto de vista teórico destaca-se que as dimensões subjetivas e objetivas emergem por meio das percepções e representações sociais dos participantes, dimensões do trabalho e envelhecimento. Do ponto de vista metodológico, evidencia potência das estratégias de escuta dos participantes, mediante a adoção da entrevista e observação. Considerações Finais:A análise dos resultados, ainda em processo, destaca que as contribuições da Psicologia Social para o campo da Gerontologia são fundamentais, tanto pelos aportes teóricos e metodológicos que nos propiciam acessar a subjetividade em suas múltiplas dimensões, quanto pelos aspectos éticos que evidencia o participante como um outro, com sua história e individualidade respeitadas no processo. Além disso, evidencia aspectos da centralidade do trabalho na construção da identidade.</p> |
| Palavras-chave: Aposentadoria, Envelhecimento Ativo |

| |
|--|
| 39. Grupo Reagir: uma proposta de apoio a trabalhadores |
| Pedro Monteiro da Rocha Ramos, Douglas Vieira Rocha, Ana Cristina Akemi Imai e Maria Dionisia do Amaral Dias |
| <i>Roda 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade</i> |
| <p>Objetivo: Apresentar a vivência em projeto de extensão universitária, o Grupo Reagir, espaço de escuta e desenvolvimento a trabalhadores em situação de violência no trabalho. Explicitação do referencial teórico-metodológico: O projeto está ancorado na abordagem sócio-histórica e considera o trabalho como dimensão fundamental do processo saúde/doença, relação afetada por processos sociais. As violências no trabalho, sobretudo, a psicológica e moral, são utilizadas como estratégia de gerenciamento que visa a submissão pelo medo, com consequências físicas e psicológicas. Assim, atividades que visam fortalecer a potência de ação, auxiliando trabalhadores no enfrentamento da situação, caracterizam-se como ação preventiva para que não adoeçam e possam desvencilhar-se do sofrimento. O projeto é desenvolvido por docentes, discentes e colaboradores externos com atuação ou interesse em saúde do trabalhador. Trata-se de grupo fechado, cuja estrutura das atividades foi planejada, assim como a divulgação das inscrições aos trabalhadores. Foi organizado em 5 encontros, em período noturno, em uma unidade de atenção primária ligada à IES pública. O foco do grupo foi: permitir que as pessoas falem das adversidades vividas na situação; colaborar para que os participantes tenham uma compreensão ampliada das situações de violências no trabalho e contribuir para o desenvolvimento da potência de ação dos participantes, individual e coletivamente. Conclusão: O grande desafio e parte da proposta do grupo foi o de, a partir das experiências individuais trazidas por cada trabalhador, evidenciar que a violência no trabalho está inserida em um contexto mais amplo de exploração da classe trabalhadora e não individualizante. A partir dos relatos e avaliação dos trabalhadores entendemos que a participação no grupo teve um impacto positivo na compreensão e enfrentamento da situação vivenciada. Aos discentes, a experiência no projeto impactou na formação como profissional de saúde, tendo em vista que possibilitou o contato com a temática a partir de experiências e metodologias que não estão inseridas nos currículos universitários. Em uma das atividades do grupo foi proposto que os trabalhadores dessem dicas para pessoas que estão vivenciando violência no trabalho a fim de construir uma cartilha, e esta será disponibilizada e compartilhada como fruto dessa construção coletiva. Justificativa do tema e da participação no encontro: O Projeto no qual este trabalho se baseia considera a determinação social do sofrimento psíquico enfrentado pelos trabalhadores em situação de violência, no qual o modo de produção e organização da sociedade capitalista é considerado.</p> |
| Palavras-chave: saúde do trabalhador, violência no trabalho, assédio moral |

40. Pessoas em situação de rua e a produção na Pós-graduação na Psicologia brasileira: uma revisão sistemática da literatura

Nilson de Jesus Oliveira Leite Jr e Antonio Euzebios Filho

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

Este estudo se insere na roda de conversa Práticas e desafios da formação em Psicologia e se justifica por trazer ao debate a produção de conhecimento sobre o tema das pessoas em situação de rua, um fenômeno histórico e reflexo da questão social. Concentrar nas produções dos Programas de Pós-graduação (PPG) em Psicologia do país é relevante, pois possibilita conhecer como este fenômeno tem sido tratado pela área psi e o que tem sido produzido de conhecimento. O objetivo é verificar o que tem sido produzido nos PPG brasileiros da área da Psicologia, sobre as pessoas em situação de rua nos últimos 10 anos (2012-2022). Trata-se de dados parciais de uma pesquisa de revisão sistemática da literatura em andamento, de dissertações e teses, realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Foram utilizados os descritores “pessoa em situação de rua”, “população em situação de rua” e “morador de rua”, combinados a partir do operador booleano OR. Foram incluídos todos os estudos (dissertações e teses) produzidos em PPG em Psicologia (em todas as áreas de concentração), disponibilizados na modalidade acesso aberto ou disponíveis nos sites dos repositórios institucionais. A seleção dos estudos está sendo realizada a partir da leitura do título, resumo, resultados e discussão e considerações finais, e a sistematização das informações é feita com auxílio de um quadro sinóptico. O corpus de análise da revisão será constituído por 47 estudos, sendo 42 dissertações e 5 teses. Os resultados dos estudos analisados até o momento referem-se a 28 estudos (25 dissertações e 3 teses), sendo 12 da região sudeste, 8 do nordeste, 5 do sul e 2 do centro-oeste. A partir dos achados desta pesquisa, emergiram três categorias que abarcam o enfoque das produções consultadas: (i) As facetas do viver em situação de rua; (ii) A relação com as políticas públicas; e (iii) A mobilização das pessoas em situação de rua. Os estudos da primeira categoria expressam a heterogeneidade da vida nas ruas, sua composição, as adversidades vividas, estratégias de enfrentamento e as redes de apoio que se formam. A segunda, aponta para uma relação paradoxal entre os serviços públicos e os usuários que, por vezes, é caracterizada por antagonismos entre as diretrizes dos serviços e como eles são executados na prática cotidiana. Em geral, as políticas públicas são marcadas pelas precariedades e falta de insumos que fazem parte do cotidiano dos serviços, além do próprio direcionamento ético-político de trabalhadores e gestores que reproduzem estereótipos e preconceitos contra esse grupo populacional. A terceira categoria, em contrapartida, tem demonstrado a importância da organização, mobilização e atuação das pessoas em situação de rua, tensionando o Estado para a efetivação de seus direitos, reconhecimento e sair da condição de invisibilidade. Por fim, apenas um estudo se ocupou da atuação psi a partir do dispositivo da clínica ampliada.

Palavras-chave: Pós-graduação, Pessoas em situação de rua, Psicologia

41. A psicóloga social por trás da psicóloga esportiva

Priscila Vieira de Almeida

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

O esporte é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século XX. O contexto esportivo reproduz a situação social do país como um todo. Situações de injustiças, desigualdades e violências também estão presentes nele. O esporte moderno, que é produto da burguesia hegemônica do século XIX, absorveu características do neoliberalismo, da globalização e da mercantilização. Além disso, a visão positivista e meritocrática domina esse contexto. Objetivos: O presente trabalho visa apresentar a pesquisa em andamento no PPG-Psi da UFMG, no qual se realiza um estudo etnográfico sobre o trabalho como psicóloga do Esporte numa equipe esportiva de alto rendimento. O problema de pesquisa surgiu de questionamentos à Psicologia do Esporte (PE) hegemônica quanto a aspectos éticos e de engajamento político. Esta comunicação tem por objetivo aproximar a PE da Psicologia Social, contribuindo para a consolidação da Psicologia Social do Esporte, para a urgente apropriação da PE por parte da psicologia geral e a ampliação da base teórico-científica de profissionais. Para tal, recorro a revisão bibliográfica e à minha experiência como psicóloga do esporte. Referencial teórico: Desse modo, discuto brevemente a história da PE no Brasil e sua atuação na atualidade e o esporte enquanto fenômeno sociocultural. A seguir, apresento aspectos da Psicologia Social do Esporte, realçando suas contribuições. A Psicologia Social do Esporte é justamente essa intersecção entre a PE e as Ciências Sociais que visa humanizar o sujeito atleta, entender sua relação com o meio esportivo e a sociedade e desenvolver uma atuação do profissional psicólogo mais crítica e ética, se aproximando de um psicólogo comunitário. A discussão será ilustrada com exemplos trazidos da experiência da pesquisadora numa equipe de Ginástica Acrobática, localizada na periferia da região metropolitana de São Paulo, a equipe é composta por 24 meninas de 9 a 19 anos, em sua grande maioria, estudantes de escolas públicas ou bolsistas em instituições particulares, de famílias em situação de vulnerabilidade social e economicamente desfavorecidas. Conclusão: A PE no Brasil foi desenvolvida inicialmente por educadores físicos e por muito tempo visou apenas a melhoria do desempenho esportivo. Localizar a PE dentro da Psicologia Social é principalmente tirar o atleta da condição de um executor de habilidades, como ele foi considerado ao longo da história da PE, e olhá-lo como um fenômeno social e manifestação cultural dentro do contexto esportivo. Neste sentido, espera-se que a psicóloga desta equipe não apenas vise melhorar a capacidade emocional e cognitiva das ginastas, para que elas melhorem suas performances, mas, principalmente, cuide desta equipe para que nela não exista um contexto de reprodução de violências, desigualdades e vulnerabilidades, e sim um ambiente de respeito, desenvolvimento e empoderamento de todos ali inseridos.

Palavras-chave: Psicologia Social do Esporte, Atuação Profissional, Contexto Esportivo

42. Afetos sobre a avaliação da aprendizagem na Pandemia da COVID-19: contradição entre o instituído e as orientações

Ana Paula Barbosa e Maria Eliza M. Bernardes

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeras dificuldades para o campo da educação, revelando contradições existentes. Este momento vivido afetou os sujeitos participantes de processos de ensino-aprendizagem em sua subjetividade, constituindo sentimentos, emoções, pensamentos e ações sobre o processo pedagógico. A presente discussão advém de dados produzidos em uma pesquisa de doutorado e tem por objetivo analisar a significação expressa de um professor sobre o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos durante o ensino remoto decorrente da pandemia. Os dados foram produzidos por meio de um grupo focal composto por professores do ensino superior de uma instituição de ensino pública, entre março e abril de 2020. O grupo focal foi composto por 8 professores, divididos em 2 grupos com 4 integrantes que concluíram o minicurso sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), oferecido pela instituição no início da pandemia. O referencial teórico-metodológico adotado foi a Psicologia Histórico-Cultural, com a contribuição da teoria espinosana para qualificar os dados. Segundo a teoria de Espinosa, afecções tristes diminuem a potência de agir do sujeito. De acordo com este referencial, as dimensões afetiva e cognitiva compõem o sistema psíquico e estão integradas ao corpo. A análise revelou sentimentos de angústia, frustração, incerteza e insegurança relacionados ao ineditismo do momento vivido, às contradições econômicas e sociais e às orientações da instituição, sobretudo a respeito da condução da vida acadêmica dos estudantes. Os dados evidenciaram a presença da concepção de avaliação da aprendizagem associada quase que exclusivamente a métricas e a provas e a dificuldade enfrentada para superar este modelo, em meio a uma pandemia, ao caos gerado por ela e à pressão para mudança dos processos avaliativos. A angústia gerada pela contradição entre a necessidade de mudar os processos avaliativos e a falta de credibilidade na sua efetividade afeta o trabalho do professor e a sua relação com os seus alunos. A análise indica a necessidade de processos formativos que contribuam para que os professores reorganizem o planejamento do ensino e a avaliação da aprendizagem. A justificativa do tema se dá pela relevância da compreensão sobre questões que emergiram no ensino-remoto e não necessariamente lhe é próprio, mas evidencia contradições do processo de ensino-aprendizagem que afetam o trabalho dos professores e a aprendizagem dos estudantes. A relação com a Psicologia Social Crítica é evidenciada na compreensão de que os afetos são próprios dos sujeitos, mas são produzidos socialmente na relação intrínseca entre sujeitos em um tempo histórico, cultural e politicamente determinado.

Palavras-chave: Pandemia Afeto-cognição Avaliação da aprendizagem

43. A práxis de uma psicóloga em um Centro De Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas II: intercedendo na construção da clínica ampliada

Tatiane Lemos Ramos e Silvío José Benelli

Roda 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade

1.Objetivos: Essa intercessão-pesquisa almeja problematizar a nossa práxis enquanto psicóloga de um CAPS AD II, tentando ir para além da Reforma Psiquiátrica brasileira que utiliza os recursos da clínica ampliada, a luz do referencial teórico, técnico, ético e metodológico da psicanálise de Freud e Lacan, buscando favorecer a produção de subjetividade singularizada. Visamos interceder, discutir, analisar e produzir reflexões acerca da construção da clínica ampliada, orientados pelos pressupostos teóricos e éticos da psicanálise de Freud a Lacan com suas contribuições para a construção de novos dispositivos clínicos da Atenção Psicossocial (APS). 2.Explicitação do referencial teórico-metodológico: Uma profissional intercessora inserida no trabalho transdisciplinar pode colaborar para provocar questionamentos e intercessões que possibilitem aos profissionais da Saúde Mental Coletiva (SMC) redirecionar a sua Atenção ao sujeito em sofrimento psíquico. Para tanto, nos propomos a desenvolver uma intercessão-pesquisa, utilizando como instrumental metodológico o Dispositivo Intercessor (DI), que se constitui como uma ferramenta que almeja romper com a cisão entre o saber e o fazer. O DI é composto por dois momentos, sendo o primeiro, referente à práxis do trabalhador-intercessor, que nesse caso corresponde à nossa atuação como uma trabalhadora, e o segundo momento refere-se ao DI como Modo de Produção do Conhecimento (DIMPC), tempo no qual produziremos reflexões e análise sobre nossa práxis. Acreditamos que as contribuições da psicanálise do campo freudiano/lacanianos são as que melhor permitirão alcançar diretriz para a produção de “saúdesubjetividade” condizentes com o Paradigma Psicossocial (PPS) quanto ao sujeito em sofrimento psíquico, para que possa emergir então o sujeito do inconsciente, que é capaz de produzir respostas criativas ao seu sofrimento. Conclusão: As práticas pautadas pelo PPS poderão redirecionar as modalidades de cuidado/atenção ofertados aos sujeitos em sofrimento em direção à Clínica Ampliada Crítica, e fomentar nas equipes de saúde mental espaços para discussão e reflexão quanto aos retrocessos vivenciados nos dias atuais nas políticas públicas de Saúde Mental. Justificativa do tema e da participação no encontro: Este trabalho consiste numa intercessão-pesquisa realizada pela primeira autora mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, decorrente de sua vivência profissional e os desafios e inquietações do cotidiano quanto a como oferecer um cuidado mais individualizado. Busca a produção de conhecimento para além do saber tradicional, através da própria reflexão da práxis da trabalhadora e os impasses vivenciados na SMC diante de tantos retrocessos.

Palavras-chave: ATENÇÃO PSICOSSOCIAL, CAPSADII, PSICOLOGIA

44. Capacidade de ação e fatalismo na busca pela libertação: ações da psicologia na escola

Ana Julia Pereira Campos, Lais de Castro e Raquel Souza Lobo Guzzo

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

Este projeto teve como objetivo investigar como as crianças de Ensino Fundamental expressam suas perspectivas acerca da escola, após o retorno das aulas presenciais pós-pandemia. Utilizou-se, para tanto, de uma atividade de cápsula do tempo realizada com alunos do 9º ano de uma escola municipal. Essa pesquisa teve como fundamento a presença da Psicologia na Escola para planejar junto a educadores e pais ações que possibilitem melhoras no desenvolvimento das crianças. O trabalho foi realizado por uma aluna de iniciação científica em parceria com uma doutoranda do Grupo de Pesquisa, Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação (GEP-inPsi), que realiza pesquisas que visam embasar a atuação do psicólogo na escola e está diretamente ligado ao ECOAR, um projeto que visa inserir os profissionais na rede municipal da cidade de Campinas-SP, contando atualmente com 42 profissionais em 32 escolas. Tal ligação se dá pois o grupo de pesquisa visa construir um conhecimento teórico que possa embasar a prática destes profissionais que vão à campo, bem como a prática é considerada pelo grupo como uma direção a ser seguida com base nas demandas e na realidade material. Tal grupo se fundamenta, justamente, no materialismo histórico e dialético e busca, assim, construir uma práxis que esteja pautada na realidade das escolas e dos estudantes. Considerando que a Psicologia é uma ciência fundada e desenvolvida no século XIX em países do hemisfério norte, seu crescimento entre países da América Latina, sobretudo no Brasil, aconteceu nos marcos do século XX com características próprias de um processo colonizador, mimético e sem responder às demandas sociais, especialmente das camadas mais pobres e excluídas dos direitos básicos em nossa sociedade. A atividade mostrou-se como possibilitadora ao acesso da perspectiva do sujeito acerca de sua realidade, visando embasar a prática profissional de maneira contextualizada. Com base nas respostas foi possível, ainda, construir categorias que visavam identificar traços de fatalismo e capacidade de ação nas falas. É necessário considerar a limitação por se tratar de um instrumento que faz um recorte da realidade do sujeito, não o considerando de maneira integral e em desenvolvimento. Assim, com base nos dados obtidos foi possível se ter acesso à realidade dos alunos, possibilitando que o psicólogo possa desenvolver um trabalho que responda as demandas. Bem como, com a observação dos traços de fatalismo e capacidade de ação possa pensar em formas de trabalho que visem a libertação e a autonomia do sujeito ante sua situação concreta de vida, sendo sujeito ativos de sua própria história. Papel do psicólogo partindo de uma atuação crítica e se pautando nas maiorias populares.

Palavras-chave: Psicologia Crítica, Desenvolvimento Humano, Psicologia na Escola

45. Operando com o Dispositivo Intercessor no âmbito do Tribunal de Justiça: a práxis de uma trabalhadora psicóloga no trato com a pessoa com deficiência

Natalia Kerche Alvaides e Sílvio José Benelli

Roda 12. Psicologia, Políticas Públicas e a práxis psicossocial junto às pessoas com deficiência

Apresentamos discussões decorrentes da elaboração de uma tese de doutorado em andamento que, através da intercessão-pesquisa, problematiza a práxis da autora a partir da sua posição enquanto trabalhadora-intercessora atuante como Psicóloga Jurídica no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo onde são desenvolvidas perícias psicológicas a fim de embasar decisões judiciais no âmbito da Vara da Infância e Juventude, Varas de Famílias e Sucessões e, recentemente, em Varas Criminais. Utilizamos a Análise Institucional de Lourau e de Lapassade, elementos da Filosofia da Diferença de Deleuze e da Psicanálise do campo de Freud e Lacan, campos transdisciplinares que compõem o Dispositivo Intercessor que, longe de ser propriamente um método de pesquisa, constitui uma ferramenta que visa superar as dicotomias clássicas da ciência, em especial a divisão entre executores e produtores de conhecimento e entre sujeito e objeto da pesquisa. Também fornece analisadores para problematizar questões emergentes num dado contexto institucional e os efeitos éticos aí produzidos, considerando tanto o sujeito do desejo quanto o de direito. Em relação a pessoa com deficiência, as principais demandas são as de interdição e de curatela; porém, recentemente, destacam-se os processos de solicitação de internação institucional em estabelecimentos tanto da política da Saúde quanto da Assistência Social, por meio de judicialização. Buscamos operar a partir dos paradigmas éticos que sustentam uma forma de atuação profissional para com as pessoas com deficiência visando à garantia dos seus direitos, pautadas pela construção coletiva de um projeto ético e político para a Psicologia. As pessoas com deficiência, historicamente, foram aviltadas em seus direitos a partir de uma narrativa médica, patologizante e individualizante, segregadora e normatizadora. O Poder Judiciário no trato com os demais poderes, executivo e legislativo, deve sempre estar atento aos efeitos éticos de suas práticas e consequentes processos de normatização do público atendido. Não temos a pretensão de ofertar respostas prontas e universais; mas sim participar, descrever e problematizar processos bem como também instigar outras práticas intercessoras ao permitir à demais trabalhadores o repensar sobre o fazer profissional e na produção de um conhecimento que permita reposicionar-se em seu campo institucional. No trato com a Pessoa com Deficiência, questionamos a prevalência de cuidados organicistas em detrimento de práticas psicossociais, a internação e o crescente processo de culpabilização dos grupos familiares que mascaram as desproteções sociais as quais estão expostas.

Palavras-chave: Dispositivo-Intercessor, Tribunal de Justiça, pessoa com deficiência

46. Sentidos do trabalho informal para mulheres negras referenciadas em um Centro de Referência de Assistência Social

Thainá da Silva Costa, Deivis Perez Bispo dos Santos, Ruchelli Stanzani Ercolano e Jéssica Araújo de Carvalho

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

O presente trabalho irá demonstrar os resultados da pesquisa de mestrado em Psicologia Social, cujo título é “Sentidos do trabalho informal para mulheres negras referenciadas em um Centro de Referência de Assistência Social”. Por este trabalho, nos dedicamos ao exame das concepções e dos sentidos que o labor informal e a chefia familiar possuíam para mulheres negras atendidas em Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e, que também eram beneficiárias dos Programas de Transferência de Renda (PTR) federal. Durante o processo investigativo perseguimos dois objetivos norteadores, a saber: 1- (re)conhecimento e a discussão das conceptualizações e sentidos da laboralidade informal para estas mulheres; 2- evidenciar os nexos do objetivo primeiro, com a incumbência da chefia do lar e os seus desdobramentos no tocante à potencialização e às dificuldades que o acúmulo destas funções sociais e dos seus desdobramentos concretos e subjetivos acarretam na perspectiva das próprias mulheres. Para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas entrevistas pelo dispositivo da Clínica da Atividade, Instrução ao Sósia, com duas voluntárias, autodeclaradas negras, participantes e usuárias do CRAS, em uma cidade interiorana do Estado de São Paulo. Os resultados foram analisados pela metodologia da Psicologia Histórico-Cultural, denominada núcleos de significação, o que possibilitou a sistematização e construção dos dados coletados em dois núcleos: 1- O percebido e o não percebido na rotina diária de trabalho; 2- Matriarcado e o trabalho informal: Mulheres negras-faróis. Ainda, contamos com as produções marxistas do materialismo histórico e dialético em interface com os estudos das relações étnico-raciais produzidos internacional e nacionalmente, como fundamento teórico do trabalho. Por resultado, identificamos a permanência no trabalho informal com o sentido de mantimento da rotina dupla de trabalho como meio para promover e garantir os sustentos dos filhos e futuros destes. Por isso, o cansaço e a exaustão foram percebidos enquanto resultado desta rotina. Além disso, um dos resultados importantes foram constatados na presença de subordinação, submissão e respeito nas relações do trabalho entre as mulheres negras trabalhadoras e as pessoas brancas que as empregam. Concluímos, considerando que a partir dos resultados coletados, possamos conectar com a práxis da Psicologia Social Crítica, a atuação política de psicólogas e psicólogos frente ao debate de raça, gênero e classe social, contribuindo para uma maior sensibilidade diante da vida destas mulheres, procurando buscar juntamente com elas, os sentidos que as movem na lida diária, a fim de chegarmos a maior autonomia e transformação da realidade. Pois, a busca por esta investigação, partiu justamente do incômodo de uma psicóloga preta, que ao ter contato com tais realidades no equipamento CRAS, identificou a necessidade da discussão minuciosa e atenção ao gênero, raça e classe pela Psicologia Social Crítica.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Relações Étnico-Raciais, Psicologia Histórico-Cultural, Materialismo Histórico e Dialético

47. Orientação sexual e acesso à saúde: o estigma como barreira ao exercício de direito social

Ingrid Alves Conceição e Luiz Augusto de Paula Souza

Roda 16. O sofrimento e o cuidado ético-político: afetos vividos ou produzidos na interface com a política

O estigma é uma marca social negativa, que ocorre como consequência do processo de descrédito social. A sexualidade envolve desejos, sentimentos, atitudes valores e comportamentos relacionados ao erotismo humano, mas as formas pelas quais se manifesta dependem do contexto social e histórico em que se esta inserida. Na história moderna ocidental, as práticas heterossexuais, monogâmicas e, ao menos em tese, com finalidade reprodutiva foram definidas como práticas sexuais “bem-educadas” ou normativas e as outras práticas, ou sexualidades não-normativas, foram denominadas – inclusive pelo discurso científico – como homossexualidade, significando anormalidade. As práticas sexuais fazem parte do chamado “dispositivo da sexualidade”: saberes e poderes específicos atuando sobre as populações e produzindo normatização dos modos de vida. Isso institui fronteiras bem estabelecidas entre o que é admitido e o que é considerado “desviante” entre as práticas sexuais “bem-educadas” e as demais, sendo as últimas as que ocupam as margens da sociedade. Objetivo: O objetivo do presente estudo é descrever e analisar a problemática do acesso à saúde por sujeitos LGBTQIA+, buscando compreender a percepção que eles têm sobre a presença ou não de algum tipo de discriminação (explícita e/ou sutil) para acessar os serviços de saúde na cidade em que residem, bem como em relação aos efeitos pessoais e sociais que eventuais discriminações produzem sobre suas vidas. Método: A presente pesquisa consiste em um estudo descritivo e prospectivo, com design de levantamento e amostragem não-intencional, colhida em rede social a partir de formulário específico . Após as respostas ao formulário, os sujeitos que se dispuseram a responder serão convidados a participar de Grupo Focal (GF) online, constituído com 08 a 12 participantes.

Palavras-chave: LGBTQIA+, estigma, sexualidade

48. Experiência de Estágio em Psicologia em Escolas Estaduais: Reverberações da ausência de psicólogos na área

Nádia Uana Bôa Ventura Fabian, Rita Kawana Duarte Queiroz, Pietra Vignotto da Cunha e Maria Cristina Dancham Simões

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

O estágio se deu em três escolas estaduais localizadas em São Paulo, Gaurulhos e Santo André, por três alunas do curso de psicologia. As alunas estiveram presentes em 06 encontros semanais nas turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, junto de professores de diversas disciplinas. A metodologia empregada foi a de observação-participante. Pode-se observar em todos os três estágios problemáticas recorrentes, voltadas sobretudo à sexualidade, onde a falta de diálogo e compreensão com a diversidade sexual e de gênero geram impasses; ao uso e abuso de substâncias dentro do ambiente escolar, como álcool e drogas; a excessiva presença de alunos depressivos e ansiosos, a partir de diversos relatos de sofrimentos psíquicos e de bullying; bem como a falta de preparo das instituições em lidarem com problemas relativos à saúde mental, visto que, nenhuma delas dispõe de profissionais da psicologia. Ademais, ressalta-se o esgotamento mental e físico também partindo do corpo docente. É possível concluir que a presença da psicologia nas escolas públicas paulistas é um chamado urgente, sobretudo considerando o fato de ser um local onde tanto alunos quanto professores passam a maior parte do seu dia, por vezes sendo a escola nomeada como uma “segunda casa”. Para tanto, torna-se imperativo que este ambiente seja acolhedor e pacífico, para obem estar físico e psíquico de todos os agentes da instituição. As estagiárias concordam que muitas das problemáticas apontadas poderiam ser resolvidas com o auxílio do psicólogo, bem como com intervenções diretas de políticas públicas voltadas ao ensino de escolas públicas, que carecem de instrumentos básicos para o seu funcionamento. A experiência proporcionou a oportunidade de problematizar a educação pública a partir da Psicologia bem como o aprimoramento das possibilidades de atuação das estagiárias. Além disso, as condições da escola pública atual nos faz refletir sobre a precariedade como desvio ou como rota na educação pública paulista e quais as contribuições da psicologia para resistência e superação

Palavras-chave: Estágio em Psicologia, Escola, Adolescência

49. Ser mulher na sociedade capitalista patriarcal racista burguesa

Ruchelli Stanzani Ercolano e Deivis Perez

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa de doutorado em andamento e tem por objetivo promover reflexões críticas acerca da condição da mulher na sociedade capitalista burguesa a fim de compreender algumas de suas determinações históricas e de contribuir para o enfrentamento da opressão que lhe é imposta. A separação sexual do trabalho é o que estrutura a exploração e a dominação de mulheres na sociedade em que vivemos e esta divisão também se manifesta no campo familiar, político e social (CISNE, 2018). A classe trabalhadora possui dois sexos em que homens e mulheres experimentam diferentes situações ainda que inseridos na mesma categoria produtiva, de modo que as essas ocupam posições de menor prestígio e possuem as piores remunerações, logo, representam a população mais pobre apesar de possuir a maior jornada de trabalho, pois além do trabalho produtivo também lhes são designadas as tarefas domésticas e reprodutivas. Ademais, a raça também é utilizada como dispositivo de opressão e exploração da classe trabalhadora, além de outros elementos que promovem a competitividade, a segregação e a dominação que alimentam o capitalismo. Assim sendo, “as relações sociais de sexo, “raça” e classe são “consustanciais” e “coextensivas””, ou seja, compõem uma totalidade indissociável em que se integram e se determinam (CISNE, 2018, p. 78-79). Mais um pilar estruturante da condição de submissão feminina é o patriarcado, já que sustenta por meio da moral, dos costumes e das relações sociais, a figura masculina como centro de autoridade e poder. O patriarcado, por sua vez, é uma produção histórica da humanidade e está vinculado à criação da propriedade privada bem como à “apropriação masculina sobre o corpo da mulher” (CISNE, 2018, p. 85) e é reproduzido socialmente, tal como a subalternidade feminina, pela instituição familiar que opera ideologicamente na disseminação e perpetuação do conservadorismo a partir da educação de crianças. A família é um dispositivo fundamental para manutenção do capitalismo, pois conserva a propriedade privada a partir de um fazer produtivo doméstico que circula e consome mercadorias e serviços alicerçados na exploração de mulheres. Logo, é possível categorizar como escravização as atividades da mulher em âmbito familiar, tendo em vista que se presta gratuitamente serviços, tais como o cuidado de crianças, idosos, manutenção doméstica, os quais são atribuídos exclusivamente às mulheres pela ideologia patriarcal. De acordo com o Materialismo Histórico Dialético e autoras do feministas marxista, tais como Heleieth Saffioti e Mirla Cisne, a situação de desigualdade e de opressão vividas por mulheres na sociedade capitalista burguesa será superada somente quando enfrentada coletivamente, tendo em vista que homens e mulheres são prejudicados nesse sistema capitalista patriarcal. Nesse ínterim, entendemos que é dever da Psicologia Social apoiar e contribuir para o processo de superação da opressão e de emancipação humana.

Palavras-chave: Mulher, Sociedade capitalista burguesa, Materialismo Histórico Dialético

| |
|---|
| 51. Neoliberalismo e Precarização do Sujeito |
| Piettra Maschio da Silva e André Luiz da Silva |
| <i>Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social</i> |
| <p>O presente trabalho, através de um estudo teórico, busca analisar e interpretar os impactos do trabalho precarizado na subjetividade dos trabalhadores de aplicativo. O sistema neoliberal é composto por discursos, práticas e dispositivos (DARDOT; LAVAL, 2016) que impactam as relações, a saúde e a subjetividade das pessoas. O processo de precarização do trabalho é fundamental no sistema neoliberal, uma das formas de precarização mais presentes na atualidade é a plataformização do trabalho onde as relações trabalhistas são individualizadas e inviabilizadas ao extremo (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020). O que ocorre na plataformização do trabalho são formas diferenciadas de remuneração e de exploração não regulamentada da força de trabalho. As empresas de aplicativo jogam para o “parceiro” toda a responsabilidade pelos problemas e desafios que enfrentam no cotidiano do trabalho (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020; FRANCO, 2021). Essas novas formas de relações de produção ampliam a desumanização do trabalhador via novas subjetivações, configurando o que Mbembe (2018) compreende como sendo o neoliberalismo: a racionalização do mundo de acordo com a lógica empresarial e a consolidação do trabalhador enquanto “empreendedor de si mesmo”. Para Furtado e Szapiro (2015), a subjetividade é controlada pela eficácia, performance, flexibilidade e superação dos limites. Não há lugar para a experiência de mal-estar, o indivíduo perde a capacidade de vivenciar de forma completa as experiências da vida e de elaborar o sofrimento como algo que faz parte da experiência. Como consequência do discurso neoliberal, os indivíduos recorrem a substâncias farmacológicas, pseudoterapias ou qualquer instrumento que possibilite uma felicidade instantânea e uma boa performance (FURTADO; SZAPIRO, 2015). O Estado neoliberal assume uma posição de trabalho a serviço das empresas, enquanto negligencia e, até mesmo, impossibilita o acesso aos direitos trabalhistas e humanos básicos. Pautado na precarização e insegurança, o neoliberalismo transfere a responsabilidade pelas violências sociais do Estado para os próprios indivíduos (SECCO; KOVALESKI, 2021). O trabalho plataformizado desenvolve um processo de precarização subjetiva dos sujeitos, a precarização do trabalho com o tempo resulta na destruição da existência dos trabalhadores (FRANCO, 2021). Uma prática responsável na Psicologia consiste, necessariamente, em se indignar com o sistema, com as instituições e com os discursos. Não é possível pensar a subjetividade sem pensar as formas e as relações de trabalho. Um dos focos da Psicologia Social Crítica é a responsabilidade social da Psicologia, portanto, propor uma análise crítica sobre o trabalho contemporâneo e sobre a subjetividade do trabalhador é fundamental para (re)pensar a prática profissional. A ansiedade gerada pela precarização da vida, só é resolvida quando abarcamos o ser humano em sua totalidade.</p> |
| Palavras-chave: Neoliberalismo, Trabalho Precarizado, Saúde Mental |

| |
|--|
| 52. Supervisão de estágio na pandemia: relato de experiência |
| Maria Cristina Dancham Simões |
| <i>Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira</i> |
| <p>A presente experiência parte da necessidade de implantação, ao longo de dois anos, do modelo remoto de supervisão, em função da pandemia e consequente isolamento social. Considerando a autorização do Ministério da Educação, em caráter excepcional, bem como as orientações elaboradas pelo Conselho Federal de Psicologia, nos anos de 2020 e 2021 os estágios e supervisões passaram a ocorrer intermediados pela tecnologia. Rapidamente, não apenas o conteúdo teve de ser adaptado à nova mediação e suas dificuldades, mas também as práticas de estágio tiveram de ser reinventadas. Constituiu-se um problema a definição de como discutir a compreensão do fenômeno psicológico virtualizado, além da própria precariedade de acesso e permanência nas supervisões remotas. Dois níveis de tecnologia se sobrepunham, aquele necessário para os atendimentos e o necessário para as supervisões, e ambos eram pouco conhecidos do ponto de vista teórico e prático, posto que não apenas não se tinha conhecimento acumulado e vivência cotidiana na área de estágio, como na docência no ensino superior. Essas questões impuseram um olhar que se deslocou das certezas prévias e se estabeleceu na certeza da incerteza, permitindo uma mudança no planejamento e execução das atividades com base nas condições que se apresentavam no momento, a qual contribuiu para melhora nas relações de supervisão e possibilitando que os estagiários pudessem entrar em contato com a tarefa a partir de novas bases, configurando um aprendizado diferenciado e próprio à cada grupo. Pretende-se compartilhar a trajetória e as reflexões críticas possíveis nesse cenário.</p> |
| Palavras-chave: estágio, supervisão, pandemia |

53. A construção de saberes e práticas advindos do social em benefício da classe trabalhadora: um desafio e um compromisso da Psicologia Social

Deivis Perez e Ruchelli Stanzani Ercolano

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

Este trabalho visa compartilhar contribuições teóricas do Materialismo Histórico Dialético e da Psicologia Social para o desenvolvimento e aplicação de metodologias interventivas que favoreçam o desvelamento da realidade e a transformação social. Marx e Engels (1845-6/2007) indicaram ser fundamental para decifração de um fenômeno ou objeto principiar da sua concreticidade, isto é, da sua expressão real captada pela aproximação e inserção no contexto interacional, histórico, material e social da sua manifestação. Nesse sentido, para a abordagem marxiana e engelsiana, o pesquisador possui papel ativo no apoderamento dos constituintes do objeto com o intuito de ultrapassar os limites da sua aparência e apreender a sua estrutura dinâmica, as relações internas entre seus componentes e suas contradições. Portanto, não são as ideias que explicam a realidade, mas a vida material e a relação concreta do homem com o meio que justificam e determinam a criação das ideias e dos conceitos. Seguindo este raciocínio, a própria consciência humana, então, seria um produto social já que ela se desenvolve em contato com o meio material, com as interrelações nele desenvolvidas e com o intercâmbio entre os homens. Em suma, a consciência se desenvolve condicionada pela socialidade e produtividade. Por sua vez, a Psicologia Social, em sua origem, em solo norte-americano, esteve vinculada aos interesses do capital por meio de um viés individualizante, funcionalista e a-histórico que visa incrementar a produtividade dos sujeitos no trabalho. Os países latino-americanos, inclusive o Brasil, reproduziram esse modelo de Psicologia Social durante certo tempo até se perceber, principalmente pelas violências e opressões imputadas à população pelas ditaduras militares, que tal paradigma não atendia às demandas locais. Assim, seguindo os postulados do Materialismo Histórico Dialético, desenvolveu-se uma Psicologia Social Crítica a qual era comprometida com uma abordagem eclética dos fenômenos, com a realidade nacional e com as problemáticas populares. Consequentemente, esta nova vertente também busca em suas teorias e métodos ter uma compreensão sócio-histórica dos sujeitos e dos grupos, de modo a levar em conta seus determinantes ideológicos, econômicos, políticos e institucionais a fim de construir saberes a partir da vida material, juntamente com a população e em benefício da mesma. Por fim, o Materialismo Histórico Dialético e a Psicologia Social Crítica nos convocam a estarmos sempre vinculados à vida material no compromisso de produzirmos teorias e práticas coerentes com a realidade voltadas para a transformação e emancipação social. Mais uma vez estamos vivenciando ataques burgueses à democracia, aos movimentos sociais e aos direitos populares, sendo nosso dever ético combater vigorosamente tais investidas e fortalecer a classe trabalhadora para sua libertação.

Palavras-chave: Método, Materialismo Histórico Dialético, Psicologia Social

54. ECA e educação em direitos humanos na escola de ensino fundamental

Nathara Cristina Capobianco, Débora Cristina Fonseca e Juliana Duarte Eigenheer

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

Resumo: No contexto do direito à educação como parte fundamental da garantia de direitos humanos, contextualizamos o presente trabalho no universo dos 32 anos de aprovação do ECA e na observação de que instituições que deveriam ser as primeiras a defender tais direitos, de forma especial as escolas públicas e seus profissionais não compreenderem a conquista de direitos humanos que crianças e adolescentes no Brasil ensejaram, se comparados ao que se legislava anteriormente (Código de Menores). Na perspectiva de garantia desses direitos, propomos a Educação em Direitos Humanos na escola, como possibilidade de enfrentamento, luta e emancipação a se fazer na cotidianidade da instituição. Neste contexto, trataremos neste trabalho de dados e reflexões produzidos a partir da pesquisa "ECA, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL", trabalho de pesquisa-ação com uma turma de 3o. ano do Ensino Fundamental, envolvendo crianças e professores de uma escola que funcionava em prédio improvisado, localizada em um bairro periférico, com muitos problemas de violências e violações de direitos, com diferentes resistências e culpabilização das pessoas pela realidade social vivida. Foram realizadas 12 oficinas com as crianças e 4 com os professores. A análise, subsidiada por uma perspectiva crítica, amparada na psicologia sócio histórica, permitiu alguns apontamentos, entre eles, de que o trabalho com tais temáticas é complexo, visto que a sociedade em que vivemos acaba perpetuando formas de violação dos direitos básicos e que a Educação em Direitos Humanos precisa ser um dos pilares do trabalho escolar com crianças e adolescentes, além de estar fortemente presente na formação de professores. Entendemos que este trabalho dialoga com a proposta da roda de conversa, por problematizar e discutir as diferentes possibilidades da psicologia e da pedagogia atuarem na educação, considerando outros fazeres na escola pública e as marcas que o preconceito, a vivência de violências desde pequeno e a culpabilização dos sujeitos pelas condições sociais ensejam sobre a subjetividade humana, tendo como foco neste trabalho, crianças periféricas, duplamente violentadas pelo estado, seja pela ausência de políticas públicas no âmbito social, como pela educação em seu modo de entender a presença desses sujeitos nas escolas.

Palavras-chave: Direitos Humanos, Educação

55. O consumo de pornografia e seus efeitos: contribuições de profissionais que tratam questões relativas à sexualidade

Lílian Mirele da Silva Benedito e Felipe Oliveira

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

O presente trabalho de pesquisa aponta para os efeitos envolvidos no consumo de conteúdos pornográficos desde a juventude. A presença de materiais deste cunho mostram-se como uma das influenciadoras da percepção de si, do outros e das relações interpessoais dos adultos, principalmente na performance das relações sexuais. Neste aspecto, cabe analisar como é percebido pelos profissionais da saúde as influências do consumo de pornografia no desenvolvimento da vida adulta, no que tange os aspectos sociais e sexuais principalmente. Percebe-se que há poucos dados científicos divulgados sobre os efeitos causados pelo consumo de pornografia, de maneira que, ao tratar do assunto ainda prevaleça muitos tabus na atualidade reforçados por uma visão moralista e conservadora sobre questões ligadas à sexualidade. Ao reconhecer essa carência de material ficou clara a necessidade que existe em pesquisar esse tema presente no corpo social, uma vez que, identifica-se um aumento expressivo de faturamento e de consumidores(as) da indústria que alimenta este consumo. Os resultados e conclusões apontam que não há um consenso na quantificação do consumo exarcebado de pornografia e em que medida passa a ser considerado um vício, o que se sabe é que o consumo de pornografia pode implicar em alguma forma de sofrimento ao sujeito, seja em uma ou demais áreas da sua vida, ligados a dificuldade de socialização e performance. Dessa forma, cabe ponderar que o consumo de pornografia não configura-se no campo dicotômico do “bom” ou “ruim”, o consumo pode ser concomitantemente bom e ruim, pois cabe considerar quem o consome, com qual finalidade e qual o tipo de conteúdo consumido, investigando se o sofrimento é causado pelo consumo de pornografia ou é também um sintoma e não causa. Pensando na Psicologia Social Crítica como um pilar na busca por debater e questionar diversos temas que geram desconforto na sociedade entende-se a importância de se usar esse Encontro para ampliar essa discussão em um espaço que viabilize um debate para além de uma visão conservadora e reducionista do sujeito. Ponderando o desenvolvimento social e psíquico de cada indivíduo e sua extrema importância para compreender a influência da mídia e sua extensão nas relações sociais, construindo reflexões acerca dos papéis de gênero, degradação e hipersexualização do corpo feminino em prol do prazer instantâneo. A participação no Encontro de 2023 será de extrema importância, pois dará a oportunidade de apresentar a pesquisa em sua totalidade, visto que em 2021 a pesquisa foi apresentada em Comunicação Oral no Encontro Nacional e gerou a possibilidade de transformação de vários desdobramentos que estava seguindo, assim como uma solidificação da visão crítica das pesquisadoras. Considerando os impactos do capitalismo na construção dos corpos e do prazer, acredita-se que a pesquisa proporciona um debate crítico e necessário da nossa realidade, principalmente para aqueles que ainda estão em formação acadêmica.

Palavras-chave: pornografia, sexualidade, sofrimento

56. Protagonismo juvenil na fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard: experiências vividas por adolescentes de um projeto educacional

Claudio Gonçalves Mendes Galiotto e Débora Inácia Ribeiro

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

Esta pesquisa nasce da experiência de um estágio curricular em Psicologia realizado no ano de 2016, sobre a aquisição de habilidades sociais e educativas em adolescentes do ensino médio, participantes de um projeto social e educacional chamado “Projeto Jovens Protagonistas” que utiliza metodologias ativas em educação. Percebeu-se, naquela ocasião, não só a aquisição das habilidades como também um efeito na esfera da criatividade e autonomia dos jovens que atribuíram novos sentidos para a aprendizagem e elaboraram novas estratégias de enfrentamentos no cotidiano. Justifica-se esta pesquisa pela construção de alternativas que complementem a formação escolar tradicional e bancária, levando em conta a inteireza do ser humano, em linha com uma proposta mais libertadora de educação, de acordo com Paulo Freire. É tomado como objeto de estudo o fenômeno da expressão do protagonismo juvenil em adolescentes do ensino médio pelo olhar da fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard. As reflexões estão baseadas nas premissas do protagonismo juvenil como uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia, sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais na vida social mais ampla e da fenomenologia da imaginação como ação imaginante e criadora que compreende, sente e significa a experiência da novidade. O objetivo é compreender, por meio do método fenomenológico, os sentidos das experiências vividas pelos adolescentes, em relação à expressão do protagonismo juvenil. Trata-se, portanto, de uma pesquisa fenomenológica, de nível exploratória, qualitativa e transversal. Em relação aos participantes, pretende-se realizar a pesquisa com 20 alunos do ensino médio ingressantes no projeto educacional, dentro de um período de um ano. Como instrumento para a coleta de dados planeja-se a realização de uma análise documental de fontes primárias produzidas pelo projeto educacional sobre os alunos ingressantes. Também será aplicado o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema como instrumento mediador de contato com o fenômeno do protagonismo juvenil em três momentos distintos: quando o aluno ingressa no projeto, numa etapa intermediária e ao final. Para a organização e análise dos dados, será utilizado o método fenomenológico de Giorgi. Almeja-se, portanto, compreender o sentido da experiência vivida desses jovens a partir de Bachelard e sua fenomenologia da imaginação. Espera-se que as experiências dos adolescentes, pela ótica da imaginação poética e criadora, possam oferecer significado para suas ações dentro e fora do projeto educacional, complementando o ensino tradicional, contribuindo para a expressão do protagonismo, da autonomia e criatividade, além de promover uma ação social com vistas à transformação da realidade. Os dados da pesquisa serão divulgados por meio de publicações de artigos em periódicos científicos, bem como a participação em seminários, simpósios e congressos.

Palavras-chave: Adolescentes, Educação, Protagonismo Juvenil

57. Jovens em conflito com a lei no entrecruzar do fazer das políticas públicas de assistência social e educação: resistências e potencialidade para a emancipação.

Débora Cristina Fonseca, Sueli de Fátima Caetano Coppi e Juliana Maria L. D. Eigenheer

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

Este trabalho se insere na interface entre políticas públicas sociais, educacionais e os sujeitos dessas ações. Objetivamos partilhar a experiência e reflexões críticas decorrentes do desenvolvimento do Projeto de Extensão "Educação de Jovens e Adultos" em interface com a pesquisa com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas realizado em um CREAS de um município do interior paulista. Foram realizados encontros semanais com 4 grupos de jovens, utilizando-se de pesquisa-ação. No período de 2 anos foram realizadas oficinas temáticas abordando o que emergia dos próprios jovens, tais como violências, sexualidade, identidade e como ponto difícil, o direito à educação ou minimamente a escolarização, no entrelaçar dos conflitos entre direito, punição e resistências. Várias estratégias foram importantes para construir o diálogo com esses jovens, de forma geral resistentes ao processo de cumprimento de medida socioeducativa e as atividades que envolvem a leitura e escrita, tendo em vista que a maioria deles encontra-se em defasagem idade / série. Assim, jogos, brincadeiras, grafite, pipas foram alguns dos recursos mediadores dos diálogos e constituição das histórias de vidas. Ainda, o Estatuto da Criança e do Adolescente e reflexões sobre direitos foram potencializadoras do debate formativo com os jovens, fugindo-se à lógica policesca e de controle presente na medida socioeducativa, de forma geral reproduzida pelo CREAS e sua equipe, assim como pelas escolas de EJA, dada a ausência de formação continuada e aparato estrutural para o desenvolvimento de atividades que não tenham como foco apenas o controle de presença e verificação sobre como os jovens se comportam. Muitos dados foram registrados em diário de campo, entrevistas com alguns jovens, com familiares, além do levantamento nos documentos do CREAS, incluindo os Planos Individuais de Atendimento. Parte desses dados já foram discutidos, tendo como fundamentação teórica a perspectiva materialista histórico dialética e da Psicologia Sócio histórica. Outra parte dos dados encontra-se em análise, em diferentes recortes (pesquisas de IC e de mestrado). Na apresentação do trabalho pretendemos partilhar alguns dos diálogos e construções decorrentes do período de dois anos trabalhando com os grupos, tendo como foco de análise as políticas públicas de Educação e Assistência Social. De forma geral, compreendemos que esses dados dialogam com a proposta dessa roda, tendo em vista a práxis psicossocial a que nos desafiamos no desenvolvimento dessa pesquisa, bem como os desafios para o processo de formação, pesquisa e extensão no sentido de romper com as visões naturalizantes sobre esses adolescentes/jovens, na superação de preconceitos, racismo e estigmas que perpetuam as desigualdades sociais perpassam pelos modos de se fazer políticas públicas, pela negação da intersectorialidade e de forma crítica e fundamentada nos pressupostos da psicologia social.

Palavras-chave: Juventudes, socioeducação, políticas públicas

58. ESTIGMATIZAÇÃO, VIOLÊNCIAS E JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Mariana Cunico da Silva, José Diogo de Oliveira Gomes, Debora Cristina Fonseca, Kauê Frolini Pedro dos Santos

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

O presente trabalho é parte da pesquisa “Estigmatização, Violências e Jovens em Cumprimento de Medidas Socioeducativas”, que trata do estudo desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Participação Democrática e Direitos Humanos (GEPEPDH), em conjunto com o Projeto de Extensão “Educação de Jovens e Adultos”, com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (Liberdade Assistida), em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), do interior paulista. De forma específica, esse trabalho tem como objetivo, discutir os dados relativos à identificação e entendimento das violências sofridas pelos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em sua relação com a escola e a efetivação ao direito à Educação. A pesquisa refere-se a um estudo qualitativo, de caráter empírico e de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), tendo como universo de estudo: quatro grupos de adolescentes em conflito com a lei, que são acompanhados pelo CREAS e que frequentam escolas públicas em um município do interior paulista, em sua grande maioria na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda, como instrumento da coleta de dados, foram analisados o Plano Individual de Atendimento (PIA) dos participantes. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1991), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei nº 9394/1996), Constituição Federal (1988), em que se reconhece que crianças e jovens possuem o Direito de acesso e permanência na educação escolar, sendo dever do Estado assegurar a existência. A presente pesquisa encontra sua pertinência as discussões tratadas na roda, e ventiladas na psicologia social, no fato da identidade social estigmatizada orientar a vida destes jovens, apesar de não determinar que e quais caminhos eles devem seguir, limita as alternativas que possuem, (GUIMARÃES, 2014), duplamente, uma vez que a medida que esses jovens são tratados de forma discriminada, assumem para si a identidade a eles impostas, em um processo de assimilação de uma heteroidentificação que impacta diretamente a subjetividade e autoestima dos mesmos, auto definindo-se como “burros” e “infratores”, acirrando ainda mais as animosidades entre os jovens e a escola, pois ao assumir tal identidade muitas vezes apresentam indisciplina e desinteresse como resposta ao tratamento hostil, desrespeitoso, e por vezes até carregado de desprezo, advindo em muitos casos da própria equipe escolar, evidenciando o contínuo processo de exclusão e negação de direitos vivenciados por esses jovens, em sua maioria já vinculados à EJA, uma vez que são retirados do ensino regular quase de forma involuntária, em um processo conturbado sempre permeado por hostilidade, violência e principalmente estigmatização, como fora notado nos diversos relatos levantados pela pesquisa.

Palavras-chave: Juventudes, violências, Escola

59. Adolescência na visão de profissionais de saúde da Atenção Primária à Saúde: uma revisão narrativa

André Souza dos Anjos e Carlos Roberto de Castro e Silva

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

Esta é uma revisão narrativa a despeito do tema da percepção de profissionais de saúde que atuam na Atenção Primária à Saúde (APS) sobre o cuidado com a adolescência. Esta revisão teve o objetivo de levantar trabalhos científicos que tragam a percepção dos profissionais da APS sobre o cuidado a adolescência nos últimos 5 (cinco) anos. Outro objetivo desta revisão é discutir e revisar os achados da temática do cuidado ao adolescente na atenção primária em saúde no Brasil sob a ótica da Psicologia Sócio-Histórica. Este estudo teve como base de dados eleita o Portal de Periódicos da Capes, onde buscou-se por pesquisas através das palavras-chave “Adolescência” e “Atenção Primária à Saúde”. Os critérios de inclusão foram artigos científicos de base qualitativa que relacionassem a temática do cuidado ao adolescente sob o olhar de profissionais da saúde atuantes na APS e/ou em equipes de NASF dentro do período já mencionado dos anos de 2018 a 2023. O referencial teórico embasa-se na Psicologia Sócio-Histórica, considerando, portanto, a adolescência dentro de suas definições como uma construção histórica da humanidade. A justificativa para o tema se dá a partir da motivação em aprofundar-se no tema do cuidado a adolescência na Atenção Primária à Saúde, que faz parte do projeto de dissertação de mestrado do autor principal, psicólogo atuante na APS do município de Santos. A relação do trabalho se dá justamente a partir da atuação do autor principal no Sistema Único de Saúde e da necessidade de compreender a temática através do olhar da Psicologia Social Crítica, com vistas a posteriormente tentar promover mudanças em seu território de atuação. Nas considerações finais é possível notar que os achados da revisão pouco exploram a visão do sujeito sócio-histórico. Dos seis trabalhos selecionados para a revisão somente um traz a compreensão de que o cuidado carece da coparticipação das próprias pessoas a serem cuidadas. Outros se aproximam da visão de homem não liberal, mas sem parecer intencional. Há também certa concentração e supervalorização da enfermagem no cuidado com o público jovem, percebido nos estudos encontrados. De qualquer forma, é importante apontar para a relevância da atualização do tema proposto e a necessidade de recomendar novos estudos.

Palavras-chave: adolescência, atenção primária à saúde, psicologia sócio-histórica

| |
|--|
| 60. Narrativas de mulheres que atuam com mulheres sobre sororidade |
| Juliana dos Santos Corbett e Ana Paula Porto Noronha |
| <i>Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos</i> |
| <p>O termo sororidade ganhou visibilidade no mundo digital e movimentos de mulheres e ainda segue tímido nas pesquisas em psicologia. A rivalidade entre as mulheres não contribui com o fortalecimento dos movimentos, ao passo que mantém a cultura machista e patriarcal da relação de submissão deste público com os homens. Este trabalho tem como objetivo apresentar a compreensão sobre sororidade de mulheres que trabalham com outras mulheres e a importância desta temática para o fortalecimento dos movimentos sociais. Trata-se de um estudo quanti-qualitativo descritivo da avaliação em psicologia educacional e psicologia social. Este estudo compõe a tese de doutorado da pesquisadora e será apresentado o primeiro estudo. Participaram desse estudo 11 mulheres com idade entre 38 e 66 anos. Foi realizado entrevista semiestruturada para compreender como as mulheres em suas diversas práticas já tinham ouvido falar, o que compreendiam e como percebiam em sua prática a sororidade. As mulheres relatam o quanto a empatia, a ação e atitude estão associadas a palavra e prática da sororidade. Estar ao lado sem julgar e entendendo a dinâmica empática entre as mulheres, pode garantir maiores trocas, promover redes de apoio, ter possibilidades de diminuir as vulnerabilidades e produzir mobilizações para garantia de direitos, autonomia e fortalecimento entre as mulheres. O público feminino tem sofrido historicamente em nossa sociedade patriarcal, por ser inviabilizada em suas lutas, demandas e existência. Sabe-se o quanto as mulheres sofrem, são violentadas e mortas, principalmente se colocarmos a devida atenção nas questões de raça, classe e gênero. A cultura da concorrência não contribui para a diminuição dessas violações, tão pouco com a autonomia das mulheres. Fortalecer a união e troca pode promover rede de apoio, possibilitar a quebra da imagem de rivalidade e contribuir com visão de união tão mitigada pela cultura patriarcal. Focar na força do coletivo feminino e promover diálogo com grupos, contribui para a prática da profissional psicóloga, ampliando olhares para a base e criando estratégias de articulação social.</p> |
| Palavras-chave: Sororidade, Empatia, Rede |

61. Como políticas públicas representam os problemas que elas prevêm endereçar? Reflexões metodológicas a partir de um estudo de políticas de atenção a crianças e adolescentes no contexto de Uganda

Gabriela Milaré Camargo

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

O objetivo dessa comunicação é compartilhar reflexões nascidas na prática de atuação direta e de pesquisa com a população de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo, que ganharam contorno metodológico por meio de uma pesquisa de mestrado realizada sobre esse mesmo perfil populacional no contexto de Uganda. A partir da experiência no contexto brasileiro, é possível identificar como é posta uma responsabilidade desproporcional pela mudança de vida dessas crianças e adolescentes sobre as famílias de origem, dadas como culpadas, e nas trabalhadoras/es que estão no trabalho da ponta, enquanto pessoas em cargos mais elevados de poder e decisão – quanto à formulação, monitoramento e avaliação de políticas públicas – e políticos com poder de formular a agenda pública e distribuir recursos não são responsabilizados sobre suas ações quanto a essa problemática. É nesse sentido que proponho a investigação desses atores e das produções oficiais relacionadas a como formulam a problemática da situação de rua na infância e juventude, e como constroem narrativas sobre quais são as intervenções necessárias. A partir disso, podemos traçar um quadro mais complexo sobre o que temos feito, enquanto coletivo, para enfrentar a rualização de crianças e adolescentes e como podemos criar maior responsabilizar do poder público nessa tarefa. No estudo, utilizei da metodologia “What is the problem represented to be” (Bacchi, 2009), destinada a facilitar o interrogatório crítico das políticas públicas no que tange às representações implícitas do que é considerado como o “problema” a ser endereçado pela política. Tal perspectiva abarca também documentos oficiais e discursos de profissionais, uma vez que uma análise sistemática da política pública não seja possível justamente por sua ausência. A partir da análise realizada sobre o contexto de Uganda, proponho a troca de reflexão entre os dois contextos do sul global, bem como a discussão das potências oferecidas por tal metodologia para uma compreensão crítica e possível transformação do cenário das políticas públicas no Brasil. Alguns pontos do contexto ugandense são disparadores da reflexão: divergência entre o postulado pelas políticas e os discursos de agentes públicos quanto a definição da população de crianças e adolescentes em situação de rua e seus determinantes; a definição da agenda a partir de uma concepção estigmatizante e neoliberal sobre essa população e suas famílias; descompromisso do orçamento nacional com as políticas existentes; baixa coordenação das instâncias nacionais, regionais e locais, bem como a falta de mecanismos de responsabilização dos órgãos públicos quanto a essa pauta, entre outros elementos. Desta maneira, o presente trabalho pode contribuir para a reflexão crítica de como formulamos nossos questionamentos de pesquisa para produzirmos conhecimentos e práticas mais críticos e transformadores, seja a partir da Psicologia Social ou áreas correlatas, mas essencialmente de maneira interdisciplinar.

Palavras-chave: Infância e adolescência, políticas públicas, metodologia de pesquisa

62. A arte como peça fundamental da relação entre indivíduo e sociedade na luta pelos direitos da comunidade LGBTQ+

Giovanna Agostinho de Araujo, Kellyane Martins Lopes e Ana Silvia Ariza de Souza

Roda 16. O sofrimento e o cuidado ético-político: afetos vividos ou produzidos na interface com a política

“Quem são os excluídos, disfarçados de incluídos? São aqueles que para não denunciarem as injustiças decorrentes da ideologia dominante, necessária para a manutenção do poder de alguns e de um status quo, são ‘incluídos’ no sistema” (LANE, 2001). O presente trabalho, elaborado na disciplina de Psicologia e Sociedade da Universidade de Mogi das Cruzes, têm como objetivo explicitar a importância da arte para a relação entre indivíduo e sociedade na potencialização e resistência de sofrimentos ético-políticos, com ênfase na luta pelos direitos da comunidade LGBTQ+. Ele foi apresentado através de duas colagens em telas, a primeira reunia casos de homofobia e preconceito, com o intuito de mostrar a dor vivida por essa comunidade, a segunda tela apresentava artistas e obras que potencializaram essa luta, para mostrar a importância de resistir. O trabalho teve como fundamento a teoria de Martín Baró Psicologia da Libertação, a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky e a exclusão social ou inclusão perversa, desenvolvido pela professora Bader B. Sawaia. Por vivências individuais e por uma luta coletiva que acontece desde a antiguidade, escolhemos esse tema, pois sabemos do sentimento e o sentido que move essa causa, compreendemos a importância de resistir, e por meio da arte, manifestar as nossas emoções, desfazer recalques, ressignificar e potencializar nossa luta por uma sociedade que inclua verdadeiramente cada sujeito e respeite a subjetividade dos mesmos. O psicólogo Lev Vigotsky também enxergava a arte como algo primordial para o entendimento e externalização de sentimentos, "Uma técnica que foi elaborada pelos mesmos para permitir que os homens possam socializar determinados sentimentos e ao mesmo tempo tornar tais sentimentos pessoais, se tornando um componente no psiquismo" (BATAGLIA, 2018). Por mais que essa pauta tenha progredido cada vez mais, com a criação da Lei nº 7.716 /89, no ano de 2019, sabemos que ainda há muito a ser discutido e realizado e que essa conquista é muito recente e infelizmente, ainda é ineficaz. Isso fica explícito com o posicionamento do governo anterior e de seus apoiadores a respeito dessa luta, visto que a população LGBTQ+ era explicitamente sexualizada, desrespeitada e invalidada por eles. O termo “LGBTQ+” sequer foi citado pelo antigo presidente da república em seu projeto de governo. Em vista disso, é imprescindível a manifestação em busca de uma revolução na sociedade, por mais que ela aconteça lentamente, como observamos a anos ocorrer. E com isso, seguiremos lutando por um mundo mais justo, digno e igualitário.

Palavras-chave: Inclusão- perversa, Arte, LGBTQ

63. A obra de arte como estratégia potencializadora da Psicologia Social Crítica

Ana Silvia Ariza de Souza, Diana Figueira Kamada e Giovanna Agostinho de Araújo

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

A Unidade Curricular Profissionalizante “Psicologia e Sociedade” de Curso de Psicologia composta por fundamentos da Psicologia Social Crítica e Psicologia Comunitária busca contribuir com a ciência psicológica “a partir do estudo das relações entre os fatores históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos... apresenta as possibilidades de atuação...do psicólogo frente aos diferentes fenômenos psicossociais presentes na sociedade brasileira” (UMC, 2021). Uma das propostas realizadas por docente no ano de 2022 foi o acompanhamento de produções grupais de obras artísticas de estudantes provindas de estudos acerca da dimensão subjetiva dos fenômenos sociais a partir de diversidade de temáticas escolhidas. A intenção foi mobilizá-los para uma perspectiva crítica e novas formas de pensar, sentir e agir dadas ideias de extrema direita difundidas em nossa sociedade nos últimos anos. Inicialmente foi proposta busca ativa de artigos na perspectiva da Psicologia Social Crítica para compreensão dos sentidos encontrados, sofrimento ético-político e estratégias de resistência à inclusão social perversa (Sawaia,2001) Em um segundo momento, depois de elencados os principais sentidos deveriam compor obra de arte de forma livre que contivesse tais ideias e sentimentos. No final da UCP foram apresentadas aos colegas e observou-se grande mobilização afetiva embora muitas vezes não parecessem trazer a perspectiva de totalidade. Como ilustração dessas experiências foram compostas poesia e prosa com viés anticapacitista para mobilização de afetos acerca da inclusão com equidade de pessoas deficientes. Entende-se segundo Vigotski a arte como técnica social dos sentimentos. Por meio delas, o sujeito vivencia sentimentos que não seriam possíveis na sua vida particular enriquecendo seu repertório e visão de mundo. A humanização dos sentidos provinda da percepção da obra de arte coloca em movimento as funções psicológicas superiores e sua estrutura suscita emoções, as quais, são transformadas pelo processo de catarse em sentimentos que também impactam a consciência. Serve portanto à humanização dos seres humanos e ao desenvolvimento de novos sentidos (Barroco, Superti, 2014;Vigotski,1999). Observou-se que a criação e apresentação das obras de arte mostraram-se estratégicas e compreende-se necessidade de novas experiências para enfrentamento de sentimentos e percepções sedimentados em concepções norteadas por ideias, ações e propostas governamentais de extrema direita difundidas nos últimos anos que reiteram inclusão social perversa da classe trabalhadora.

Palavras-chave: arte, potência de ação, catarse

64. A atuação da escola e do serviço de medida socioeducativa na construção do projeto de vida de jovens autores de atos infracionais

Juliana Maria Luccas Duarte Eigenheer, Sueli de Fátima C. Coppi e Débora Cristina Fonseca

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

Este breve resumo, que se insere no Eixo: 4 - Desigualdades sociais, pobreza, violências estruturais e sofrimentos no neoliberalismo e dialoga com temas propostos pela Roda de Conversa 07 - Mecanismos Capitalistas de Opressão e Perfis Populacionais Violados: A Psicologia Social em Combate aos Projetos de Marginalização da Existência Humana, tem o intuito de trazer o recorte de uma pesquisa-ação realizada com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas de meio aberto assistidos pelo Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS) em um município de porte médio do interior do estado de São Paulo. Durante a coleta de dados para a pesquisa, que foi de setembro de 2021 a fevereiro de 2022, 51 jovens, com idades entre 15 e 19 anos, participaram de oficinas que abordaram temas como escola, medida socioeducativa, direitos, projeto de vida, identidade e discussões sobre gênero, violência, ética e família. Observou-se, no decorrer da pesquisa-ação, poucas perspectivas de futuro relacionadas aos estudos. A escola é, para esses jovens, um local distante física e emocionalmente, um espaço de restrições, ao qual não se sentem pertencentes. Em vários momentos das oficinas se falou sobre sonhos para o futuro, mas em nenhum a escola emergiu como parceira ou caminho para se pensar uma trajetória de vida posterior ao presente, destacando-se a ausência de um projeto de vida para esses jovens. De forma semelhante, o CREAS revelou-se ineficiente para contribuir efetivamente para a construção de um projeto de vida na vida desses sujeitos, o que poderia constituir-se um caminho para a saída do meio infracional. O tempo de atendimento reduzido e uma equipe em número insuficiente para atender a todos os jovens assistidos foram fatores percebidos como geradores da pouca possibilidade de mudança na vida desses autores de atos infracionais. A ausência de políticas desvelou-se como fator limitante do trabalho dos profissionais do CREAS no município onde foi realizada a pesquisa. Entre os poucos sonhos e projetos verbalizados pelos jovens participantes da pesquisa, a maioria relacionava-se à vida financeira, porém sem planos sobre como atingi-los. A pesquisa evidenciou ainda jovens que ignoram seus direitos fundamentais, mesmo tendo percorrido ao longo de sua trajetória instituições que pertencem ao Sistema de Garantia de Direitos (SDG), como a escola e o CREAS. Esses jovens, que tiveram e ainda têm tantos direitos violados, demonstraram que pouco se acreditam capazes de realizar sonhos. De fato, quando as urgências estão pautadas na sobrevivência diária, vislumbrar possibilidades futuras torna-se secundário. Consideramos que para que se torne possível ao jovem a construção de um projeto de vida é necessário que, primariamente, seus direitos básicos, preconizados em lei, sejam garantidos em sua plenitude. É necessário ainda que esses jovens sejam conhecedores de seus direitos, a fim de que possam exigí-los na busca da transformação de sua realidade e na construção novas trajetórias.

Palavras-chave: escola, medida socioeducativa, projeto de vida

65. Projetos de Vida de Jovens autores de ato infracionais, uma experiência com a poesia Slam.

Sueli Caetano Coppi, Juliana Maria L. D. Eigenheer e Débora Cristina Fonseca

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

Neste trabalho discutiremos parte dos dados coletados em uma pesquisa que teve como objetivo analisar a contribuição da poesia Slam para a construção de Projetos de Vida de adolescentes e jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação, o que atravessou questões relacionadas ao reconhecimento e entendimento acerca dos Direitos Humanos. A investigação ocorreu em uma unidade da Fundação CASA no interior do Estado de São Paulo, com o prisma teórico do materialismo histórico e dialético e por meio do método qualitativo, em que recorreu-se à pesquisa-ação em formato de oficinas, nas quais houve a apropriação das técnicas da Poetry Slam. Foram 05 meses de pesquisa, com total de 17 oficinas, que eram planejadas levando-se em conta as especificidades do ambiente de internação e as demandas de cada participante. A pesquisa-ação foi estruturada em 04 fase. Ao final de cada fase ocorria o desenvolvimento de um grupo focal, o que garantia a sistematização do conhecimento construído em cada etapa, possibilitando uma experiência plena em sentidos para os atores e atrizes envolvidos no processo. Isso mobilizou reflexões, produções poéticas e performances em que os participantes, por meio de um Sarau, puderam expressar em um clima de comunidade seus slams(poemas), os quais estavam carregados por suas histórias de vida, por suas percepções acerca de si, do outro e da sociedade em que estão inseridos. Manifestaram também as possibilidades para suas existências no presente/futuro, projetos de vida nutridos por historicidade, identidade e consciência social. Movimentos potentes em que vozes e corpos agiam e reagiam em um enérgico evento poético. Para análise dos dados recorreu-se aos procedimentos metodológicos dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA 2006,2013). A análise preliminar dos dados permite identificar que as técnicas da Poetry Slam podem contribuir de forma significativa para questões relacionadas à construção identitária e reconhecimento no que tange aos Direitos Humanos, possibilitando reflexões e (re) significações no que concerne à realização do ser humano presente/futuro, uma viva metralhadora de palavras. Durante a exposição dessa experiência pretendemos compartilhar ricos movimentos desencadeados por essa pesquisa-ação. Por isso, compreendemos que esses elementos interagem com a proposta dessa roda de conversa, uma vez que nos propusemos a desenvolver uma pesquisa em que os adolescentes/jovens privados de liberdade eram percebidos enquanto sujeitos sócio-históricos que, de modo singular, puderam revelar suas existências, superando as frias estruturas do cárcere, rompendo com rotulações e estigmas, que inferiorizam, marginalizam e segregam esses grupos sociais, abrindo espaços para processos emancipatórios do ser, configurando-se uma práxis psicossocial que de forma crítica atravessa os pressupostos da psicologia social, sendo uma estratégia de enfrentamento aos impactos nefastos gerados pelo sistema capitalista..

Palavras-chave: Poetry Slam, socioeducação, emancipação humana

66. Relação família-escola: percepções das mulheres responsáveis de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (LA) sobre a escola e a educação

José Diogo Oliveira Gomes, Mariana Cunico Da Silva, Débora Cristina Fonseca e Kauê Frolini P. dos Santos

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

O presente trabalho, apresenta uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Participação Democrática e Direitos Humanos (GEPEPDH), em conjunto com o Projeto de Extensão "Educação de Jovens e Adultos", com mães e mulheres responsáveis dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (Liberdade Assistida), em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) do interior paulista. Teve como objetivo a compreensão das percepções e vivências narradas por mulheres responsáveis pelos jovens em cumprimento de medidas socioeducativa em sua relação com a escola e sua equipe, abordando em conjunto os impactos dessas diferentes vivências, muitas vezes marcadas pela hostilidade e rejeição, na subjetividade desses sujeitos e na construção de seu olhar para a escola e a educação como um todo, conduzindo uma discussão que dialoga com a práxis psicossocial. Construído a partir das inquietações e narrativas dessas mulheres, o presente trabalho se justifica na luta pelo direito pleno à educação, e na angústia trazida por essas mães e avós em seus relatos, tanto nas entrevistas quanto nas reuniões de responsáveis conduzidas ao longo das atividades do (GEPEPDH). Esse trabalho, além do supracitado, busca também a importante função de lançar luz a reflexões acerca do papel que a escola está exercendo na ressocialização desses jovens, uma vez que como já posto por Cunha e Dazzan (2016), as animosidades existentes na relação da escola com os jovens e sua família, se apresenta como um obstáculo à garantia constitucional ao acesso à educação, estabelecendo diálogo direto com as discussões propostas na presente roda bem como com os pressupostos da psicologia social. A pesquisa trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que, como posto por Minayo (2002), estas permitem responder a muitas questões particulares, demonstrando um trabalho com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, distanciando-se da operacionalização de variáveis, uma vez que corresponde a um profundo espaço das relações sociais. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais semi estruturadas, em que foram abordadas vinte e duas questões sobre violência, direitos e responsabilidades, modificações na Educação Pública, Escola e Família.

Palavras-chave: Socioeducação, Família, Escola

67. (Re)conhecendo os sentidos atribuídos ao trabalho docente na educação infantil no contexto da pandemia da Covid-19

Jéssica Araújo Carvalho, Deivis Perez Bispo dos Santos, Thainá da Silva Costa e Ruchelli Stanzani Ercolano

Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19

Esse trabalho tem como objetivo apresentar as reflexões advindas dos resultados de uma pesquisa de mestrado, na qual objetivamos a construção de saberes acerca dos sentidos atribuídos por uma docente da educação infantil ao coanalizar o seu trabalho em contexto de pandemia da doença provocada pelo Coronavírus 2019 (COVID 19). O percurso iniciou no ano de 2020, concomitantemente com a suspensão das aulas, agravamento da situação de saúde mundial e início das adaptações ao modelo de trabalho remoto por professoras, perpassando no ano de 2021 o período de adesão e adaptação ao ensino híbrido e finalmente, sendo encerrada no ano de 2022 em um cenário de retorno às atividades de trabalho educacional presencial novamente. Durante a pesquisa delinearíamos a unidade dialética e relacional metabólica diante dos aspectos importantes para a compreensão da realidade brasileira no decurso da pandemia da COVID-19, bem como, as relações estabelecidas na vida cotidiana da comunidade local e da trabalhadora docente. Nesse sentido, a escola pública e municipal de educação infantil e ensino fundamental escolhida para participar desta pesquisa localiza na região periférica da Zona Leste do município de Presidente Prudente, território historicamente segregado e despossuído. As investigações propostas pela Teoria da Atividade consistem na análise psicológica da atividade humana em unidades de análise que comportam em si os reflexos psíquicos dialeticamente imbricados nos processos de interação social e mediação da atividade humana. Dadas as particularidades impostas ao desenvolvimento desta pesquisa escolhemos executar as Fases A e B, e seus movimentos. Portanto, para a sistematização da metodologia de análise dos núcleos de significação, objetivamos a construção e articulação de dois núcleos principais para a apreensão da realidade estudada, resguardando a possibilidade de retorno e aprofundamento deste material de estudos futuros. Sendo constituídos os núcleos de significações: 1) Relações estabelecidas para com o exercício da atividade docente; 2) Relações advindas do contexto sociointeracional. Concluímos que o processo pandêmico atingiu com particular dramaticidade o campo da educação escolar infantil no ensino público, dado que a necessidade do atendimento educacional das crianças tornou-se ora impedido e ora dificultado pela ausência de acesso aos bens de consumo (equipamentos de proteção individual, alimentos, produtos de higiene pessoal e limpeza, acesso à tecnologia e internet, eletrodomésticos e eletroeletrônicos); contradições estas, inerentes ao próprio capitalismo. Nesse sentido, as necessidades de adaptações ao trabalho na atividade docente da educação infantil tornaram-se essenciais para a manutenção do processo intencional de ensino e aprendizado, especialmente sobre as singularidades voltadas aos atendimentos de crianças pequenas.

Palavras-chave: Sentidos, Trabalho Docente, Pandemia

68. O trabalho invisível na saúde: percepções de riscos, cargas e desgastes de trabalhadores da limpeza em hospital terciário.

Maria Dionísia do Amaral Dias, Pedro M. da Rocha Ramos, Larissa Ferracine Molero e Douglas Vieira Rocha

Roda 10. Atenção Psicossocial no Brasil: avanços e desafios do cuidado em liberdade

O objetivo da pesquisa que será apresentada foi identificar e compreender as cargas e os desgastes laborais de trabalhadores da limpeza em um hospital terciário do interior paulista. O atual contexto mundial do trabalho é caracterizado por precarização, com demissões em massa e fragilização dos vínculos empregatícios, o que pode resultar no aumento da terceirização¹, como é possível observar no serviço de limpeza hospitalar. Estes trabalhadores atuam no cuidado de saúde de maneira indireta, proporcionando ambiente que favoreça a saúde física e mental, promovendo conforto e bem-estar. Esse serviço apresenta uma série de desafios, apresentando-se como trabalho desgastante física e mentalmente, com riscos biológicos e possibilidade de desenvolvimento de doenças ocupacionais diversas^{2,3}. Espera-se que esta pesquisa e este evento possam promover o debate sobre a precarização do trabalho, trazendo visibilidade para os trabalhadores da limpeza hospitalar. A abordagem do estudo é qualitativa, embasada no referencial teórico histórico-social. A coleta de dados realizou-se a partir de entrevistas individuais com questionário semiestruturado. Participaram das entrevistas trabalhadores da limpeza do Hospital das Clínicas de Botucatu (HCFMB), sem restrição de setor. A análise dos dados é pautada na Análise de Conteúdo do tipo temática⁴ combinada com a avaliação de parâmetros do instrumento padronizado. Esta pesquisa subdividiu-se em três sub-projetos, com objetivos específicos relacionados ao objeto geral, envolvendo cada autor. Foram realizadas 23 entrevistas, revelando a predominância de mulheres e pessoas autodeclaradas negras (pretas e pardas). A análise preliminar dos dados mostra que a maioria dos participantes reconhecem riscos no trabalho que desenvolvem e que estes podem prejudicar a saúde. Sete das entrevistadas indicam alguma doença diagnosticada como sendo do trabalho e quatro afirmaram ter sofrido acidente no trabalho. Quanto à presença de agravos à saúde, dores osteomusculares, tendinite de membros superiores, problemas de coluna, artrose, enxaqueca e possíveis infecções foram indicados como possivelmente decorrentes da função exercida. Por fim, a percepção sobre as cargas e desgastes psíquicos sugerem a presença de carga excessiva de trabalho, abusos da supervisão, medo de contaminação e ausência de reconhecimento social no trabalho.

1. Franco, T., Druck, G. & Seligmann-Silva, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* 35, (2010). 2. Petean, E., Costa, A. L. R. C. da & Ribeiro, R. L. R. Repercussões da ambiência hospitalar na perspectiva dos trabalhadores de limpeza. *Trabalho, Educação e Saúde* 12, (2014). 3. Cruz, R. M. & Correa, F. de P. Avaliação da carga cognitiva de trabalho. *Revista de Ciências Humanas* 0, (2000). 4. MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Palavras-chave: trabalhador na saúde, terceirização, saúde do trabalhador

69. Lutar, resistir e esperar: o enfrentamento do desmonte das políticas públicas de gestão de resíduos sólidos em uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis

Ana Carolina Lemos Pereira

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

Os catadores de materiais recicláveis são responsáveis pela coleta e triagem de grande parte do material que alimenta as indústrias da reciclagem no Brasil. São agentes ambientais que historicamente enfrentam condições precárias de trabalho e vida nas cidades, e que nos últimos seis anos da gestão dos governos Temer e Bolsonaro, vivenciaram o desmonte das políticas públicas conquistadas arduamente por esta categoria organizada no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). A política neoliberal defendida na gestão Bolsonaro incrementou significativamente os processos de exclusão social dessa categoria de trabalho, degradando suas condições de vida e trabalho de modo significativo. O programa Recicla +, transferiu a operação de logística reversa para o setor privado, excluindo os catadores do processo e desconsiderando a trama social que enfrentam nas cidades para a organização popular em cooperativas. Diante desse cenário, em 2017 iniciamos um projeto de estágio em Psicologia em uma Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis. Esse projeto tem como objetivo assessorar os grupos populares em sua formação e organização, utilizando a educação popular como ferramenta de intervenção no cotidiano de trabalho. Essa metodologia de intervenção estrutura as ações a partir das demandas trazidas pelos catadores construindo com eles o diagnóstico, a proposta de intervenção e avaliação do estágio na cooperativa. A Psicologia Social Crítica é o referencial teórico que ilumina a práxis dos alunos estagiários nessa cooperativa, a partir da concepção do homem enquanto um sujeito histórico, produtor de sua realidade social que também o produz enquanto sujeito. Ao longo desses seis anos que acompanhamos a realidade desse grupo de catadores, tivemos muitos avanços no diálogo com o poder público municipal e no processo de formalização e regularização da cooperativa, no entanto esses avanços ainda são insuficientes para o enfrentamento das condições precárias de trabalho a que estão submetidos. A luta pelo reconhecimento social, político e econômico dessa categoria de trabalho segue desafiadora. No início de 2023, o governo Lula instituiu o Programa Diogo Sant'ana Pró-Catadoras e Catadores para a Reciclagem Popular, recriando o antigo Programa Pró-Catador extinto pelo governo Bolsonaro. O cenário é de esperança da retomada de políticas públicas que são fundamentais para a categoria, no entanto, é imprescindível que os grupos avancem na sua constituição e formação política, fortalecendo o controle social na gestão dos resíduos sólidos do município.

Palavras-chave: catadores de materiais recicláveis – educação popular - cooperativismo

70. Território sociocultural e o cuidado na Atenção Básica à Saúde: perspectivas para uma articulação necessária

Christiane Alves Abdala e Carlos R. de Castro e Silva

Roda 6. “Eu nunca imaginei que existisse um lugar assim!”: territórios de (des)afetos e experiências de enfrentamento à segregação socioespacial

O território no Sistema Único de Saúde (SUS) é um importante balizador de ações e organizador de serviços, entretanto há questionamentos sobre como lidar com a questão territorial principalmente na Atenção Básica, uma vez que, não basta dividir o espaço geográfico para entender e considerar o território e a vida que ali acontece. Como nos coloca Milton Santos, o território é o espaço de todos e o lugar do acontecer social, se definindo e sendo considerado pelo seu uso, com suas contradições, conflitos e cooperações na prática social. Como trabalhadora e pesquisadora, apresento este trabalho, parte de pesquisa de doutorado em andamento, que busca favorecer a compreensão e o diálogo entre as questões do território sociocultural e o cuidado exercido pela Atenção Básica a partir da Estratégia Saúde da Família (ESF), visto que o território tem destaque tanto nos documentos oficiais norteadores das Políticas Públicas de Saúde quanto no dia a dia dos profissionais, preocupados em concretizar um cuidado relevante para a população adscrita. Para tanto, o conceito de territorialidade nos traz reflexões a respeito da forma como o lugar é ocupado e vivenciado por seus moradores. Com bases teórico-metodológicas que se debruçam sobre as relações bidirecionais entre pessoas e ambientes considerando os vínculos afetivos e cognitivos que emergem e fundamentam essa inter-relação e voltando-se para a subjetividade e as especificidades do humano que se revelam nesta relação, destacamos que a territorialidade diz respeito às interações sociais e a forma como a apropriação do entorno físico acontece, são os acordos sociais estabelecidos, nem sempre explícitos, para o uso do lugar. Essas relações sociais que delimitam as territorialidades estão associadas aos aspectos tanto funcionais quanto simbólicos e significativos da organização territorial. Cabe salientar ainda que a referida pesquisa está em andamento numa área de ocupação em um dos Morros de uma cidade litorânea no Estado de São Paulo e destacamos que em revisão sistemática qualitativa da literatura realizada recentemente foi possível constatar que, apesar de ser uma realidade que perpassa as ações da ESF rotineiramente, ainda há pouca publicação no Brasil referente a articulação entre território sociocultural e cuidado em saúde. Considerando primordial a colocação de Martin-Baró quando escreve sobre o papel da psicóloga ao lado do povo que sofre em decorrência de um sistema socioeconômico desigual, injusto e iníquo, o que significa que a práxis da psicóloga deve ir ao encontro de contribuições para a transformação social, destacamos que o sofrimento considerado de forma a-histórica e de maneira que individualiza e culpabiliza o sujeito que sofre, necessita ser reconsiderado. Nesse sentido nossa proposta visa colaborar para descortinar o sofrimento ético-político nos territórios marcados pela exclusão social, a partir de marcos da Psicologia Sócio História em articulação com a Saúde Coletiva.

Palavras-chave: Território sociocultural, Atenção Básica à Saúde, Cuidado

71. Praça Roosevelt: contribuições Psicanalíticas e da Psicologia Social Crítica aos conflitos de vizinhança

Maria Cristina Itagiba Fonseca e Belinda P. Haber Mandelbaum

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

O medo da violência tem importante efeito na organização do espaço urbano e políticas de gestão. Os discursos e estratégias de segregação como tentativa de garantir segurança, em geral, produzem a criminalização de sujeitos por aqueles que se consideram legítimos aos seus territórios. Assim, as marcações que separam quem deve ser protegido de quem precisa ser vigiado estão calcadas em um processo histórico de dominação, segregação e exploração, resultado do processo de colonização que não cessa de se repetir. Este trabalho buscou compreender as relações entre sujeitos e territorialidade a partir de discursos, disputas e conflitos que permeiam o espaço público, tendo sido eleita a Praça Roosevelt (São Paulo - SP) como foco. Como método, optou-se pela etnografia para conhecer e compreender os modos de relação possíveis e os conflitos de vizinhança que surgem das formas de ocupação na praça. Foram realizadas visitas de observação, registros em vídeos, fotos e em diário de campo, além da participação nas reuniões do Conselho Comunitário de Segurança (CONSEG), uma entidade de apoio à polícia no trato das relações comunitárias, além de entrevistas com moradores, frequentadores, artistas e comerciantes. Os discursos sobre a Roosevelt são diversos e estão entrelaçados à posição e às identidades com as quais os informantes se apresentam. Deste modo, a pluralidade se torna um problema que as forças de segurança são convocadas a resolver. Independentemente da posição que o sujeito ocupa, os problemas de convivência foram localizados em um "Outro", seja este um forasteiro ou o vizinho autoritário. A análise foi realizada a partir das proposições freudianas que tratam de fenômenos sociais e de grupos a partir da noção de "narcisismo", considerando ainda o entrelaçamento entre essa vertente teórica e perspectivas da Psicologia Social Crítica e outras leituras sócio-históricas e latino-americanas que têm as formações sociais brasileiras fundadas a partir de uma lógica de exploração escravocrata e racista. Assim, o ódio e a violência estão atrelados a uma invocação de identidade grupal que predomina e se sobrepõe às outras, compreendendo-as como inferiores, a partir de marcadores de classe e raça, levando a supressão das possibilidades de simpatia e identificação. Este estudo foi motivado por uma abordagem policial sofrida junto com um grupo de psicólogos que realiza atendimentos clínicos na praça, por nossa presença ter sido considerada estranha a um morador. Apesar da polidez, fomos questionados, fotografados e cobrados por autorização municipal. Evidentemente, a abordagem sofrida foi diferente das que acontecem com pessoas em situação de vulnerabilidade social, pobre e/ou negro. Oficialmente, a praça é espaço de todos, mas, na prática, alguns estão autorizados a ficar, outros não. Assim, as questões e conflitos do território, observando corriqueiramente ações de expurgo social desses "indesejados" levaram à escolha do objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Vizinhança Segregação Conflitos

72. Relato e experiência perspectivas de mundo noções espaciais e sociais na educação de jovens e adultos da UNESP Rio Claro

Kaue Frolini, José Diogo Oliveira Gomes, Mariana Cunico e Tatiely Thomaz de Godoy

Roda 6. “Eu nunca imaginei que existisse um lugar assim!”: territórios de (des)afetos e experiências de enfrentamento à segregação socioespacial

Temos como enfoque na apresentação deste trabalho o intuito de compartilhar de reflexões e relatos sobre o Projeto de Extensão “Educação de Jovens e Adultos” que em conjunto com o Centro de Ressocialização Feminino ministrou e apresentou semanalmente oficinas trabalhando com um grupo de 15 reeducandas onde foram abordadas de interesses e curiosidades nas matérias de matemática, geografia, história e economia. As temáticas das oficinas variam semanalmente tentando sempre estimular e articular interesses das alunas com temas e conhecimentos aprendidos nas escolas, sempre com uma abordagem mais ampla aos conhecimentos difundidos tradicionalmente nas escolas, utilizando de maior diálogo entre as alunas e abrindo assim um canal de comunicação e desenvolvimento de um conhecimento baseado nas noções de vida e espacialidades primariamente físicas e depois sociais com as alunas. O trabalho que apresentamos pretende abordar e analisar uma questão de espacialidade, tanto no conceito geográfico, noções físicas de espaço, localidades e geográficas onde durante as aulas foram apresentadas e discutidas visões de mundo o que elas identificavam como cidades, seus entornos e locais que já viveram ou visitaram e como esses locais e seus habitantes se moldaram e estruturaram, mas principalmente seus entornos sociais. Durante as aulas debatemos principalmente duas questões: o não pertencimento urbano, especialmente o não pertencimento periférico urbano e a noções terceiro mundistas. Com objetivo de debater esses assuntos ministramos as oficinas com interesses e materiais auxiliares, de início utilizando de um mapa mundi para demonstrar e debater noções de espaços, a ideia de projeções cartográficas e o que elas simbolizam, conceitos como distorções nos mapas foram entendidos e muito bem debatidos na sala de aula demonstrando que só não as alunas compreendiam a noção de periferia geográfica como a vivenciavam, a ideia de um terceiro mundo poderia não ter sido debatido com esses termos, mas as vivências de existir isoladas de um sistema que ao mesmo tempo explora sem fazer pertencer enquanto de ideia mais pessoal mostra que os desafios e dificuldades das alunas não são de ordem social-individual mas um problema do sistema que existimos, após esses debates e oficinas com cartografia e mapas mundi, decidimos trabalhar o conceito de não pertencimento, articulado com textos do professor Milton Santos e Henri Lefebvre e materiais elaborados discutimos os espaços das alunas, onde viviam, e onde elas existiam, como indivíduos e como comunidades. debatendo e compreendendo sobre os espaços que as alunas vivem e o que representam esses espaços e seus desafios.

Palavras-chave: Educação, Direito à Cidade, Marginalização

73. Uma análise paradigmática do campo da assistência social: problematizando o “trabalho social” em tempos de pandemia coronavírus (Covid-19) em contexto neoliberal no Brasil

Virgílio Alves e Sílvia José Benelli

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

Pretendemos problematizar o trabalho social desenvolvido pelos trabalhadores dos estabelecimentos da Assistência Social (AS), como campo de trabalho e análise, atravessada pela eclosão da pandemia do Coronavírus, no contexto neoliberal brasileiro. Partimos do lugar da práxis, como trabalhadores que operam com supervisões, capacitações e assessorias com outros trabalhadores, que compõem as equipes dos estabelecimentos da Política de Assistência Social. A ancorados na Psicanálise de Freud, nas contribuições de Lacan, na Análise Institucional (AI) de Lourau e Lapassade e no Materialismo Dialético de Marx, nos propusemos a problematizar e evidenciar a lacuna do sujeito do inconsciente no trabalho social desenvolvido pelas equipes da AS. Diante das demandas e desafios das equipes que operam nos estabelecimentos da AS, nos orientamos pela Análise Paradigmática e pelo Dispositivo Intercessor, como outro modo possível de operar na práxis. Buscamos realizar reflexões que discutem as condições para uma implicação subjetiva ao enfrentamento das desigualdades sociais de classe, raça-etnia e de gênero, em contexto neoliberal, com o horizonte de problematizar o trabalho social a partir de uma nova ótica, na perspectiva de um fazer-saber articulado na superação dialética e visando a produção de efeitos éticos e políticos pautados pelo desejo e pelo coletivo. Esse estudo buscou refletir a Psicologia Social Crítica, problematizando o Paradigma transdisciplinar como possibilidade de operarmos com o sujeito do inconsciente na Assistência Social, para além do trabalho técnico, individualizado, racional, objetivo e essencialista, que contribuiu para a manutenção das desigualdades sociais, em direção de um trabalho, no campo político, que fomente o protagonismo dos sujeitos na AS e favoreça a transformação da realidade (BENELLI, 2022).

Palavras-chave: Assistência Social, Coronavírus, Dispositivo Intercessor

| 74. Queixas escolares na perspectiva de professores no contexto da pandemia Covid-19 |
|--|
| Rosa Frasao |
| <i>Roda 3. Covid-19, trabalho e população negra: a psicologia social ao alcance da complexidade sociopolítica e econômica e dos perigos trazidos pela pandemia, para a manutenção de vidas negras e Roda 13. Psicologia Educacional: (re)conhecendo as dificuldades, os limites e as potencialidades emergidas no contexto da Pandemia do COVID-19</i> |
| <p>A pesquisa de mestrado tem como objetivo estudar as as queixas escolares apresentadas entre um grupo de professores em uma escola na cidade de São Paulo dentro do contexto da situação de pandemia COVID-19. Primeiramente, procura-se investigar junto a educadores as concepções e crenças sobre sua ação profissional: o que é o processo ensino-aprendizagem (recursos, alunos, conhecimentos), o que pensam sobre a escola/espaco educativo, a educação e os alunos, tanto quanto, as relações entre os diferentes atores institucionais, a relação ensino-aprendizagem e educação-desenvolvimento e as queixas escolares apresentadas. Com o método do materialismo histórico dialético a partir da Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar, busca-se relatar experiências de professores no período de pandemia com relação aos alunos. Com isso, tem-se o intuito de problematizar histórias de experiência na pandemia, e ao se fazer uma interlocução com a Psicologia Social Crítica, a função psicossocial e visões estereotipadas refletem a realidade escolar desafiadora ao propor reflexões e problematizar versões a partir de uma situação concreta. Por fim, busca-se, por meio desta pesquisa, contribuir para o embasamento e proposição de políticas públicas voltadas ao apoio às escolas e aos espaços educativos, e ações que levem à formação e manutenção de comunidades de aprendizagem para favorecer relações dialógicas entre escola, família e comunidade, tanto quanto apoiar a sociedade nesse enfrentamento produzida estruturalmente pelas políticas neoliberais e atravessada pelo capitalismo pandêmico.</p> |
| Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Psicologia Social Histórico Dialética, Queixas Escolares |

75. A invisibilidade do decolonial e antimanicomial dentro da construção universitária

Ana Lúcia Guedes Cattache e Giovanna M. Q. de Paula

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

O presente trabalho busca problematizar sobre as limitações educacionais dentro de ambientes universitários quanto ao ensino de perspectivas decoloniais e antimanicomiais, compreendendo que a ocultação dessas dentro do desenvolvimento acadêmico compromete a formação ético, política e crítica dos futuros profissionais de psicologia. O decolonial entra como um posicionamento crítico diante da produção de conhecimento, sendo uma via de questionamento das epistemologias impostas para dominação por países colonizadores. A presença desse posicionamento dentro das universidades é imprescindível, através dele se desenvolvem e se aprimoram estudos sobre as demandas locais. Por sua vez, a luta antimanicomial no espaço acadêmico, considerando suas particularidades, abre espaço para o adensamento da perspectiva crítica, sobre a produção epistemológica na dimensão da saúde mental e da loucura, e das formas de cuidado na sociedade brasileira. Apoiada pelo Manifesto de Bauru de 1987, a luta demanda a seguridade social, a garantia aos direitos constitucionais daqueles que são usuários dos serviços de saúde, e deve estar entrelaçada com as pautas sociais locais. Ressalta-se a necessidade nas áreas da saúde, como a Psicologia, o olhar para o sujeito, considerando-se sua singularidade, mas os fatores socioculturais, históricos e étnicos que sustentam diferentes formas de sofrimento. Dessa forma, apesar do decolonial e o antimanicomial apresentarem suas particularidades, compreende-se que ambos os temas são importantes e dialogam entre si para a formação acadêmica. Entende-se então que são necessárias atitudes acadêmicas que sigam a temática supracitada para diminuir a deficiência do curso, compreendendo seu espaço de pesquisa e de desenvolvimento de vínculos e organização política e de juízo. Para tanto, a Psicologia Social Crítica contribui para a discussão desses temas através da denúncia das lógicas produzidas, inclusive no ambiente acadêmico, além de condições e relações socioeconômicas e políticas que as pessoas e a comunidade brasileiras se encontram. A intervenção se dá visando não somente preencher esse vazio dentro da grade curricular, como também chamar a atenção daqueles que a organizam da necessidade de um posicionamento, pois negar as áreas supracitadas é favorecer o apagamento da produção histórica de grupos subalternos, acarretando aniquilação e ignorância quanto às demandas dos povos locais.

Palavras-chave: decolonial, antimanicomial, formação acadêmica

76. Atuação da Psicóloga Social na educação profissionalizante: tensões e possibilidades

Iara Santos Soares

Roda 11. A luta pela democracia e o desmonte das políticas públicas de Educação, Trabalho, Saúde e Assistência Social

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão crítica da atuação da Psicóloga Social no campo da educação profissionalizante, a partir de um relato de experiência profissional, em uma ONG de formação tecnológica para jovens (de 15 à 29 anos) em situação de vulnerabilidade social, na cidade de São Paulo. A presença da Psicologia, se deu no contorno de uma equipe psicossocial, composta por psicólogas e assistentes sociais, que tinha por tarefa o desenvolvimento de ações em prol da garantia de acesso aos direitos sociais. Dentre as atribuições da psicóloga (o) constava: o atendimento individual; articulação dos casos com as redes psicossociais; desenvolvimento de ações de prevenção à saúde mental e desenvolvimento socioemocional; orientação dos direitos sociais em grupo; treinamentos para a equipe de educadores; produção de prontuários, protocolos de emergência à saúde mental, relatórios técnicos e de prestação de contas aos editais públicos e financiadores privados. A partir da Dimensão Subjetiva da realidade - categoria teórica da Psicologia Sócio Histórica - que em síntese, refere-se ao reconhecimento da subjetividade presente na objetividade no movimento contraditório da produção da realidade, podemos identificar diferentes tensões e possibilidades nesse campo. No que compete às tensões, destacam-se três pontos: 1) expectativas institucionais em relação à modelação do comportamento juvenil; 2) dificuldade do serviço em absorver o público em maior situação de vulnerabilidade social; 3) dificuldade da gestão da equipe apreender uma perspectiva transdisciplinar. Já no que concerne às possibilidades, o campo representa uma verdadeira brecha social para a construção de espaços dialógicos de reflexão acerca do caráter contraditório do mercado de trabalho, bem como de sua estreita relação com a desigualdade social. Conclui-se que ao passo que a lógica profissionalizante/neoliberal trazia diferentes tensionamentos no cotidiano profissional, na expectativa uma educação do sujeito ideal para o trabalho, ela também criava a oportunidade de operar o questionamento sobre essa realidade. Nesse sentido, ao longo do exercício profissional diversas atividades foram desenvolvidas com os jovens: oficinas de orientação aos direitos sociais, construção de debates coletivos e protagonizados pelos jovens acerca das desigualdades no mercado de trabalho; desenvolvimento de um projeto de desenvolvimento pessoal, tendo em vista o autoconhecimento a partir dos eixos de identificação social, tais como raça, classe e gênero; entre outras. Dito isso, compreende-se como potente a participação no encontro, uma vez que o trabalho articula-se a diferentes eixos temáticos da programação, especialmente no que diz respeito à expressão do caráter mercantil no campo da educação, e de estratégias de enfrentamento pela produção das relações sociais emancipatórias, a partir das referências de uma psicologia social comprometida com a transformação social e resgate dos valores democráticos.

Palavras-chave: educação profissionalizante, dimensão subjetiva, psicologia social

77. Da perspectiva adaptacionista à noção de emancipação: os caminhos da Psicologia Social no Brasil

Fernando A. Figueira do Nascimento

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

A Psicologia Social encontra no Brasil suas raízes mais distantes no interesse sobre o funcionamento das multidões. Esses trabalhos, escritos pelas mãos de médicos como Nina Rodrigues, se inspiravam no positivismo, no evolucionismo social, na psicologia dos povos de Wundt e nos estudos sobre a multidão de Le Bon e Tarde. Ao mesmo tempo, as questões étnico-raciais, como de imediato podemos perceber, assim como as noções de primitivo e desajustamento, se colocavam como fundamentais para o desenvolvimento da Psicologia e da Psicologia Social no início do século passado. Entre as décadas de 1930 e 1970, predominou a perspectiva adaptacionista e, ainda que encontremos a leitura do materialismo histórico-dialético entre os trabalhos teóricos publicados naqueles anos, de forma geral, até o último quarto daquele período, o ajustamento colocava-se como uma das funções centrais da Psicologia. No fim daquela década, como resposta à crise das Ciências Humanas, a Psicologia Social latino-americana produziu debates que não somente possibilitavam novos caminhos para a práxis psicossocial, mas também a emergência de uma perspectiva de indivíduo em relação recíproca com a sociedade. Portanto, emergia uma concepção de sujeito que, a partir da atividade dos indivíduos, religava-os com a história da humanidade, movimento que recuperava uma dimensão da vida afetiva condenada pela dominação capitalista. Nesse sentido, tendo como base a leitura da obra marxiana e dos psicólogos soviéticos (Vigotski, Leontiev e Luria), a Psicologia Social Crítica carregava em sua práxis os traços de um projeto revolucionário de emancipação. Ela se colocaria como mais que uma alternativa para a psicologia hegemônica, que inclusive a acusava de não-ciência: ela se colocava como um dos mecanismos para a transformação social sem que com isso perdesse o seu quefazer científico. Será esse o seu destino?

Palavras-chave: História da Psicologia, Psicologia Social Crítica, Emancipação

78. Loucura, gênero e raça: o discurso psiquiátrico na Revista Médica de S. Paulo (1898-1914)

Raquel Saad de Avila Morales, Belinda P. Haber Mandelbaum e M^a Cristina da Costa Marques

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

Esta pesquisa investiga o discurso produzido sobre a loucura na Revista Médica de S. Paulo: jornal prático de Medicina, Cirurgia e Higiene, que circulou, entre 1898 e 1914, no estado de São Paulo, alcançando ainda outras cidades do país e do estrangeiro. Esta revista médica, junto a outros periódicos especializados, instituições médico-sanitárias e eventos científicos, foi um importante objeto da comunidade médica paulista e teve um relevante papel na organização e fortalecimento da categoria, na luta pela regulamentação de sua profissão, nas disputas médico legais frente aos juristas e na própria fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1912). Nesse período histórico, os médicos buscavam a legitimação de sua autoridade nos métodos e terapêuticas aplicadas nos indivíduos adoecidos e, preventivamente, na população em geral, na tentativa de moldar uma população produtiva e dócil que auxiliasse na consolidação do Estado nacional brasileiro. A partir da seleção de todas as publicações que dizem respeito à Psiquiatria, Psicologia, Neurologia e Medicina Legal na Revista Médica de S. Paulo, emergiram três temas-chave - Hospício e alienação; Gênero e sexualidade; Raça, crime e leis – e, a partir deles, categorias de análise em que as publicações são descritas e costuradas. A metodologia utilizada baseia-se na historiografia crítica, especialmente no método de investigação da lógica histórica proposto por Thompson (1978/1981), além do uso de ferramentas linguísticas para o exercício de análise do discurso feito nas publicações selecionadas (Krieg-Planque, 2012). A hipótese desdobrada é que o discurso psiquiátrico se estruturou, nessas publicações, em uma avaliação moral de comportamentos sociais considerados desviantes, fundamentada em um padrão de normalidade ancorado na idealização de um modelo de família nuclear burguesa e de uma sociedade inexoravelmente capitalista, em que o rico e o pobre, o homem e a mulher, o branco e o negro deveriam reproduzir papéis sociais prescritos, abstratos e a-históricos, hierarquicamente desiguais. Os médicos, assim, se colocaram como modelo para a produção de uma verdade universal sobre os corpos e comportamentos de pessoas, famílias, grupos e populações, inaugurando no discurso médico paulista um paradigma de racionalidade que criou, ao mesmo tempo, seu oposto: o selvagem, o louco, o degenerado. Ao longo da Primeira República, a Medicina disputou prestígio social e poder político com o Direito para conseguir também deliberar sobre questões que diziam respeito à administração pública e ao controle do corpo social nacional, buscando desqualificar outras práticas de cura ligadas ao saber popular para galgar seu caminho rumo ao sacerdócio científico.

Palavras-chave: Psiquiatria, Primeira República, São Paulo

79. Acesso às Políticas Públicas: Experiências de mulheres em situação de violências em Mogi das Cruzes

Victoria Soares Vidal e Tatiana Ribeiro de Campos Mello

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

O Brasil foi considerado em 2015 o 5º país que mais mata mulheres no mundo, e em 2021 ao menos uma denúncia de violência doméstica foi registrada a cada minuto. Esse tipo de violência, reconhecida aqui como violência patriarcal, refere-se a um problema de saúde pública global, e, diante dos índices alarmantes, buscou-se analisar as experiências e trajetórias de mulheres até o acesso às políticas públicas para enfrentamento às situações de violência no município de Mogi das Cruzes (SP). Trata-se de um relato de pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, e a análise dos dados foi orientada pelo método de Análise de Conteúdo. Foram entrevistadas 13 mulheres com mais de 18 anos, sendo elas usuárias da rede de atendimento às mulheres em situação de violências no município, ativistas de movimentos sociais ou profissionais que já acompanharam as usuárias nesses serviços e equipamentos entre 2016 a 2021. Os resultados foram categorizados como “As experiências e trajetórias na rede de atendimento às mulheres em situação de violências” e divididos nas subcategorias: “Os caminhos percorridos até o acesso às Políticas Públicas: redes de apoio e as dificuldades para romper com o ciclo de violências”; “O atendimento na rede: dificuldades, ausências e potencialidades” e; “A precarização do trabalho e procura por estratégias pelas trabalhadoras”. Em seu trajeto até o acesso às políticas públicas, foi identificado que as mulheres precisam lidar não só com as violências sofridas cotidianamente, mas também com obstáculos como a falta de acesso à informação e a ausência ou despreparo para atendimento de importantes políticas públicas. Foi evidenciada a necessidade de investimento e implantação de políticas públicas de habitação e de assistência social, incluindo casa de passagem para acolhimento não sigiloso e um Centro de Referência da Mulher. A ampliação do horário de atendimento dos serviços existentes, como a Delegacia de Defesa da Mulher, e capacitação dos profissionais que atuam nesses locais também foram demandas apresentadas. Observou-se que a falta de um fluxo de atendimento estabelecido tem dificultado os atendimentos no município, exigindo iniciativa pessoal dos profissionais para condução dos casos. Identificou-se que as trabalhadoras da área vivenciam condições de trabalho precarizadas, muitas vezes excedendo sua carga de trabalho para suprir a ausência de serviços especializados e com capacidade de atendimento adequado ao porte do município. Considera-se que os movimentos sociais têm tido papel importante para reivindicação e promoção de acesso às políticas públicas para as mulheres e para fortalecimento das profissionais que atuam na área. Para enfrentamento à violência patriarcal, considera-se fundamental o investimento em políticas públicas e em educação em direitos, bem como controle social constante para enfrentar os desmontes e frequentes ameaças aos direitos das mulheres, não só por suas parcerias íntimas, mas pelo próprio Estado.

Palavras-chave: Políticas públicas, violência patriarcal, violência doméstica

82. Mulheres que figuram como vítimas de violência por parceiro íntimo e a repetição do não-lugar: o real intransponível do sofrimento sociopolítico na rua.

Tacianna Pedrosa

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

Problema/justificativa: A violência de sexo-gênero dentro de um relacionamento íntimo é um fenômeno que cresce mundialmente, mesmo em detrimento do também crescimento das leis e punições para tal (Segato, 2016). Pesquisas bibliográficas apontam o aumento de mulheres em situação de rua e a relação do fenômeno com a falta de políticas habitacionais para as mulheres, porém o tema é subexplorado (Mayock, et. al , 2017). Tais constatações trazem consigo o escopo de um problema complexo e multifatorial que não se esgota apenas com o estudo de uma disciplina. Buscando possibilidades para lidar com a complexidade que se impõe, sugerimos o apontamento de alguns entraves que surgem no cotidiano das práticas das políticas públicas a fim de elaborar algumas notas para enfrentamento ao problema. 1. A mulher como vítima, apenas; 2. O homem como agressor, apenas. 3. As instituições e a reprodução do pensamento patriarcal; 4. O feminino como “problema”; 5. Violência institucional como prática; 6. A rua como saída ou resistência? Objetivo: apresentar e discutir alguns problemas na construção da práxis dos profissionais que atuam no atendimento às mulheres que figuram como vítimas de violência na interface com a falta de políticas habitacionais. Pressupostos teóricos: críticas às políticas públicas para as mulheres apontam a inexistência da perspectiva de gênero na construção destas políticas, dito isto, buscamos referenciais teóricos que dessem conta de discutir o tema do sofrimento sócio político engendrado. Desta feita, ancoramos a discussão pautadas na categoria gênero, mais especificamente no feminismo da diferença e na psicanálise lacaniana a fim de tecer um construto teórico que possa contribuir para pautas urgentes como violência e habitação. Discussão: O discurso da época sobre a violência contra a mulher, pode em determinados enquadres aprisionar a mulher no papel de vítima, o que, ao cristalizar esta posição, reduz a mulher, que poderia ser, além e apesar de vítima, outras (Cerruti; Rosa, 2008). O homem por sua vez, cristalizado no papel de agressor, perde a possibilidade de ressignificar a passagem ao ato violento. No cuidado e atenção a estas mulheres, existem relatos de violência institucional narrados pela literatura sobre o tema, que resguardam relação com o pensamento patriarcal e o ódio ao feminino. Práticas misóginas são percebidas em profissionais mulheres que atendem outras mulheres. Conclusões: Os problemas apontados nesta discussão, engendram o real intransponível e indizível, paralisando muitas vezes estas mulheres gerando um sofrimento com e apesar do corpo. O ciclo da violência, ou as rotas críticas que as mulheres que figuram como vítimas de violência podem enfrentar contribuem para a ida e permanência na rua.

Palavras-chave: violência de sexo-gênero, interseccionalidades, mulheres em situação de rua

83. A prática psicológica no SUAS: contornando a Psicologia a partir de uma perspectiva histórico-ontológica

Jéssica Magalhães Andrade

Roda 4. Racismo, sexismo e capitalismo: Psicologia, movimentos sociais ao alcance da complexidade sociopolítica, racial e de gênero de mulheres negras assistidas pela assistência social e Roda 7. Mecanismos capitalistas de opressão e perfis populacionais violados: a psicologia social em combate aos projetos de marginalização da existência humana

A Psicologia no Brasil como ciência e profissão, apresenta como um de seus traços constitutivos, o desenvolvimento em diferentes vertentes científicas e práticas profissionais. Deste modo, seu saber/fazer, sua consistência e propósito de suas práticas surgem muitas vezes como indagação que permeia tanto o público que procura este atendimento especializado, como também as/os próprias/os psicólogas e psicólogos, especialmente quando a atuação destes situa-se no campo da política pública de assistência social. A despeito deste último, é sabido que se trata de um conjunto de serviços e ações governamentais que visam o cuidado, assistência e gerenciamento às pessoas marginalizadas ou mais empobrecidas da população de um determinado território. Assim, o objetivo desta proposta versa apresentar uma reflexão acerca da atividade profissional realizada por psicólogas e psicólogos na esfera do sistema única de assistência social, segundo os pressupostos da psicologia histórico-cultural e do materialismo histórico e dialético. Para tanto, utiliza-se o levantamento e análise teórico bibliográfica, de modo que estes forneçam subsídios à elaboração de reflexões que contemplem uma análise de cunho ontológico em relação a referida prática. Deste modo, o componente ontológico, em seu caráter reflexivo, permite conhecer a realidade como ela é, em sua estruturação histórica e social, por intermédio da práxis humana (NETTO, 2011). Portanto, tal componente aproxima-se dos constructos históricos, fornecendo ferramentas para que se alcance o sentido do objeto, que neste estudo, é a prática. Como apontamentos aproximativos entre a temática de discussão proposta pelo grupo de trabalho e a pesquisa, indica-se o contexto da realidade brasileira atual, após a crescente tomada de ideias conservadoras que caminham na contramão de quaisquer paradigmas científicos, e da acentuada exclusão e invisibilidade das/os usuárias/os do SUAS perante às condições básicas de acesso ao trabalho (formal ou informal), alimentação, saúde, educação, cultural, lazer etc. Estes traços ressoaram diretamente tanto na atuação do profissional psi que, neste interim, tem suas atribuições diluídas em retrocessos de caráter assistencialista e restritivo, na contramão da proposta da referida política que postula a possibilidade de propiciar e fornecer condições de estímulo ao desenvolvimento da autonomia dos sujeitos. Além disso, o antagonismo presente no histórico da Psicologia como ciência elitista, e sua viabilização a perfis populacionais marginalizados e muitas vezes violados, implica em uma necessidade de disposição maior da/o profissional em buscar teorias que extrapolem o formato do setting terapêutico tradicionalmente clínico, e que combatam o eurocentrismo, o racismo, a heteronormatividade, o patriarcado e o machismo, de forma a melhor contemplar as demandas apresentadas por esse público, que perpassam o favorecimento de processos de conscientização, empoderamento e enfrentamento.

Palavras-chave: Psicologia, Atividade, SUAS

| |
|--|
| 84. Grupo de Escuta: Afetos no processo de tornar-se psicólogo |
| Milena Mendes Chiodi, Letícia Akemi Sugi Mogami e Elisa Harumi Musha |
| <i>Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia</i> |
| <p>Objetivo geral: Apresentar relatos de vivências de estudantes que fazem parte do projeto de extensão "Práticas de cuidados psicossociais na formação em psicologia" que está vinculado ao Programa de Orientação e Aconselhamento para Alunos(as) de Psicologia (POA-Psi) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), com coordenação de uma professora e de estudantes de diferentes etapas. O projeto é desenvolvido por meio da formação de um Grupo de Escuta que se propõe a ser um espaço de partilha e discussão, sobre temas que perpassam a formação dos estudantes de psicologia entre o 3º e 10º semestre de formação, como angústias, anseios e inseguranças advindos, principalmente, do processo de tornar-se psicólogo. Nele, nos reunimos com o objetivo de escolher um tema comum e trabalhá-lo por meio de ferramentas como: fotolinguagem, meditação guiada, rodas de conversa, discussões.</p> <p>Justificativa do tema e da participação no encontro: A principal motivação para o presente estudo é a carência de grupos que promovem a convivência entre estudantes de Psicologia e que permitem o diálogo aberto sobre as angústias, ansiedades e afetos durante a formação. Consideramos que o diálogo com iguais é uma prática enriquecedora e fundamental na formação íntegra da(o) Psicóloga(o), de modo que permite a validação e compreensão dos sentimentos que surgem ao longo da formação. Explicitação do referencial teórico-metodológico: O trabalho é baseado na psicologia sócio-histórica e utiliza a observação das práticas em grupo e a interlocução teórica entre diferentes autores(as), como Lev Vygotsky, Baruch Spinoza, Paulo Freire, Martín-Baró e Bader Sawaia. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação participante, no formato de um grupo aberto para estudantes de diferentes semestres do curso de Psicologia. Considerações finais: Ao longo das reuniões, foi possível entender a importância da convivência com pares para a formação, pois, além do compartilhamento de assuntos angustiantes, também há muito acolhimento. Dessa forma, permanecer na graduação torna-se mais leve, e o conviver com maior proximidade com outros alunos da instituição, sendo a maioria do grupo muito diversa quanto aos semestres, é muito interessante por possibilitar diversas trocas. A respeito dos afetos é importante ressaltar que estão ligadas à concepção de Spinoza. Nesse sentido, o(a) futuro(a) psicólogo(a) deve estar apto(a) a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e cuidado da saúde psicológica e psicossocial por meio da tomada de decisões, comunicação, mediação no trabalho em equipe multiprofissional, gerenciamento dos processos de trabalho, além de apresentarem compromisso com a formação permanente. Portanto, como resultado esperado temos que as práticas de cuidado psicossocial estão em movimento constante com a formação da(o) futura(o) profissional que aprende, ao mesmo tempo, em que produz conhecimento.</p> |
| Palavras-chave: Formação em Psicologia, Psicologia sócio-histórica, Afetos |

85. Grupo de Escuta: inclusão e acolhimento de estudantes bolsistas em universidades particulares

Sarah Oliveira de Souza, Elisa Harumi Musha e Gianpedro Pinto Fogagnoli

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

Objetivo geral: Apresentar o projeto de extensão "Práticas de cuidados psicossociais na formação em psicologia" que está vinculado ao Programa de Orientação e Aconselhamento para Alunos(as) de Psicologia (POA-Psi) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), com coordenação de uma professora e de estudantes de diferentes etapas. Os objetivos específicos são: Contribuir para disseminar a extensão e pesquisa na instituição de ensino; Contribuir para a formação interdisciplinar; Contribuir para os processos de formação crítico-reflexiva no que diz respeito à inclusão e acolhimento de estudantes bolsistas. Justificativa do tema e da participação no encontro: O trabalho justifica-se pela possibilidade de compartilhar experiências a respeito da criação de um espaço de cuidados psicossociais das possíveis vivências de sofrimento psíquico de estudantes bolsistas em universidades privadas. A principal motivação para o estudo é a carência de grupos que promovem a convivência entre estudantes de Psicologia e que permitem o diálogo aberto sobre angústias, ansiedades e afetos da formação, sobretudo, a partir de atravessamentos como o de classe social das(os) estudantes. Referencial teórico-metodológico: O trabalho é baseado na Psicologia sócio-histórica e utiliza a observação das práticas em grupo e a interlocução teórica entre diferentes autores(as), como Lev S. Vygotsky, Baruch Spinoza, Paulo Freire, Martín-Baró e Bader Burihan Sawaia. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação participante, sendo os procedimentos adotados a formação de um grupo aberto para estudantes de diferentes turmas do curso de Psicologia. Conclusão: Diante das reuniões realizadas, entende-se que o processo de se estudar psicologia têm apresentado complicações na vida da(os) estudantes bolsistas no âmbito das comparações, idealizações e incertezas da profissão e, principalmente, das dificuldades de cuidar de outros sem cuidar de si mesmo. Além disso, também é possível perceber semelhanças nas angústias apresentadas pelos alunos e no modo de se relacionar com a formação. Sendo assim, o Grupo de Escuta está inserido na universidade enquanto instrumento capaz de gerar uma mobilização dos afetos no sentido da promoção de saúde mental e do aumento da potência de ação desse grupo.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Psicologia sócio-histórica, Estudantes bolsistas

86. Vivências afetivas na formação em psicologia: andanças de uma pesquisadora no cotidiano ou caminhos para saúde ético-política

Elisa Harumi Musha e Bader Burihan Sawaia

Roda 1. Práticas e desafios da formação em psicologia

Objetivo geral: Analisar as vivências afetivas na formação em psicologia em Instituições de Ensino Superior privadas na Região Metropolitana de São Paulo. Justificativa do tema e da participação no encontro: Ao considerar a graduação em Psicologia como necessariamente tecida na rede de afetos entre diferentes e diversas atrizes e atores que a compõem. O cenário que abarca a observação desta materialização é a defesa do processo de formação da psicóloga como espaço crítico-reflexivo na organização e promoção do desenvolvimento humano. A perspectiva dos afetos em Espinosa (2009) foi o viés para a experiência compartilhada de aprender, propiciando a transformação da(o) passiva(o) aluna(o)-espectador(a) em uma pessoa com senso crítico e reflexivo. Referencial teórico-metodológico: Para colaborar com essas reflexões, a pesquisa de doutorado em andamento elegeu o referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica e da filosofia monista de Espinosa. Esta pesquisa está ancorada em uma visão do ser humano como produto e produtor da história e tendo a capacidade de colocar sua marca na cultura e de transformá-la com sua capacidade de criar e fazer escolhas, ao mesmo tempo que é determinado por ela. “O homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história” (LANE, 1992, p. 12). A respeito das determinações sociais, Sawaia (2001), inspirada em Vygotsky, defende que elas não eliminam a capacidade de singularização e de criação dos sujeitos, ao contrário, afirma que não há singularidade fora da sociedade, exatamente por esta não ser estado de natureza, mas historicamente configurada. Para desenhar o caminho dessa pesquisa utilizamos os estudos de Peter Spink (2008) que problematiza a visão clássica e ainda dominante de “campo” na psicologia social como sendo um lugar onde as pessoas podem ser vistas no seu habitat “natural”, que existe num lugar específico, e quando a pesquisadora não está mais naquele lugar, não está mais no campo. Considerações: O trabalho identificou o quanto a felicidade neoliberal bloqueia a sensibilidade do corpo – “não é possível sentir que eu soffro”. No neoliberalismo há a criação de soldados insensíveis. O empresário não pode sentir como uma pessoa, pois é um explorador ou como mostrou-me a vivência em uma das Instituição de Ensino Superior da qual fui coordenadora, a atualização do sujeito neoliberal encarnado na cultura do viking. Diante desse cenário, compreendemos o nosso compromisso histórico com a formação em psicologia que seja capaz de promover saúde ético política, permeada por desejo, afeto e sensibilidade.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Psicologia sócio-histórica, Teoria dos afetos

87. Da orla às palafitas: uma análise do percurso formativo interdisciplinar em psicologia e políticas públicas

Beatriz Ferreira Pontes

Roda 8. Práxis no SUAS: os desafios do pensar em ação pela dignidade humana e defesa intransigente de direito

A experiência de formação interdisciplinar da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, desde o início incentiva os discentes a estarem em diferentes territórios da cidade de Santos/SP. A mesma cidade que historicamente ostenta títulos de qualidade de vida para a população, também possui regiões que é reflexo das desigualdades estruturais do Brasil, a Zona Noroeste, região que abriga a maior favela de palafitas do país. Através das experiências de estágio e extensão em equipamentos de saúde e proteção social inseridos em território vulnerável, tenho como intuito refletir sobre os processos inerentes à questão social no Brasil buscando compreender o papel psicologia social inserida nas políticas públicas nesse contexto. Busquei através do relato de experiência da minha formação acadêmica, refletir acerca do contexto social em que se deu a formação profissional. Nesse sentido, pude vivenciar um intenso processo de formação pessoal em direção a produção de um saber-fazer em psicologia que esteja comprometido com a transformação social, e gostaria de compartilhá-lo no encontro regional. Dessa maneira, pude compreender que formação em psicologia de maneira crítica precisa dar conta da amplitude e da complexidade da questão social, dos processos psicossociais que se constituem em uma realidade desigual, bem como favorecer experiências que exercitem a construção de respostas a tais situações. Esta não é uma tarefa que se cumpre apenas a partir de uma prática profissional, mas sim na aliança com a própria população atendida, com a garantia da participação social nas políticas públicas, na interlocução e produção de um comum com outros saberes e práticas que compõem o território.

Palavras-chave: Desigualdade Social, Políticas Públicas, Relato de Experiência

88. Relato de Experiência acerca do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos da Unesp de Rio Claro

Marina Gonçalves Muritiba, Tatiely Thomaz de Godoy, José Diogo de Oliveira Gomes, Kauê Frolini e Pedro dos Santos

Roda 9. Políticas Públicas e os desafios postos à democratização da educação no contexto da realidade brasileira

Neste trabalho objetivamos partilhar a experiência e reflexões críticas decorrentes do desenvolvimento do Projeto de Extensão “Educação de Jovens e Adultos” em parceria com o Centro de Ressocialização Feminino e uma Escola Municipal de um município do interior paulista. Foram realizados encontros semanais com um grupo de 15 reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino, realizando trabalho voluntário junto a elas. Nesses encontros, foram ministradas oficinas nas quais o foco era trabalhar temas de interesse das reeducandas em uma abordagem não formal como a tradicional do ensino básico, visto que optamos por trabalhar a curiosidade e a identidade de cada uma. No período de 4 meses, foram conduzidos estudos sobre conhecimentos gerais sugeridos pelas próprias reeducandas, as quais demonstraram muito interesse em História, Geografia, Economia, assim como artes e trabalhos manuais. Construir esse diálogo foi uma tarefa prazerosa e que não demandou esforço técnico de nenhuma das partes, mostrando que há um terreno fértil para a educação e a emancipação dessas mulheres. Na Escola Municipal foram realizados encontros semanais com os alunos da modalidade de ensino EJA durante 4 meses, nos quais o foco era levar também conhecimentos gerais e oficinas de preferência dos mesmos, gerando, dessa forma, um ensino voltado para as dificuldades de cada aluno. O diálogo estabelecido se mostrou um pouco mais fechado por conta de todas as dificuldades que esses alunos enfrentavam em seu dia a dia, tais como a distância de suas casas até a escola, o atraso do transporte público e as longas jornadas de trabalho, bem como a resistência dos cônjuges e da família em algumas ocasiões. Entendemos que os dados presentes no relato de experiência dialogam com a proposta, tendo em vista a análise sob uma perspectiva materialista histórico dialética e uma reflexão concreta voltada para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais que atuam sobre esses grupos marginalizados e destituídos de seus direitos básicos, como a educação, assim como os desafios para o processo de formação e extensão, no sentido de romper com os preconceitos e visões meritocratas que perpetuam as desigualdades e as condições de vida sub humanas.

Palavras-chave: Educação, Emancipação, Diálogo

89. Cuidado em exclusão social: Metassíntese com abordagens da Psicologia Social Crítica, da ética feminista e da decolonialidade no confronto comunitário à pandemia de COVID-19 e à necropolítica entre 2016 e 2022

Claudia Camilo de Oliveira e Carlos Roberto de Castro e Silva

Roda 5. Mulheres e suas lutas: afetos, compromisso ético-político e possibilidades de enfrentamento às violências e violações de direitos

Tendo o cuidado como objeto de pesquisa, observamos que os desdobramentos da desigualdade social, acirradas pela pandemia de COVID-19 e a necropolítica do governo Bolsonaro, continuam sendo um desafio para a efetividade de políticas públicas de saúde, de cuidado e sociais, principalmente em territórios de exclusão social. O objetivo é compreender como cuidado acontece em território de exclusão social, frente a pandemia da COVID-19 no contexto sindêmico, relevando processos intersubjetivos e afetivos envolvidos na organização comunitária. O método abarca uma metassíntese (Sandelowski; Barroso 2007), a partir de estudos primários qualitativos com pesquisa participante, feita com lideranças comunitárias e profissionais da atenção básica do SUS da Região Metropolitana da Baixada Santista, pesquisados pelo Laboratório de Estudos sobre as Desigualdades Sociais (LEDS), desde 2010 até 2023. O referencial teórico para análise foca na intersubjetividade trazida pela psicologia sócio-histórica crítica, com abordagens da ética de base feminista e da decolonialidade, pois contribuem para uma melhor compreensão de relações e práticas em torno do cuidado cotidiano e dos afetos das pessoas que enfrentam a exclusão social em meio a sindemia. Os resultados indicam o espectro sindêmico com a presença da pandemia e do acirramento das graves consequências dos sistemas de exploração patriarcal: colonialismo, capitalismo e neoliberalismo, produzindo o aumento dos bolsões de pobreza, ainda não reparados historicamente (fome, violências, sofrimentos e adoecimentos) e, ao mesmo tempo, a resistência da luta de classes, considerando os marcadores gênero e raça/etnia, expressas na luta das mulheres negras, lideranças e agentes comunitárias de saúde, através da valorização e compreensão de aspectos da intersubjetividade manifestadas pelo sentimento do comum, do acolhimento e da percepção de comunidade. As conclusões parciais apontam para a importância dessas mulheres no processo de emancipação e politização do cuidado, balizado pelas categorias ético-política-decolonial. Elas contribuem para o fortalecimento de formas de participação social engajadas, conscientes e emancipatórias, com a solidariedade e os saberes socioambientais, na busca da plena cidadania. A justificativa para o tema ser incluído neste evento, advém da rica contribuição dos saberes e práticas em torno do cuidado e da sobrevivência durante a pandemia em territórios de exclusão social, considerando o desmonte na saúde a partir do governo de Temer através da Emenda Constitucional 95 em 2016 e a piora deste processo durante o governo de Bolsonaro, com o agravamento da sindemia e da necropolítica. Como antropóloga, minha motivação foi aprofundar na compreensão de como essas mulheres vem sobrevivendo, criando seus filhos e cuidando da comunidade, em condições tão adversas aos direitos humanos, há séculos, para além dos aspectos antropológicos, ou seja, considerando a dimensão da psicologia social crítica. Nesse sentido, o vínculo, a intersubjetividade e a afetividade, aparecem como potentes ferramentas.

Palavras-chave: Cuidado, COVID-19, exclusão social, intersubjetividade, comunidade.